



foto: Francisco Ribeir

Brasil do Boi

M331b

28275/BC

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

**BRASIL DO BOI: ANÁLISE DOS MEIOS, SUAS LIMITAÇÕES E A
BUSCA DE UMA LINGUAGEM MAIS EFICIENTE.**

Maria Francisca do Rosario Bueno Marcello

Campinas
1996

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
Mestrado em Multimeios

**BRASIL DO BOI: ANÁLISE DOS MEIOS, SUAS LIMITAÇÕES E A
BUSCA DE UMA LINGUAGEM MAIS EFICIENTE.**

Maria Francisca do Rosario Bueno Marcello

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Maria Francisca
do Rosario Bueno Marcello
e aprovada pela Comissão Julgadora em
11/07/96

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em
Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP como
requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em
Multimeios, sob a orientação da Prof^a Haydée
Dourado F. Cardoso do DMM-IA.

Prof.ª Dr.ª Haydée Dourado F. Cardoso
orientadora/presidente

CAMPINAS - 1996

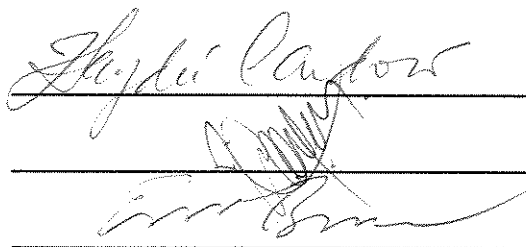
DATA DA DEFESA:

COMISSÃO JULGADORA

PROFA. DRA. HAYDÉE DOURADO F. CARDOSO

PROF. DR. MARCIUS C. S. FREIRE

PROF. DR. ERON BRUM



Handwritten signatures of Haydée Dourado F. Cardoso and Eron Brum on horizontal lines.

Para Paulo Francisco, filho e
amigo.

Agradecimentos

Para Antonia, Melo e Dirce, pelo carinho e apoio.

Para a CAPES que por dois anos e meio apoiou financeiramente o curso de Mestrado com bolsa de estudos, possibilitando a realização deste trabalho. Aos colegas e professores da UNICAMP pelo respeito e atenção.

ÍNDICE

	PÁG.
Resumo	5
Introdução	6
Capítulo 1 - A Comunicação Rural em Campo Grande	11
1.1 Meios de Comunicação Existentes	12
1.2 O Trabalho das Instituições na Comunicação Rural	14
1.3 Programas rurais na TV Comercial	26
Capítulo 2 - O peão e a comunicação	31
2.1 Observação de Vídeos junto aos Peões	34
2.2 Pesquisa de campo	40
2.3 Os Ruídos da Comunicação	47
Capítulo 3 - O Programa MS Rural	53
3.1 As Características do Programa	57
3.2 As Características do Programa Globo Rural	58
3.3 Reportagens Seleccionadas para Análise	61
3.4 Análise das Reportagens	62
Capítulo 4 - Conclusões e recomendações	101
Bibliografia	109
Anexo 1 - Glossário	117
Anexo 2 - Espelhos MS Rural	121
Anexo 3 - Descrição das Reportagens Seleccionadas para Análise	159
Anexo 4 - Cópias xerográficas de história em quadrinhos	183

RESUMO

Brasil do Boi: análise dos meios, suas limitações e a busca de uma linguagem mais eficiente discute a questão da comunicação no meio rural, especificamente junto aos peões de gado de corte do Mato Grosso do Sul.

O trabalho contextualiza as condições de Campo Grande, capital do Estado, em termos de cobertura comunicacional no meio rural através dos órgãos oficiais e a comunicação a partir da TV para a região. É realizada uma análise videográfica do programa de TV MS Rural, levado ao ar semanalmente, há mais de dez anos, pela emissora líder de audiência no Mato Grosso do Sul.

A metodologia empregada é a da análise lexical, de Michel Thiollent, com levantamento de palavras do texto, a frequência dos termos, a proximidade, oposição e associação entre palavras-chave. Além da pesquisa quantitativa há a pesquisa de conteúdo, com a análise das principais correlações entre as palavras-chave.

O trabalho mostra as deficiências da prática engendrada, com falhas e interferências no processo comunicacional, prejudicando a sua realização por inteiro. O público-alvo da pesquisa - o peão de gado de corte - tem limitada a sua capacidade de compreensão a partir da estruturação criada para o programa, que não o inclui nas suas preocupações e objetivos, da forma como vem sendo desenvolvido até aqui.

Há sugestão de práticas a serem adotadas com a finalidade de conseguir estabelecer o processo de comunicação por inteiro, provocando mudança de atitude no público rural, receptor das mensagens. O objetivo é que a comunicação se processe de forma eficiente, minimizando as dificuldades da vida no campo, com informações básicas para a melhoria de condições de trabalho e de vida.

INTRODUÇÃO

A **Comunicação no Brasil do Boi: análise dos meios, suas limitações e a busca de uma linguagem mais eficiente** é um estudo que pretende contribuir com as reflexões sobre a comunicação rural que se processa no Mato Grosso do Sul. A nossa preocupação central é em relação à comunicação engendrada junto ao peão de gado de corte, no caso específico da região rural da capital do estado, Campo Grande.

Com uma economia voltada quase exclusivamente para a pecuária de corte, o Mato Grosso do Sul apresenta uma série de deficiências no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico na área.

A população de Mato Grosso do Sul¹ é de 1.780.373 pessoas, das quais 365.926 na zona rural. Na microrregião² de Campo Grande são 575.934 pessoas com uma população rural de 30.704 pessoas. Destas, um terço são analfabetas e outro tanto semi-alfabetizadas.

Pretendemos discutir em nosso trabalho as possibilidades da televisão ser meio de comunicação eficaz e com uma resposta rápida neste processo de comunicação. Este meio tem a possibilidade de melhorar as condições de vida do homem do campo a partir do momento que é utilizada com o intuito de prestar serviços sobre prevenção, higiene, noções básicas de saúde, alimentação, etc.

Leve-se em conta as condições geográficas do Estado, ocupado em grande parte pelo Pantanal Sul-mato-grossense, que durante seis meses do ano permanece alagado e em muitos pontos inacessível, provocando dispersão e transtornos para o transporte de gado para regiões não alagadas. Todos esses são elementos de dificuldade, mas, mesmo abarcando a região ao redor da capital, Campo Grande, que não tem este tipo de característica, ainda assim o peão, que maneja cotidianamente o gado de corte, é raramente considerado como público alvo da comunicação rural.

Além disso, os vários órgãos governamentais que trabalham na área de pesquisa e extensão rural apresentam deficiências para atender o homem do campo: verbas reduzidas, falta de pessoal habilitado, desaparelhamento. A transferência de tecnologia esbarra, então, numa série de obstáculos comprometendo o projeto de efetiva comunicação rural na área.

Nesse sentido, partilhamos das preocupações abordadas por Paulo Freire⁴ sobre a questão do extensionismo rural. A extensão rural acaba por não levar em conta a realidade em que o homem rural está inserido e tenta produzir um trabalho de persuasão, sem se aprofundar num verdadeiro processo educativo, que seria atingido numa eficiente relação de comunicação.

O peão de gado de corte vive isolado num restrito contato externo. Seu conhecimento/novas informações sobre o mundo ocorre, principalmente, via rádio e televisão. Nosso trabalho se deterá sobre o problema da televisão e o papel que pode desempenhar neste processo de comunicação.

No capítulo primeiro abordaremos a comunicação rural em Campo Grande, com a contextualização dos meios de comunicação existentes, as instituições que trabalham com a comunicação rural e o programa de TV MS Rural, um programa semanal, de uma hora de duração, voltado para o público rural, veiculado pela TV Morena, afiliada da Rede Globo no Mato Grosso do Sul. Será problematizado o processo comunicacional no meio rural e serão definidos os órgãos oficiais que, direta ou indiretamente, tratam da comunicação com o peão da fazenda e as características desta comunicação. Serão apresentados ainda os dados localizando os serviços de rádio e televisão que servem a esta área e o alcance do programa MS Rural.

No segundo capítulo trataremos do papel do peão de gado de corte no contexto econômico do Mato Grosso do Sul e aspectos ligados à comunicação com este público rural. Serão mostradas as conclusões tiradas a partir da exibição de vídeos sobre o programa MS Rural para o peão de

Campo Grande e as falhas existentes nesta comunicação. Neste capítulo serão apresentados também os dados e as conclusões de uma pesquisa de campo realizada nas fazendas nos arredores de Campo Grande, com a tentativa de mostrar as características e peculiaridades da vida do homem do campo. Foram pesquisadas fazendas de médio e grande porte, especificamente de gado de corte. Nas entrevistas foram tratados os principais problemas dos peões na zona rural, as características das fazendas, as condições em que se processa a comunicação dentro das fazendas e o contato com o público externo.

No terceiro capítulo serão apresentadas as características do Programa MS Rural e as diferenças existentes com o Programa Globo Rural, veiculado pela Rede Globo de Televisão, aos domingos de manhã, para todo o País. Será feita a análise dos vídeos do programa MS Rural. Para isso foram gravados programas durante um mês no ano de 1994. Foram selecionadas algumas reportagens em cada um dos programas e realizada a análise. A metodologia empregada foi a análise lexical, de Michel Thiollent⁵, com a apuração de forma e conteúdo das mensagens transmitidas. Este tipo de metodologia permite um levantamento exaustivo das palavras contidas no texto, a freqüência das palavras, a proximidade com outras e também a análise qualitativa, ao incluir a análise da oposição entre as palavras-chave, as associações, as substituições. Esta metodologia nos permite traçar um quadro das principais relações estabelecidas no texto. Fazemos também a análise das imagens, a partir da metodologia proposta por Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété⁶, com ênfase para os movimentos de câmera e raccords⁷.

No capítulo final teceremos as conclusões a partir dos dados levantados por este trabalho, apontando as falhas que se processam nesta comunicação com o homem do campo. Serão arrematadas as reflexões sobre a eficiência do programa MS Rural como comunicador que cumpre ou não sua finalidade, qual seja, de enviar uma mensagem que seja compreendida pelo receptor e que provoque uma evolução de atitude e aplicação dos conhecimentos “aprendidos-apreendidos”⁸. Consideramos problemas no processo comunicacional engendrado pelos órgãos oficiais e pelo programa MS Rural e a dificuldade de atingir as propostas de melhoria das condições

de vida e de higiene para a população rural. Com este trabalho verificaremos se os programas de comunicação rural via televisão têm desempenhado o seu papel na comunicação e sugeriremos algumas alternativas para torná-los mais eficientes.

Notas

¹ Informações do Censo Demográfico do IBGE - 1991 in Censo Demográfico - 1991 - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, IBGE, 1993.

² O estado de Mato Grosso do Sul, com 73 municípios, está dividido em 4 Mesorregiões, a saber: Pantanaís Sul-mato-grossenses, Centro Norte do Mato Grosso do Sul, Leste do Mato Grosso do Sul e Sudoeste do Mato Grosso do Sul. As microrregiões são 11, a saber: Baixo Pantanal, Aquidauana, Alto Taquari, Campo Grande, Cassilândia, Paranaíba, Três Lagoas, Nova Andradina, Bodoquena, Dourados e Iguatemi.

³ EMPAER é a sigla de Empresa de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural. EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. FAMASUL - Federação da Agricultura de Mato Grosso do Sul.

⁴ FREIRE, Paulo - Extensão ou Comunicação Rural, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 72.

⁵ THIOLENT, Michel - Opinião Pública e Debates Políticos, São Paulo, Ed. Polis, 1986, pp. 59-64.

⁶ VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne - Ensaio sobre a análise fílmica, São Paulo, Papyrus Ed., 1994.

⁷ Raccords - passagens de um plano para outro, segundo definição de Vanoye/Goliot-Lété.

⁸ FREIRE, Paulo, *Op. Cit.*, p. 28.

CAPÍTULO 1 - A COMUNICAÇÃO RURAL EM CAMPO GRANDE

Historicamente, o gado se instalou no Mato Grosso do Sul por volta de 1800, quando os espanhóis trouxeram algumas cabeças de gado do Peru para o Planalto de Maracaju. Este gado era criado solto e muitas reses tornaram-se selvagens, o que explica o aprisionamento de reses pelos bandeirantes em suas incursões para o oeste. O gado também entrou na região por Santana de Paranaíba, por volta de 1829, devido às condições propícias de campos e rios. Este povoamento foi lento mas progressivo, expandindo-se de Cuiabá (MT), a Uberaba (MG) e Araraquara (SP).

Quanto à economia, a pecuária é a principal atividade do estado, caracterizando-se por ser eminentemente de corte. São 20.394.609 cabeças, das quais apenas 612.306 são vacas ordenhadas¹. A agricultura deixou de ser puramente de subsistência, contando com as plantações intensivas de trigo e soja e, em menor escala, milho, mandioca, algodão, feijão, cana-de-açúcar, a partir de 1970.

A indústria é incipiente, tendo evoluído apenas a ligada aos produtos alimentares, a extração de minérios não metálicos e madeira. Serrarias aparecem em bom número nos municípios de Iguatemi, Dourados, Naviraí, Ponta Porã e Amambai. Na região nordeste do estado, os cerrados vão dando lugar para eucaliptos e pinos. Com o reflorestamento, novos investimentos estão sendo feitos na área de industrialização de madeira, com a instalação em todo o estado de fábricas de tacos, portas, janelas, móveis, molduras, etc.

O estado possui 73 municípios divididos em onze micro-regiões, que são: 1) Baixo Pantanal; 2) Aquidauana; 3) Alto Taquari; 4) Campo Grande; 5) Cassilândia; 6) Paranaíba; 7) Três Lagoas; 8) Nova Andradina; 9) Bodoquena; 10) Dourados e 11) Iguatemi.

Para este trabalho, a micro-região que nos interessa é Campo Grande. A capital do Estado possui uma população de 521.656 pessoas

(255.271 homens e 266.385 mulheres), divididos em 517.066 pessoas na zona urbana e 4.590 pessoas na zona rural. Dentre a população maior de 5 anos de idade (463.358 pessoas), 402.086 são alfabetizadas. Na zona urbana estão 399.291 pessoas e na zona rural 2.795 pessoas alfabetizadas².

população	homens	mulheres
521.656	255.271	266.385

zona urbana	zona rural
517.066	4.590

pessoas alfabetizadas maiores de 5 anos	
zona urbana	zona rural
399.291	2.795

1.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO EXISTENTES

Campo Grande possui um aeroporto internacional, com vôos diários para São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Cuiabá, além de linhas comerciais internas no Estado, com ligação para Corumbá, Ponta Porã e Dourados.

A capital possui 14 (catorze) emissoras de rádio, sendo 7 (sete) OM (Ondas Médias), 2 (duas) OT (Ondas Tropicais) e 5 (cinco) FM (Frequência Modulada). O rádio é de extrema importância como elo de ligação com o mundo externo neste estado, particularmente caracterizado por sua grande extensão rural e o isolamento da vida nas fazendas.

Segundo o IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-, no Censo Demográfico realizado em 1991, do total de 448.169 domicílios particulares do estado, 369.504 possuem aparelho de rádio e 78.665 não possuem nenhum aparelho de rádio. Em termos de moradores, 1.508.063 pessoas, dentre as quais 327.483 na zona rural, possuem aparelho de rádio

Total de dom. particulares	possuem rádio	não possuem rádio
448.169	369.504	78.665

número de moradores	zona rural
1.508.063	327.483

Este número é bem expressivo se levarmos em conta o número de moradores que possuem geladeira: 1.281.676 pessoas, das quais 159.654 na zona rural ³. A geladeira é um eletrodoméstico de importância na região, dadas as suas características climáticas, em que o inverno é seco e com baixa umidade relativa do ar e o verão tem altas temperaturas e muita chuva, a chamada época das águas.

Os dados mostram o rádio como um meio de comunicação de massa de grande relevância neste estado. Mas não nos aprofundaremos neste trabalho nas possibilidades do rádio, detendo-nos mais especificamente na televisão. Esperamos que o rádio seja motivo de outra pesquisa, em outra ocasião.

Na área televisiva, Campo Grande, a capital do estado, é servida por 5 (cinco) emissoras de televisão, a saber: TV Morena (afiliada da Rede Globo de Televisão), TV Campo Grande (afiliada do SBT), TV Record (afiliada da Rede Record, ex-TV Manchete), TV Guanandi (afiliada da Rede Bandeirantes de Televisão) e TV Educativa (pertencente ao governo do Mato Grosso do Sul, retransmissora da TV Educativa do Rio de Janeiro e TV Cultura de São Paulo).

A TV Morena cobre 62 dos 73 municípios do estado, através das emissoras : TV Morena, em Campo Grande, cobrindo 25 municípios, TV Ponta Porã, em Ponta Porã, cobrindo 35 municípios, e TV Cidade Branca, em Corumbá, cobrindo 2 municípios. Os outros 22 municípios recebem transmissão direta via Rede Globo, através de satélite.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1990, do IBGE, para o Mato Grosso do Sul, de um total de 448.169 domicílios particulares permanentes, 323.981 possuem aparelho de TV. Destes, 281.736 estão na zona urbana e 42.245 na zona rural.

Nesta mesma pesquisa, podemos notar que a TV é mais presente que, por exemplo, a geladeira (317.216 domicílios, sendo 276.842 na zona urbana e 40.374 na zona rural). Transformando estes números para moradores em domicílios particulares permanentes, 1.334.179 pessoas possuem aparelho de TV. Destas, 1.160.740 pessoas estão na zona urbana e 173.439 na zona rural. Na capital, Campo Grande, segundo dados do IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - existem 153.439 aparelhos de TV, para uma população de 521.656 pessoas.

domicílios part. permanentes	domicílios com TV	z. urbana	z.rural
448.169	323.981	281.736	42.245

domicílios part. permanentes	dom. c/ geladeira	z. urbana	z. rural
448.169	317.216	276.842	40.374

1.2 O TRABALHO DAS INSTITUIÇÕES NA COMUNICAÇÃO RURAL

Para se fazer uma análise da utilização da TV como meio de comunicação eficaz para o meio rural, é necessário antes analisar o trabalho desenvolvido por outras instituições ligadas ao meio rural. Para tanto, vamos abordar o trabalho realizado por estas instituições.

Várias instituições que tratam dos problemas relativos à zona rural usam os meios de comunicação, algumas delas até com produção própria nos meios eletrônicos. No entanto, ainda a quantidade maior de comunicação se faz de forma impressa. Algumas instituições se preocupam em atingir o dono da fazenda, o grande produtor, em suas comunicações, não se preocupando com o peão. Elas se comunicam através de mala direta e este material chega

nos escritórios urbanos das fazendas, mas raramente atinge o peão. Consideramos o vídeo a melhor forma de atingir o peão das fazendas por várias razões. A primeira delas é que as fazendas são atingidas por redes de emissoras de TV e a maioria delas possui aparelho de televisor. Em segundo porque já ficou comprovado, em outros tipos de trabalho, que o peão entende a mensagem que lhe é passada pela TV: ele assiste a filmes, novelas, noticiários e comenta com seus colegas o conteúdo do material assistido. Em terceiro lugar, um terço da população que vive no campo é analfabeta, não sendo portanto atingida pela comunicação impressa.

É importante que a comunicação chegue até o peão de gado porque, numa economia quase exclusivamente voltada para a pecuária, tendo poucos trabalhadores no manejo desta produção e sendo a distância marca registrada desta região, ter um canal efetivo e eficaz de comunicação pode resolver graves problemas, como por exemplo o da febre aftosa, doença que impede a exportação de carne, a maior fonte de renda do Estado. Poder comunicar formas adequadas de conduta em casos emergenciais pode resultar positivamente numa situação dada. E manter a comunicação regular, atinge o receptor e acaba por provocar uma mudança de atitude que pode ser produtiva e médio e longo prazo.

Nos três últimos anos pesquisamos as instituições que tratam da comunicação e extensão rural em Campo Grande/MS. Este trabalho de levantamento de dados visa esclarecer o papel destas instituições e analisar as suas possibilidades em relação à utilização de meios eletrônicos de comunicação para a área rural.

O primeiro órgão a ser estudado foi o **IAGRO- Departamento de Inspeção Agropecuária do Mato Grosso do Sul** -ligado à secretaria da Agricultura e Pecuária do Estado. O seu papel é especificamente de defesa sanitária animal e sua relação com as fazendas é feita através do cadastro de produtores da Secretaria de Fazenda do Estado.

O IAGRO é o órgão que inspeciona a vacinação no gado em geral e questões particulares de doenças de animais em todo o Estado. A

preocupação central é com a vacinação contra a febre aftosa, que tem controle rigoroso e datas estabelecidas rigidamente para o seu cumprimento, devido à necessidade de garantir a saúde do rebanho para exportação, especialmente para o Mercado Comum Europeu. O pecuarista ou produtor rural é informado destas datas via mala direta, com os endereços de acordo com o cadastro da Secretaria da Fazenda. Segundo a sanitarista Janete Watanabe Okamoto⁴, se o pecuarista não está informado é porque jogou fora os folhetos e folders enviados, ou não está com o endereço atualizado no cadastro da Secretaria de Fazenda do Estado.

Em 1994 o IAGRO decidiu alterar as datas de vacinação, que passaram de duas para três vezes ao ano e da seguinte forma: no mês de fevereiro, bezerros de 0 a 12 meses (de 0 a 3 meses não é obrigatória a vacina); mês de maio, bezerros de 0 a 24 meses e, finalmente, mês de novembro para todo o plantel. O tipo de vacina também mudou: passou da vacina aquosa para a oleosa.

Esta mudança levou em conta vários fatores: em primeiro lugar, a maior eficácia da vacina oleosa em relação à aquosa; em segundo lugar, a incidência da doença em animais novos e, por isso, necessidade de reforço da dose de vacina; em terceiro lugar, o efeito mais prolongado da vacina oleosa, o que possibilita que o gado adulto seja vacinado apenas uma vez por ano. Com estas medidas, o IAGRO estima que toda a cobertura de vacinação tenha sido resolvida de forma satisfatória. Só se esqueceu de avisar o peão das datas de vacinação e das mudanças engendradas.

O controle da vacinação feito pelo IAGRO é considerado rigoroso e o pecuarista tem um prazo limitado na época da vacinação para comprovar que imunizou o gado. É exigida a apresentação da nota fiscal da compra da vacina, os frascos de vacina vazios (como prova que aplicou o medicamento e está colaborando com a preservação ambiental, não jogando os frascos em qualquer lugar) e um comprovante em três vias, recebido no ato da compra da vacina, para registro de data, número de cabeças e idade do plantel que foi imunizado. Sem uma via deste comprovante, devidamente carimbado pelo IAGRO, o pecuarista fica impossibilitado de circular com o seu rebanho: não

pode vendê-lo, transportá-lo de um pasto para outro, participar de exposições e leilões, etc. O IAGRO faz barreira nas estradas municipais, estaduais e interestaduais para controlar a circulação do gado e evitar o transporte de gado não vacinado. Se aparecem surtos de doenças em geral, ou casos isolados de aftosa, a fiscalização é redobrada.

Em época de vacinação, o IAGRO se preocupa em espalhar outdoors pela cidade de Campo Grande e fazer campanha publicitária pelo rádio e pela televisão. No entanto, toda esta preocupação e este material são voltados para o produtor rural. O peão de gado de corte que vive/convive com o gado não recebe orientação específica, nem visita de técnicos nas fazendas e nem é instigado a tomar consciência da importância da vacinação. Toda campanha de divulgação gira em torno do proprietário.

Apesar do aparato e da impressão de rigor no cumprimento das normas, a segurança é relativa e não há dados concretos sobre a porcentagem do gado vacinado a cada campanha. Segundo a sanitarista Janete Watanabe Okamoto, o problema está no tamanho do plantel⁴. O IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- fala em 20.394.609 cabeças, mas a Secretaria Estadual de Fazenda fala em 13 milhões de cabeças⁵. O IAGRO fala em 80 a 90% do rebanho imunizado, mas não sabe a qual tamanho de plantel está se referindo.

Em janeiro de 1994 o IAGRO enviou 42.000 boletins informativos sobre a vacinação para os pecuaristas, mas não houve qualquer trabalho ou preocupação em alertar os peões para ajudar na campanha.

De tempos em tempos, os técnicos do Mercado Comum Europeu fazem vistoria nas carnes de Mato Grosso do Sul. Visitam frigoríficos, o IAGRO e as barreiras de fiscalização nas estradas. Se aprovam, mantêm as compras; se não, simplesmente suspendem os pedidos para a exportação.

Ainda segundo o IAGRO, ficou comprovado, estatisticamente, que as crianças são um grande veículo para levar recado aos pais. Com este dado, os técnicos aproveitam as escolas rurais para fazer palestras sobre a

importância de se erradicar a febre aftosa e os estragos que ela produz ao rebanho e ao homem. Os técnicos acreditam que desta forma o recado chegue aos pais.

Um problema que verificamos foi quanto à limitação de material utilizado pelos órgãos governamentais para o zona rural. Se levarmos em conta o alto índice de analfabetismo e semi-analfabetismo da região⁶, a utilização de cartazes, folders, folhetos, boletins, jornais, poderá ser praticamente inócua.

A EMPAER - Empresa de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural - é também ligada à Secretaria da Agricultura e Pecuária do Estado. Toda a parte de assistência técnica é voltada para o produtor. Quanto à extensão rural, a preocupação é com a família do produtor, procurando estimular o interesse para que todos colaborem no aumento da renda familiar. O objetivo do órgão é elevar o produtor técnica e socialmente. Quanto à pesquisa, a EMPAER gera tecnologia procurando estendê-la ao produtor.

Esta transferência de tecnologia exige do técnico um processo de comunicação que permita atingir o receptor e fazê-lo mudar de atitude.

Todos os municípios do Estado são atendidos pela EMPAER, que utiliza uma gama enorme de metodologias para atingir o produtor rural. Segundo o gerente regional da empresa em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Ismael Medeiros, o departamento de Comunicação Rural (DECOR) não está preocupado com a comunicação social, mas com a comunicação técnica, visando o produtor rural.

A empresa dispõe de gráfica, agrônomos, departamento que estuda as metodologias para serem aplicadas ao trabalho de campo, e jornalistas que produzem folhetos, boletins, cartazes, cartas circulares, publicações técnicas, jornal, um programa semanal de rádio e vídeos.

Dentre as práticas utilizadas pela EMPAER vamos ressaltar o dia de campo, que é realizado nas fazendas. É estabelecido o local, os produtores

da região são convidados com carta-convite, e comparecem para tomar conhecimento da nova tecnologia a ser apresentada. Segundo o gerente regional, Ismael Medeiros⁷, não há interesse de ensinar, mas de despertar a curiosidade. Nestes encontros chegam a comparecer até 300 pessoas, que são divididas em grupos de 20 a 30 pessoas, para as explicações técnicas. Com os monitores, eles percorrem o espaço da fazenda preparado para a apresentação técnica ou das fases de evolução de uma dada experiência.

Com relação ao gado, a principal preocupação da EMPAER é com o gado leiteiro. Neste sentido, estão sendo desenvolvidas experiências e pesquisas de campo para avaliar as condições de produção do leite e a questão da higiene. Não há preocupação com o peão e não está sendo feita qualquer pesquisa no momento que envolva o gado de corte.

Outra prática usada, e que tem maior aproximação com o homem do campo, é o programa radiofônico. O programa é veiculado semanalmente, com uma hora de duração, aos domingos, a partir das 7:30h. A produção é toda da EMPAER. O programa é transmitido pela Rádio Educação Rural, de Campo Grande, em cadeia com mais onze emissoras do interior. A produção tem notícias, reportagens sobre nutrição e saúde no campo, orientação técnica, entrevistas, um quadro chamado "A palavra do produtor" e receitas. Todo o programa é intercalado com músicas e jingles, para dar a leveza e torná-lo atraente.

Segundo Ismael Medeiros a linguagem usada pelos técnicos nos trabalhos de campo é bastante simples e adequada. Ele afirma que o técnico é até confundido com o homem do campo, pois está integrado às condições e vida do campo. Informou ainda que, há muitos anos, são os mesmos técnicos que fazem os contatos com o produtor. Como não há concurso público com freqüência, as pessoas estão há anos fazendo o mesmo trabalho. Em caso de contratação nova, o que raramente acontece, o coordenador informa que o técnico passa por cursos internos para aprender particularidades da vida no campo e poder se expressar de acordo com o meio.

O vídeo é usado pela EMPAER em treinamento interno de seu grupo técnico. Eventualmente, o vídeo é usado em palestras, cursos, etc., que envolvam o produtor rural. Em todos os escritórios regionais existe um aparelho de videocassete. Quando há necessidade de material, a fita é solicitada para a central de Campo Grande. O acervo é composto de reportagens, gravação de matérias de TV, pesquisas desenvolvidas na Embrapa, registro de dias de campo, acompanhamento de pesquisas. Não há produção de vídeo como suporte para o trabalho de campo.

Não há diferenciação quanto a desenvolvimento de trabalho com os peões de gado de corte. O trabalho da EMPAER é voltado para o homem do campo em geral - o produtor e sua família, independente da questão social e econômica que o ligue à terra.

O trabalho da EMPAER é talvez o que mais se aproxime da realidade do peão de gado de corte. No entanto, a falta de pessoal, de equipamentos e verbas para investimento na área tem levado a um empobrecimento do trabalho. O órgão não produz mais vídeos e a sua aproximação com o homem do campo passou a ser esporádica.

A EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- vinculada ao Ministério da Agricultura, foi criada em 1973, com o objetivo de sistematizar as pesquisas agrícolas no país. Engloba o CNPGC - Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte - criado para gerar, promover com o intuito de aumentar a eficiência do sistema produtivo e melhorar a qualidade da carne que vai à mesa do brasileiro e do mercado externo. O seu trabalho é fundamentalmente na linha de pesquisa.

A maioria dos trabalhos do ano de 1994 foram voltados para o desenvolvimento de tecnologia de avaliação da qualidade de reprodução de touros da raça zebuína; importação e ambientação de tipos de capim variados, mais resistentes às pragas e que permitam maior ganho de peso aos animais; controle da cigarrinha, uma praga que devasta as pastagens; controle da mosca do chifre, com importação e adequação de um tipo de besouro africano, capaz de atacar a mosca, evitando o uso de inseticidas e diminuindo

despesas ao produtor; controle de verminoses e doenças parasitárias, que prejudicam o desenvolvimento do gado; experiências com novos tipos de leguminosas, para serem plantadas em parceria com as pastagens, propiciando melhoria da qualidade do solo e mais sais minerais e vitaminas para os animais; estratégias para formação de pastagens e currais; renovação de pastagens degradadas; desenvolvimento de vacinas e estratégias para redução da idade para a primeira cria. Em 1995, as publicações e pesquisas giraram em torno da questão do estresse no processo de desmama em bovinos de corte e no diagnóstico sorológico de tristeza parasitária bovina. No ano de 1996, as atenções estão voltadas para a pesquisa em provas de ganho de peso, com a criação inclusive de programa para computador - o geniplus - que em breve poderá ser comercializado. Outro tema de estudos neste ano é o melhoramento genético e os cruzamentos de bovino de corte.

Em todos estes trabalhos o vídeo não está colocado como suporte, apesar da Embrapa de Campo Grande possuir duas câmeras e uma ilha de edição em SVHS. O vídeo é usado apenas para algum registro e não há edição sistemática para a produção de material a ser divulgado ou como ilustração para palestras, cursos e seminários. A Embrapa de Campo Grande possui apenas um funcionário que capta as imagens, edita e controla o acervo de material. Não há um controle regular do material existente. Tudo se resume a este funcionário, que tem o controle pessoal das fitas, gravações e edição.

A produção em vídeo para pesquisadores, curiosos ou produtores se resume a uma única fita institucional, mostrando o trabalho que é desenvolvido na área de pesquisa pela Embrapa. A fita serve como atração para estudantes em suas visitas ao órgão.

O acervo da Embrapa de Campo Grande é de 50 fitas, com registro de dias de campo, cópias de reportagens apresentadas na TV, e cópias de material eventualmente de interesse de algum pesquisador do órgão.

Além deste trabalho, a Embrapa produz folhetos, jornais, boletins, livros, apostilas, etc. voltados sempre para o pesquisador ou o produtor rural. Este material é comercializado, diretamente ou por reembolso postal. Não há qualquer trabalho desenvolvido junto ao homem do campo e nem especificamente ao peão de gado de corte. Toda a produção é voltada para a área de pesquisa, com o objetivo de melhorar as condições da agricultura e da pecuária, tornando-as mais eficientes e menos onerosas.

A FETAGRI- Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Mato Grosso do Sul- congrega 60 sindicatos de trabalhadores rurais no estado (quase todos os municípios possuem um sindicato rural) e se preocupa com o assalariado e o pequeno produtor. O trabalho desenvolvido é relacionado à legislação trabalhista e previdência social.

A FETAGRI empunha algumas bandeiras de luta tais como a reforma agrária, defesa dos direitos trabalhistas do trabalhador rural e benefícios previdenciários para o homem do campo.

Não há registro de trabalho direto com o homem do campo. A relação da FETAGRI é com os sindicatos. Eventualmente faz homologações trabalhistas nos locais onde falta sindicato ou nos contratos de trabalho em que o empregado tem mais de um ano de casa. Não trabalha com vídeo, nem rádio e não desenvolve nenhum tipo de aproximação com o homem do campo.

A FAMASUL - Federação da Agricultura do Estado de Mato Grosso do Sul- é ligada diretamente aos proprietários rurais. Possui 49 sindicatos filiados e trata das questões rurais a nível de produtor. Não desenvolve nenhum tipo de trabalho junto aos trabalhadores rurais e nem especificamente ao peão de gado de corte. Tem sob sua orientação o SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural- que promove cursos para os produtores e trabalhadores. Promove também palestras e seminários sobre os mais variados assuntos de interesse dos produtores.

Os sindicatos dos trabalhadores também podem fazer solicitação de cursos, de acordo com as necessidades de cada município, que são viabilizados pelo SENAR nas sedes dos sindicatos, gratuitamente. Os cursos possuem, normalmente, de 48 a 60 horas, e freqüentemente voltados para a inseminação artificial, doma racional de animais, bovinocultura de corte e leite, usos de trator, aplicação de medicamentos e aproveitamento de alimentos. As inscrições são feitas nos sindicatos e alguns deles, como aproveitamento de alimentos, são ministrados para as mulheres dos trabalhadores e produtores, quase sempre em locais acessíveis (às vezes a própria fazenda).

Eventualmente, nos cursos, é utilizado o videocassete para ilustrar as palestras ou conferências, mas este material não é produzido pela federação, que não trabalha com produção em vídeo e nem tem recursos estabelecidos para este fim.

Toda a comunicação com os sindicatos é feita em material impresso. A Famasul publica mensalmente uma revista em que são salientados os cursos do SENAR, as dificuldades da agricultura ou da pecuária, alternativas, propostas governamentais, legislação, etc.

Dada a sua condição de órgão representativo dos produtores, é compreensível que não desenvolva um trabalho direto com o homem do campo.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campo Grande presta assistência trabalhista ao homem do campo, especialmente no que se refere a homologações trabalhistas e encaminhamento de documentação para benefícios previdenciários. É filiado à Federação e não possui um trabalho de aproximação com o homem do campo. Restringe-se a ser uma instância trabalhista procurada pelo trabalhador rural. Não possui trabalho de divulgação ou informação junto ao homem do campo.

No ano de 1994 firmou convênio com a Famasul para a promoção de cursos junto ao Senar, com previsão de atendimento dos pedidos para o ano de 1995.

A grande conquista apresentada foi a convenção coletiva de trabalho, firmada via FETAGRI, junto ao sindicato patronal, que fixou o piso salarial do trabalhador rural em 1,4 salários mínimos.

É um órgão burocrático de homologações trabalhistas e encaminhamento de documentos para fins previdenciários. Não apresenta nenhum outro tipo de assistência ao trabalhador rural.

Como podemos perceber pelo exposto acima, por parte das instituições analisadas não há uma preocupação maior com o homem do campo, que lida diretamente com o gado de corte, de forma que lhe permita atingir um estágio de conhecimento que propicie dias melhores. Não existe trabalho sistemático neste sentido e as opções que se encontram são esporádicas. Percebemos alguma disposição, mas as dificuldades são sempre as mesmas: falta material, falta pessoal qualificado, faltam condições adequadas, etc.

O gado de corte é manejado pelo peão, que está praticamente alijado do processo de comunicação que se empreende no Estado. Com uma população francamente analfabeta, os órgãos oficiais ainda estabelecem uma comunicação quase exclusivamente impressa com as fazendas. Sendo um estado rico, com fazendas servidas por antenas parabólicas e praticamente todo o território coberto por transmissões televisivas, não compreendemos uma comunicação eficiente que não leve em conta a televisão como meio de atingir o receptor.

Os órgãos oficiais de pesquisa e extensão rural contatados - EMPAER, EMBRAPA, FAMASUL³, sindicato rural, entre outros - utilizam, em sua maioria, a comunicação impressa para o contato com a zona rural. Apesar de alguns deles - EMPAER e EMBRAPA - possuírem câmeras e ilha de edição para VT, os boletins, folders, folhetos são impressos e a maior parte

nem chega ao campo: acaba nos escritórios das fazendas nas cidades. O peão de gado de corte é ignorado neste processo.

A questão pedagógica e a não contextualização do problema por parte dos órgãos envolvidos com a comunicação rural são relevantes e podem limitar qualquer ação prática mais eficiente no campo. Nesse sentido, as investidas ao campo restringem-se à extensão rural, sem qualquer envolvimento ou trabalho eficaz de comunicação.

Bordenave defende o estudo da pedagogia ou ciência da educação como forma de suprir uma série de falhas, por exemplo, na metodologia de transferência tecnológica⁸. Paulo Freire salienta que a problemática que envolve a educação do homem do campo é muito complexa, devendo haver uma preocupação em capacitá-lo tecnicamente⁹. Para o autor, essa capacitação será conseguida quando o conhecimento sensível for superado por um conhecimento que alcance a razão da realidade, isto é, o homem deve ser capaz de tomar consciência da realidade que o cerca. Uma comunicação como essa, puramente técnica, vai trazer dificuldades na compreensão do indivíduo enquanto ser humano inserido num dado contexto. Para o autor, não deve haver um trabalho de simples adestramento, apesar da possível rentabilidade econômica que isso possa trazer. Paulo Freire enfatiza que é necessário contribuir para a afirmação do homem do campo como homem mesmo.

A questão contextual está intrinsecamente ligada ao processo pedagógico, dando-lhe condições de realização, conforme salientaram Rosiska Darcy de Oliveira e Miguel Darcy de Oliveira:

"Ao invés de se limitar a constatar como pensam, falam ou vivem as pessoas de determinado grupo social ou de procurar prever o que seria necessário fazer com vistas a dissolver os conflitos e reforçar a coesão social, nossa postura deve ser bem outra. O que nos interessa é mergulhar na espessura do real, captar a lógica dinâmica e contraditória do discurso de cada ator social e de seu relacionamento com os outros atores, visando a

*despertar nos dominados o desejo da mudança e a elaborar, com eles, os meios de sua realização."*¹⁰.

Com as características agropecuárias do Estado, é surpreendente verificar que os órgãos oficiais voltados para a comunicação rural, não lançam mão dos meios eletrônicos para fazer chegar sua mensagem ao meio rural. O básico da comunicação continua sendo por via impressa e não há previsão de utilização mais sistemática da TV. A falta de recursos materiais e humanos e de uma política de comunicação para a área são determinantes desta situação.

1.3 PROGRAMAS RURAIS NA TV COMERCIAL.

A programação das televisões comerciais locais, exclusivamente voltada para o público rural, apesar das características do Estado, quase não existe. Restringe-se aos noticiários diários, não havendo o interesse por produções nesse setor.

A TV Educativa do Mato Grosso do Sul não tem qualquer produção voltada para o público rural, quer em forma de boletins, programa de entrevistas ou outros. A emissora tem localmente a produção jornalística diária e a retransmissão de programas da TV Educativa do Rio de Janeiro e da TV Cultura de São Paulo.

A TV Record, que até 1995 retransmitia a TV Manchete, não tem também produção local voltada para o público rural. A emissora restringe-se às produções jornalísticas obrigatórias por lei.

A TV Campo Grande, retransmissora do SBT, apresenta dois boletins diários voltados para o público rural. Um é Hora do Produtor, com seis minutos de duração e que vai ao ar de segunda a sexta-feira às 12,06h. O outro é Hora do Boi, que também vai ao ar de segunda a sexta, às 12,12h. Os dois boletins têm o patrocínio do Banco Bamerindus, com o slogan "o banco

da nossa terra”. Os dois boletins são produzidos por uma produtora independente , a Macro Vídeo, que recebe como pagamento parte do patrocínio.

Os boletins são gravados diariamente, com um apresentador cada um, e são escritos, editados e produzidos por uma única pessoa. A base do noticiário são as cotações de hortifrutigranjeiros e carnes, fornecidas por serviços especializados de informações agropecuárias, frigoríficos, leiloeiras. Segundo a redatora, Rosana Aparecida Monte Siqueira ¹¹, a proposta dos programas é atender ao mercado com as cotações atualizadas. Segundo Rosana, o programa é referência para os investidores e para os pecuaristas e produtores que dependem do preço de seus produtos.

Eventualmente, em ocasiões de leilões ou grande feiras, o programa apresenta reportagens externas. Se há um assunto muito interessante, são realizadas entrevistas de estúdio, muito rápidas e simples, dado o tempo do programa. No dia a dia, são notas curtas lidas pelo apresentador e as cotações de frutas, verduras, grãos, aves, suínos e gado.

A TV Morena, retransmissora da TV Globo, tem uma produção local voltada para o público rural. Diariamente, de segunda a sexta-feira, apresenta em meio ao noticiário local do meio dia - o jornal MS-1ª Edição - um boletim agropecuário. O boletim, inserido no meio do jornal, tem vinheta própria e um apresentador diferente dos apresentadores do jornal. Neste espaço são apresentadas as principais notícias da área agropecuária e as cotações de grãos, carnes, legumes, verduras e frutas. A produção procura competir com os boletins da TV Campo Grande e entra no ar praticamente no mesmo horário daqueles. Além disso, a TV Morena produz semanalmente o programa MS Rural, com uma hora de duração, que vai ao ar aos domingos, às 9:00h, depois da apresentação do Globo Rural, programa de veiculação nacional. O programa MS Rural será analisado no terceiro capítulo deste trabalho.

A TV Guanandi, retransmissora da Rede Bandeirantes de Televisão, não produz qualquer tipo de programa voltado para o público rural, quer em forma de boletins, noticiários ou programas especiais.

NOTAS

1. Conforme dados da Pesquisa Pecuária Municipal- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, IBGE, 1992 .
2. Censo Demográfico - 1991. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, IBGE, 1993.
3. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 1990. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, IBGE, 1992.
4. Janete Watanabe Okamoto foi entrevistada para este trabalho em junho de 1994.
5. Pesquisa da Pecuária Municipal/MS . Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, IBGE, 1992.
6. Censo Demográfico - 1991 - IBGE.
Mato Grosso do Sul
população: 1.780.373 pessoas
zona urbana: 1.414.447 pessoas
zona rural: 365.926 pessoas
população rural maior de 5 anos: 315.644 pessoas
sabem ler e escrever: 208.798 pessoas
não sabem ler nem escrever: 106.846 pessoas.
7. Ismael Medeiros, gerente regional da Empaer, foi entrevistado para este trabalho em junho de 1994.
8. BORDENAVE, Juan E. Diaz - O que é comunicação rural. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988, p.52.
9. FREIRE, Paulo - Extensão ou Comunicação, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, pp.33-36.

¹⁰. OLIVEIRA, Rosiska Darcy de e OLIVEIRA, Miguel -"Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la" in Pesquisa Participante, (Carlos Brandão, org) São Paulo, Ed. Brasiliense, 1992, p.23.

¹¹. Rosana Aparecida Monte Siqueira é produtora, redatora e editora dos boletins Hora do Produtor e Hora do Boi, veiculados pela TV Campo Grande/SBT. Ela foi entrevistada para este trabalho em abril de 1996.

CAPÍTULO 2. O PEÃO E A COMUNICAÇÃO.

Segundo a Pesquisa da Pecuária Municipal (IBGE-1992), há no Mato Grosso do Sul 20.394.609 cabeças de gado, das quais 532.257 cabeças na região de Campo Grande, objeto de nosso trabalho. A zona rural da micro região de Campo Grande compreende 6.377 pessoas ¹ das quais 4.523 alfabetizadas. Isto quer dizer que 29% da população rural de Campo Grande, portanto quase um terço da população, é analfabeta.

A atividade industrial é incipiente, mas é em Campo Grande que está instalado o mini distrito industrial do Estado, que em 1980 representava 10% do valor total da produção industrial da região Centro-Oeste ².

A atividade pecuária, a mais importante de todo o Estado, demanda pouca mão de obra. Milhares de hectares, habitados por milhões de cabeças de gado, são manejados por poucos peões. A lida mais intensa, que exige a ação direta do peão junto ao gado, se dá poucas vezes ao ano, em época de vacinação, vermifugação ou parição. Na maior parte do tempo, o gado é levado para o pasto e lá mantido por meses seguidos.

Dessa forma, o dia a dia do peão de gado de corte é diferente do dia normal de um homem do campo, agricultor comum. O peão que trabalha com o gado de corte no Mato Grosso do Sul tem um relacionamento limitado com as pessoas. Às vezes está sózinho para cuidar de centenas de hectares. Sai de manhãzinha, volta para o almoço, não sem ter parado antes para o tereré ³, e depois continua na lida até a tarde cair. Durante o tempo em que está no pasto, o contato maior é com o boi. Eventualmente com algum parceiro de trabalho ou vizinho.

Em casa o contato se restringe à família e alguns poucos amigos da vizinhança, quando não um ou outro agregado. Aos fins de semana, nas quinzenas ou mensalmente, relacionam-se com os patrões. O contato fora disso é praticamente inexistente.

Quando vai para a cidade, às compras de mantimentos, o contato também é reduzido. Em alguns locais mais retirados, as compras são feitas pelo patrão, quando vem da cidade. O peão muito raramente, nesses casos, vai para a cidade, dada a dificuldade de locomoção e as grandes distâncias. Este contato restrito, acrescido pela distância geográfica, a falta de oportunidades e o analfabetismo provocam o que Bordenave chama de in-comunicação:

“Trata-se da in-comunicação socialmente determinada pelo analfabetismo e o baixo nível de instrução; pela necessidade de trabalhar longas horas intensa e duramente em condições cansativas, que deixam o indivíduo mais desejoso de descansar e dormir do que sair por aí a visitar vizinhos. Trata-se da in-comunicação provocada pela diferença de status entre os patrões e os trabalhadores, pelas querelas tradicionais entre famílias e clãs e pelas dissensões políticas geradoras de antagonismos às vezes violentos”⁴.

Os meios eletrônicos de comunicação - o rádio e a televisão- são exemplos claros da tentativa de romper esta in-comunicabilidade. Em contato com os meios eletrônicos, o peão sente-se inserido no mundo, sabe do que está acontecendo do outro lado do planeta e sabe também da violência no trânsito da capital, ali perto de onde ele mora. A partir do contato com os peões de gado de corte nas fazendas, conversa com os técnicos e extensionistas rurais, leituras e troca de informações sobre o assunto, é possível concluir que o peão, no Mato Grosso do Sul, assiste a TV e entende a mensagem que ali é transmitida. Ele conversa sobre os assuntos com a família e os amigos. Ele comenta os fatos marcantes do jornal ou da novela. E ele narra os lances decisivos do futebol ou do filme da noite passada.

Trigueiro em seu trabalho com duas comunidades rurais no Nordeste defende a penetração da televisão - Rede Globo - nas áreas pesquisadas:

“ A sabedoria popular e o conhecimento veiculado pelos meios de comunicação de massa estão presentes no cotidiano dos pequenos grupos de origem rural”⁵.

Nesse sentido, o “antes do jornal” e o “depois da novela” passam a fazer parte do cotidiano do homem do campo, que se comunica a partir de espaços reservados no seu dia a dia para a TV. A mensagem da TV o atrai e o encanta, talvez pela diversidade de recursos que a TV utiliza, exatamente para atrair o telespectador, como bem salienta Artur da Távola:

“ O que configura o discurso da televisão é a forma pela qual ela utiliza as várias linguagens: a visual, a verbal, a gestual, suas falas externas, objetivas, palpáveis, decodificáveis, lógicas, racionais, expressivas. O discurso é o resultado externo da concomitância de todos os cursos componentes da comunicação”⁶.

Bordenave também salienta as qualidades dos meios visuais e audiovisuais para a comunicação rural, justificando que a cultura rural é iminentemente oral e que as imagens atraem a atenção de “maneira poderosa”⁷.

Em uma revista de história em quadrinhos lançada pelo governo da Paraíba, em 1994, para explicar questões relacionadas com a irrigação, em vários pontos dos quadrinhos são apresentadas imagens do vídeo para respaldar as informações prestadas. Na história, a representação do vídeo é colocada como suporte (Anexo 4) e a idéia que passa é de que a imagem da TV tem força incontestável como meio de comunicação eficiente para atingir o público rural.

Dessa forma, não se justifica a farta utilização de material impresso para a zona rural, se o que atinge resultados mais eficazes é a informação televisiva. Os órgãos governamentais encarregados das atividades rurais possuem seus departamentos de comunicação, alguns deles aparelhados com câmeras e ilha de edição, mas fazem o dia a dia da comunicação por via impressa. São boletins, folders, folhetos, apostilas,

informes, jornais, todos impressos, sendo que, na região de Campo Grande, 29% da população rural é analfabeta e no Estado, 33,8% da população rural, ou seja, um terço da população. A preocupação está presente em Bordenave, de forma bem elucidativa:

“A que se deve, então, que os serviços de comunicação rural utilizem mais as publicações que os meios visuais e audiovisuais? Trata-se de um contra-senso, visto que ninguém desconhece os elevados índices de analfabetismo, os baixos hábitos de leitura e a ampla dispersão geográfica da população rural. A razão do maior uso das publicações, na opinião do autor, é dupla: por um lado os meios audiovisuais são mais caros e complexos, e, por outro, enquanto as publicações são tangíveis e podem ser mostradas e exibidas a patrocinadores e políticos, os materiais audiovisuais são mais difíceis de apresentar a grupos de tecnocratas e legisladores como comprovação do bom desempenho do serviço da comunicação”⁸.

2.1 OBSERVAÇÃO DE VÍDEOS JUNTO AOS PEÕES.

Levando em consideração a importância da imagem animada para a análise e compreensão de realidades específicas, decidimos realizar a experiência de projetar uma série de vídeos produzidos para o público rural no Mato Grosso do Sul para alguns peões e observar suas reações. Vamos descrever aqui esta que foi uma pequena experiência piloto que efetuamos no início da pesquisa para esta dissertação, com o objetivo de refletir melhor sobre os diversos ângulos da concretização da comunicação no campo. Tomamos como base, para o desenvolvimento deste item, textos que ressaltam a importância do filme para os estudos etnográficos, antropológicos e das ciências sociais em geral.

Luc de Heusch fala que a “sociologia do filme se nutre de uma reflexão: todo filme é um espelho - o espelho de uma sociedade onde o cineasta aceita ou recusa os valores, mas onde ele testemunha, de qualquer forma”⁹.

Já Colin Young em seu artigo “O Cinema de Observação” faz uma crítica ao papel desempenhado pela televisão, que mistura tudo: “o jornalismo, a reportagem, a reconstituição dos fatos, a ficção, a publicidade. Ela (a TV) tem a tendência de colocar tudo ao mesmo nível.”¹⁰.

Vários autores discutem o papel do realizador, a sua postura diante do objeto observado. A câmera deve ficar ausente? O realizador não deve participar dos acontecimentos? Ou, como prega Jean Rouch, o realizador deve se confundir como mais um elemento do fenômeno que ele observa/estuda¹¹? David MacDougall em seu artigo “Au dela du cinéma d’observation” explica que “penetrando ativamente no universo de seus sujeitos, ele (o realizador) recolhe a seu modo uma grande massa de informações. Ao lhes dar acesso ao filme, ele torna possível correções, adições e elucidação de certos pontos, tudo que permite a sua participação. Graças a esta troca, o filme tem alguma chance de refletir a maneira dos sujeitos filmados perceberem o mundo”¹². Completando esta linha de raciocínio, Jean Rouch afirma: “um filme é o único meio de que disponho para mostrar ao outro como eu o vejo”¹³.

O objetivo do trabalho descrito neste item foi ver até que ponto os vídeos apresentados desempenharam um papel importante para a informação e esclarecimento de seu público alvo. Levamos em conta as diferenças marcantes entre o filme etnográfico e o documentário/reportagem de TV. Consideramos, no entanto, que o documentário/reportagem de TV tem condições de desempenhar papel social na medida em que reflita as necessidades deste público alvo, além de ambos terem lançado mão das mesmas alternativas tais como linguagem narrativa, técnicas de filmagem, edição, etc.

Realizamos este trabalho de campo, em 1993, junto a peões de Campo Grande. Foram apresentados vídeos de uma coletânea de 1992 com reportagens realizadas pelo programa MS Rural, sobre questões relacionadas com o gado em geral.

Três peões, que trabalham em chácaras com gado, nos arredores de Campo Grande, foram convidados a assistir os vídeos, através de um videocasste. As reportagens apresentadas foram:

Título	data de exibição na TV	duração
1) Confinamento de várias raças em Sidrolândia	19.07.92	2'52''
2) Semi-confinamento, poucos investimentos	29.11.92	4'10''
3) Aftosa, ainda um problema	28.06.92	2'00''
4) Botulismo, um drama para o pecuarista	04.10.92	2'18''
5) O ataque dos morcegos hematófagos	01.11.92	3'40''
6) Tratamento do umbigo	23.08.92	4'40''
7) Sombra e água fresca contra o stress	06.09.92	4'40''
8) Inseminação artificial, muito mais leite	02.08.92	4'42''

Após a exibição de cada uma das reportagens, o vídeo era desligado e era ligado um gravador para colher os depoimentos. Procuramos saber, principalmente, se eles saberiam dizer de que assunto tratava a reportagem; onde foi realizada; se foi esclarecedora ou se entenderam e saberiam pôr em prática o que lhes foi apresentado.

Com esta experiência, foi possível saber que os peões, de forma clara, prestam atenção ao local em que se realizam as reportagens (Cassilândia, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, etc.). E conseguem captar o geral da matéria, mas não se sentem em condições de colocar em prática o que é sugerido, por falta de dados.

Na primeira reportagem - **Confinamento de várias raças em Sidrolândia** - os peões não entenderam tudo. Quando perguntei de que se tratava, um dos entrevistados, endossado pelos demais, respondeu que era sobre engorda de boi com silo. Não souberam dar detalhes nem explicitar as vantagens do confinamento. Não souberam explicar o que queria dizer “desempenho potencial genético”, citado na reportagem. A principal falha neste vídeo é de linguagem. Não é acessível ao público alvo desta nossa pesquisa. As deficiências da linguagem empregada impediram que os entrevistados conseguissem captar os detalhes da reportagem e as informações acabaram passando despercebidas.

Com relação à segunda matéria - **Semi-confinamento, poucos investimentos** - os entrevistados acharam muito difícil dizer do que se tratava. Eles tiveram dificuldades em resumir, com suas palavras, o assunto tratado e um deles arriscou que a moral da história era que o confinamento engorda mais, mas o semi-confinamento traz menos despesas. Com esta observação ficou claro que foi entendida a mensagem principal da reportagem. Insisti com relação aos quadros estatísticos apresentados. Responderam que o rendimento do boi é bem maior no semi-confinamento, e que no pasto puro mal dá para pagar o aluguel da invernada. Insisti na relação engorda/ganho de dinheiro. Os entrevistados explicaram que entenderam que o investimento no semi-confinamento é menor porque tudo é produzido na propriedade, ou nos arredores, e o boi fica gordo em menos tempo, podendo ser comercializado antes do prazo previsto. Pudemos observar que o assunto era compreendido por eles, independente da forma como foi apresentada a reportagem, porque eles praticam este tipo de produção. Mas a linguagem utilizada permanece inadequada, já que constatamos a grande dificuldade para resumir o conteúdo e o teor dos quadros estatísticos. Não souberam, também, explicar o que queria dizer “nutrientes e volumoso”, citados na reportagem.

Sobre as reportagens seguintes - **Aftosa, Botulismo e Raiva Animal** - há constatações interessantes. Nenhum dos peões entrevistados soube explicar o que são estas doenças ou como se manifestam. As reportagens foram falhas neste sentido. Fizeram comentários sobre a

importância da vacina contra aftosa, salientando que o maior problema não é o peão não ter conhecimento sobre o assunto, mas sim o fazendeiro, que esquece de comprar a vacina, se recusa a comprar ou traz o produto com validade vencida, impróprio para aproveitamento. Sobre o Botulismo, disseram não saber o que é nem como pega, mas acharam interessante saber que existe a vacina. Não se interessaram sobre a questão do morcego, transmissor da raiva animal, porque não é característico da região em que vivem.

Fica patente, nestas reportagens, que faltou ao realizador mostrar o acompanhamento passo a passo das atividades, característico do cinema de observação: “ *mas o que o distingue (o cinema de observação) de um simples caderno de notas é que o filme tem a possibilidade de representar diretamente o fato ou a situação de origem*”.¹⁴

Salientamos ainda que não houve uma adequação da linguagem à diversidade do público a que se destina este programa. Para se adaptar às características da agilidade do meio televisão, a edição destas reportagens suprimiu passagens, resumiu etapas e com isso comprometeu o entendimento. Não conseguiu ser explicativa nem didática. A narração nos filmes etnográficos, que completam o significado das imagens, não têm a mesma função nas reportagens de TV aqui exibidas e as informações são passadas de forma incompleta e pouco esclarecedoras.

Na reportagem seguinte - **Tratamento de Umbigo em Bezerros Recém-nascidos** - a falta de clareza também se faz presente. Os entrevistados não sabiam que existiam duas coisas: 1) desinfecção e 2) cura do umbigo. Para eles, tudo era uma coisa só: cura. No entanto, eles chamam de cura o processo de desinfecção. Ficaram frustrados porque a reportagem não explicou em detalhes o que era cura e qual era o tratamento adequado. Outro dado interessante que salientaram é que tomaram conhecimento, através da reportagem, sobre o produto usado para a desinfecção: o iodo. Explicaram que alguém, alguma vez, falou para usar um outro produto -LEPECID - mas que, na verdade, é um produto inadequado porque faz cair os pelos e irrita o local da aplicação.

A reportagem fala ainda rapidamente da necessidade do bezerro mamar o colostro, o primeiro leite das vacas, após a parição. Os peões concordaram que é muito importante mas não souberam explicar por que.

Sobre a última reportagem - **Inseminação Artificial**- concordaram com todas as vantagens mas acharam que a reportagem é pouco esclarecedora. Disseram que a reportagem não explicava como se fazia a inseminação, apesar de mostrarem cenas de inseminação. Faltou, no entanto, esmiuçar o assunto porque os dados apresentados pela reportagem não permitem que o peão saia por aí inseminando vacas, porque o resultado será nulo. Um dos entrevistados já havia acompanhado várias inseminações e constatou que a reportagem foi falha: “ eles não mostraram como é que faz e não disseram que a vaca tem que estar no jeito”*, concluiu.

Estes foram os aspectos principais registrados. Devemos levar em conta que, apesar da pesquisadora deixar os entrevistados completamente à vontade para suas observações, percebia-se que eles queriam adivinhar o que se estava procurando saber. A princípio diziam que as reportagens eram boas, esclarecedoras, bonitas. Depois, quando se insistia nos detalhes, informavam que não seriam capazes de colocar em prática o que era apresentado por falta de dados fundamentais.

Com estas observações pudemos constatar que este tipo de programa, apesar de ter uma grande audiência entre o público rural, não cumpre o papel social de informação e esclarecimento. Parte do público telespectador não consegue acompanhar as informações prestadas, pela forma e linguagem inadequadas com que são apresentadas. O realizador, neste caso, não está levando em conta as características do público a que se destina o material, e no tratamento dos temas trabalha a nível da superficialidade, não se preocupando em mostrar as etapas uma a uma e aprofundar as explicações para o total esgotamento do assunto.

* estar no jeito quer dizer estar no cio, período fértil.

2.2 PESQUISA DE CAMPO

Foram realizadas várias visitas a fazendas de porte médio e grande nos arredores de Campo Grande para contato com os peões de gado de corte e aplicação de questionário. O objetivo era fazer uma aproximação com o universo do peão e observar a receptividade ao programa MS Rural.

O questionário continha as seguintes perguntas:

- 1) Nome
- 2) Onde nasceu
- 3) Sexo e idade
- 4) Há quanto tempo mora em Campo Grande?
- 5) Há quanto tempo trabalha na fazenda?
- 6) Há quanto tempo trabalha na região?
- 7) Como age durante o parto das vacas?
- 8) Dá injeção para fazer a limpeza?
- 9) Como cura o umbigo?
- 10) Como cura a bicheira?
- 11) Como trata carrapatos?
- 12) Como trata mosca do chifre?
- 13) Como cura berne?
- 14) Costuma vacinar o gado contra brucelose?
- 15) Costuma vacinar o gado contra aftosa?
- 16) Como obtém informações sobre a vacinação?
patrão () rádio () técnico () veterinário () vizinhos () TV () jornais ()
- 17) Como é o lazer na região?
- 18) Onde costuma ir nos dias de folga?
- 19) Com que frequência vai à cidade?
- 20) Quando vai à cidade, o que faz lá?
- 21) Costuma ir à missa?
- 22) Costuma ir a festas de peão?
- 23) Costuma ir a shows? Com que frequência?
- 24) Já foi à Folia do Divino?
- 25) Já foi à Folia dos Reis?
- 26) Já foi a festas juninas ou julinas?
- 27) Visita sempre os vizinhos?

28) Como as pessoas se vêem por aqui? Como se encontram? De quanto em quanto tempo?

29) Exposição aos meios de comunicação:

costuma receber/ler jornais? sim () não ()

costuma receber/ler revistas? sim () não ()

costuma ouvir rádio? sim () não ()

que programas prefere?

costuma ver TV? sim () não ()

que programas prefere?

30) Assiste ao Programa MS Rural? sim () não ()

31) De quanto em quanto tempo?

32) Coloca em prática o que assiste nestes programas? sim () não ()

33) Por que?

Local da entrevista. Hora . Data.

Foram visitadas 8 fazendas, onde foram realizadas 16 entrevistas, sendo 13 com homens e 3 com mulheres. Para a análise das respostas, dividiremos o questionário em três partes, compreendendo: 1) perguntas relativas a cuidados com o gado e vacinação; 2) perguntas relativas ao lazer; 3) perguntas relativas à exposição aos meios de comunicação de massa.

As entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro de 1994, época de seca e com facilidade de acesso às fazendas. Na época das chuvas, de janeiro a maio, o acesso fica prejudicado por causa das águas.

Na primeira parte das entrevistas - as relativas aos cuidados com o gado e vacinação - o que pudemos observar é que o peão não tem autonomia para este tipo de iniciativa. Em todas as entrevistas, a questão de vacinação não é decidida por eles. O patrão traz a vacina da cidade e estabelece a data de vacinação, na maioria das vezes acompanhando de perto o processo. Em todos os depoimentos, esta questão é ressaltada: a vacinação é um problema de administração da fazenda e não do peão.

Em relação a parto, umbigo, bicheira, carrapatos, mosca do chifre e berne, as respostas estão divididas:

07 responderam que é o patrão quem determina pulverização ou tratamento; 01 disse que esta não é atividade da fazenda, porque é fazenda apenas de passagem de gado;

08 responderam que tomam as providências sem precisar falar com o patrão. Na fazenda já há remédios para estes casos e só se comunicam com o patrão quando o veneno ou os remédios acabam.

Quando é o patrão quem cuida do assunto, o peão apenas obedece as instruções e aplica os remédios quando lhe é recomendado. Quando é o próprio peão quem cuida do tratamento, as condutas são parecidas: os carrapaticidas são passados a cada 15 ou 20 dias, ou quando o problema se manifestar. Na aplicação do questionário, as respostas ouvidas foram muito parecidas:

“A gente mesmo trata”;

“Estamos acostumados a fazer”.

“A gente faz aplicações quando precisa”.

Na segunda parte das entrevistas - relativa a lazer, passeios, visitas - as respostas apontaram para uma unanimidade:

1) não há lazer na região;

2) as pessoas ficam nas fazendas nos dias de folga;

3) as visitas à cidade são apenas para fazer as compras do mês. (Apenas 2 entrevistados, que moram na cidade e trabalham na Fazenda Modelo da EMBRAPA, costumam passear mais vezes com a família pela cidade. Para os demais, as visitas à cidade se restringem às compras do mês ou à visita ao médico, quando necessário);

4) visitas à igreja ou ida à missa: apenas uma entrevistada disse que vai à missa sempre, porque a igreja é perto da fazenda. Dois responderam que vão de vez em quando (os dois moram na cidade) e 13 dos entrevistados disseram que não vão à missa e nem freqüentam a igreja. A razão é quase sempre a mesma: a distância;

5) foram feitas perguntas sobre festa junina, julina, Folia de Reis e Festa do Divino. Em Campo Grande não há tradição de festas de Folia de Reis e Festa do Divino e alguns entrevistados responderam que nem conhecem este tipo de festa. Sobre as festas juninas e julinas, um dos entrevistados respondeu

que quando morava em Corumbá, na divisa do Brasil com a Bolívia, costumava ir muito a estas festas, mas que em Campo Grande nunca ouviu falar. Os 4 entrevistados que trabalham na Fazenda Modelo da EMBRAPA disseram que costumam ir à festa julina programada pela EMBRAPA. Os demais entrevistados não costumam ir, não têm referências de onde elas acontecem e alguns deles disseram ter notícias de que estas festas acontecem na escola, mas nunca foram ver;

6) sobre as visitas de vizinhos e como as pessoas se relacionam, as respostas foram as seguintes:

os 4 entrevistados da Fazenda Modelo têm um relacionamento diferenciado, já que moram na cidade e vão e voltam ao trabalho todos os dias;

os 12 entrevistados que moram na zona rural, responderam que:

“Eu não saio para visitar”;

“É muito difícil os vizinhos virem visitar a gente”;

“Na fazenda vem muito comprador de gado. A convivência é boa, mas não costumo sair para visitar ninguém”;

“Os vizinhos a gente encontra só no trabalho mesmo”;

“A maior parte dos vizinhos mora longe”.

01 entrevistada disse que costuma receber visitas sempre dos vizinhos e que sempre que passam por lá param para conversar.

Sobre a terceira parte da entrevista - exposição aos meios de comunicação - as respostas foram as seguintes:

leitura de jornais:

13 entrevistados responderam que não costumam ler jornal nem revista e que quando vão à cidade não costumam comprar;

1 respondeu que lê quando o patrão traz;

1 respondeu que só lê quando algum colega compra;

1 respondeu que quando morava na cidade comprava sempre, mas desde que veio para o campo não leu mais, mas que sempre que pode compra revistas (Globo Rural).

Deve-se ressaltar que dos 16 entrevistados, 5 são analfabetos e 11 alfabetizados.

Rádio:

apenas 1 entrevistado não tem aparelho de rádio porque estava estragado. Os outros 15 entrevistados possuem aparelho de rádio:

02 informaram que não escutam rádio porque têm que ir para o trabalho, mas na casa as pessoas escutam;

02 disseram que ouvem pouco, sem preferência por programa específico;

01 disse que gosta do programa do Picarelli (programa diário em emissora AM tipo mundo cão);

01 só ouve música sertaneja;

04 só escutam música, nas rádios FM e

05 ouvem a rádio AM Cultura.

TV:

Dos 16 entrevistados, 2 não possuem aparelho de TV e 1 estava com o aparelho quebrado. Os demais assistem TV todos os dias:

TV Globo - 09

TV SBT - 03

não especificou: 01

Programas preferidos * :

Jornal Nacional : 09

Aqui Agora : 02

Jornal Hoje e MS TV** : 01

Novelas: 05

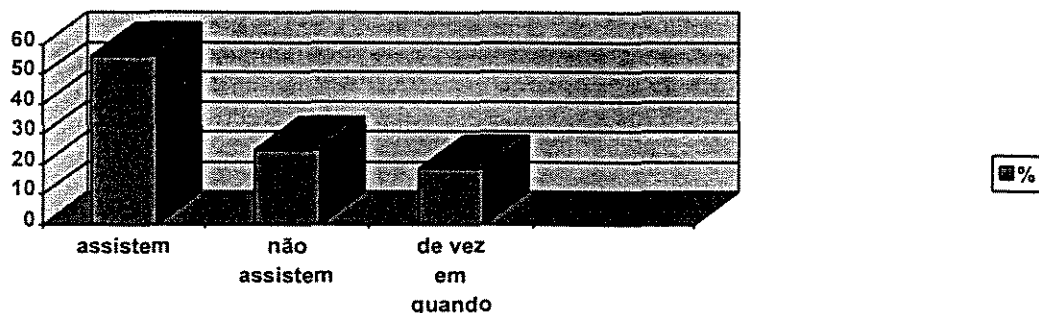
Filmes: 04

não especificaram canal mas disseram que assistem só jornal: 02

*as respostas foram múltiplas

** MS TV é o noticiário local que antecede o Jornal Nacional em MS.

Sobre o programa MS Rural



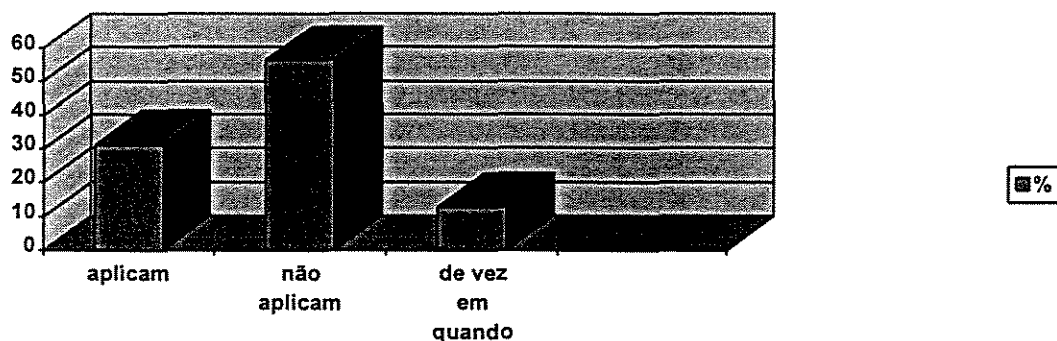
Assistem: 09 ou 56,25%

Não assistem: 04 ou 25%

Assistem de vez em quando: 03 ou 18,75%

Portanto, entre os que assistem sempre e os que assistem de vez em quando, temos 75% do universo pesquisado.

Sobre colocar em prática o que é dito no programa:



aplicam: 05 ou 31,25%

não aplicam: 09 ou 56,25%

aplicam de vez em quando: 02 ou 12,5%

Sobre o programa MS Rural, todos os que assistem sempre ou assistem de vez em quando afirmaram que gostam do programa. Os que assistem de vez em quando só podem fazê-lo porque na hora do programa têm que trabalhar e por isso não dá para fazer as duas coisas. Quando

conseguem uma folga, assistem. Sobre colocar em prática as receitas e sugestões ali apresentadas, as respostas foram divididas:

05 ou 31,25% responderam que aplicam e que os resultados são sempre muito bons;

02 ou 12,5% disseram que só dá para aplicar de vez em quando, porque nem tudo é possível fazer nas fazendas;

09 ou 56,25% disseram que não aplicam e deram razões como:

“ Nunca guardei nada porque é de passagem rápida ”;

“ Não aplico porque mexo com o gado a vida toda e já sei como fazer ”;

“ A gente fica guardando aquilo na cabeça mas não aplica ”;

“ Não dá para aplicar porque quem manda não é a gente ”;

“ Não coloquei nada em prática por falta de oportunidade ”.

As idades dos entrevistados variam entre 22 e 66 anos. À exceção dos quatro entrevistados da Fazenda Modelo da EMBRAPA, que possuem muitos anos de trabalho com carteira assinada, apenas um casal tinha muitos anos de trabalho na mesma fazenda (7 anos). Os demais entrevistados mostraram que é efêmera a passagem pelas fazendas. Dois dos entrevistados estavam trabalhando naquele local há apenas um dia. Muitos mudam de local, mas permanecem com o mesmo patrão. São apenas transferidos de fazenda. Outros mudam de fazenda e de patrão. Sobre a procedência, exceto um entrevistado, que afirmou ter vindo de Guararapes (SP), aos 12 anos de idade e sempre trabalhado em fazendas, os demais entrevistados vieram de outras fazendas do mesmo Estado.

procedência

Terenos	1
Campo Grande	5
Ponta Porã	2
Bodoquena	1
Corumbá	3
Bandeirantes	1
Guararapes (SP)	1
não especificaram	2

2.3 OS RUÍDOS DA COMUNICAÇÃO

Observamos, com a aplicação dos questionários e ao assistir aos vídeos, que a comunicação sofre uma série de interferências que vão determinar se ela se realiza de fato ou cai no que Bordenave chamou de incomunicação. Chamaremos aqui de *ruídos* a todas as interferências que impedem ou prejudicam a realização do processo de comunicação. Trataremos o conceito de processo de comunicação seguindo o modelo de Berlo em que na comunicação nos tornamos agentes influentes: “Nós nos comunicamos para influenciar - para afetar com intenção”¹⁵.

Tendo por base a comunicação e entendendo-a com o sentido de processo, que envolve mudança, dinamismo, evolução, não é possível conceber a comunicação plena sem estabelecer que ela provoque mudança de atitude no receptor. Não podemos conceber uma situação passiva, imóvel. Todos os elementos envolvidos agem em conjunto : “Os ingredientes do processo agem uns sobre os outros, cada um afeta todos os demais”¹⁶.

Se o que queremos comunicar - a mensagem - for bem recebida, isto é, se ela foi compreendida, vai implicar necessariamente numa tomada de atitude. Esta tomada de atitude pode ser a consciência da realidade que o cerca, a percepção da necessidade de mudar práticas. Para que a mensagem seja entendida é necessário que os signos do emissor e do receptor - quem emite a mensagem e quem a recebe- sejam os mesmos, ou seja, que as palavras, sinais, gestos, imagens, etc. do emissor se refiram às mesmas coisas, aos mesmos objetos identificados pelo receptor. Só assim há comunicação¹⁷.

Paulo Freire também compartilha desta idéia explicando que, para os sujeitos se comunicarem, para que consigam eficiência nesta comunicação, têm que estar de acordo entre si. Os signos que um indivíduo usa para se expressar têm que ser compreendidos pelo indivíduo com quem se quer comunicar, sob pena de o processo de comunicação não se realizar: “... entre compreensão, inteligibilidade e comunicação não há separação, como se constituíssem momentos distintos do mesmo processo ou do mesmo ato”¹⁸.

No processo observado com a exibição dos vídeos e com a aplicação dos questionários, pudemos perceber que existem dificuldades e estas dificuldades manifestam-se de formas variadas: ter que trabalhar no horário e não poder assistir ao programa, “meu marido está acostumado a fazer”, “a gente sabe como faz”, “trabalhamos com isso a vida inteira”.

Ao lado destas questões, há ainda as resistências impostas pela falta de compreensão causada pela forma de comunicação: a linguagem e o formato dos programas dificultam que as pessoas compreendam tudo e possam realmente colocar em prática novas atitudes, a partir das experiências observadas. Aí entram outros *ruídos* da comunicação, que impedem a efetivação de todo o processo:

“Nunca guardei nada porque é de passagem rápida”;

“A gente fica guardando aquilo na cabeça mas não aplica”

“Às vezes aplico, conto para os outros. Quando entendo bem, eu não gravo”.

No primeiro exemplo, a questão é relativa às características do meio- Televisão -, que tem um ritmo mais acelerado. Na comunicação rural, a pressa é fatal. A vida no campo tem um ritmo diferente do da cidade e por isso as pessoas necessitam de um tempo maior para a assimilação. No segundo exemplo, a resistência pode ser em relação às mudanças: as pessoas estão acostumadas a fazer de uma determinada forma e só muito lentamente, ou a partir de um processo mesmo de convencimento¹⁹, vão conseguir quebrar esta maneira de agir. No terceiro exemplo já não se manifesta a resistência a mudanças, mas há um ruído quanto ao perfeito entendimento da mensagem.

Na exibição dos vídeos, os peões puderam objetivamente apontar que não entenderam o significado de expressões como “desempenho potencial genético”, “nutrientes e volumoso”, “desinfecção do umbigo”.

Há ainda as condições especiais que fazem com que o processo de comunicação não possa se realizar inteiramente:

“Aqui é tudo determinado. Já tem responsáveis. Não dá para fazer”.

“Não dá para aplicar. Quem manda não é a gente. Tem que ser mais o que o gerente manda”.

Nestes casos o *ruído* foi involuntário. Foi ocasionado por condições externas, em que a fazenda é comandada por gerentes ou patrões para um trabalho específico e os peões não têm autonomia para qualquer tipo de atividade. De qualquer forma, mais uma vez, o processo de comunicação não se realizou por inteiro, apesar da receptividade do telespectador.

Os processos de resistência às mudanças foram exaustivamente estudados nas Ciências Sociais. Aqui nosso enfoque é diverso: estamos preocupados com o ângulo de *ruídos* interpostos à efetivação da comunicação.

Ao analisar todas estas circunstâncias, o que vamos perceber é que existem sempre tentativas de comunicação, que implicam o tempo todo em emitir-receber-mudar de atitude .

Nesse sentido, é de fundamental importância delimitar o contexto em que esta comunicação se fará. Se o discurso não for adequado, a comunicação cairá no vazio, vários *ruídos* vão determinar que o processo não se concretize. O Vídeo, a TV podem cumprir papel especial nesta tarefa. Podem determinar formas de comportamento que vão implicar em melhoria de condições de vida: novos hábitos de higiene, noções de primeiros socorros, noções de saúde, preparação de alimentos, utilização de alimentos, medidas preventivas, enfim, uma gama de alternativas que podem contribuir para o bem estar do cidadão, especialmente do homem do campo, alijado do processo de comunicação oficial. Sua linguagem deve ser adequada e deve estar sintonizada com o público receptor, sob pena de cair no vazio²⁰.

No próximo capítulo mostraremos a importância da delimitação do contexto , para objetivar a forma de comunicação a ser engendrada e observaremos como alguns ruídos se produzem e interferem no processo de comunicação, comprometendo o seu resultado.

Notas:

¹ Censo Demográfico, 1991 - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, IBGE, 1993.

² Geografia do Brasil- região Centro Oeste - vol. 1 - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Diretoria de Geociências, Rio de Janeiro, IBGE, 1988, 268 p.

³ Tereré (s.m) mate refrescante, tomada da mesma forma que o chimarrão, mas com água fria. (anexo 1).

⁴ BORDENAVE, Juan E. Diaz - O que é comunicação rural. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988, p.14.

⁵ TRIGUEIRO, Osvaldo - “ A TV Globo em duas comunidades rurais da Paraíba”, in INTERCOM 60 - Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, 1989, p.74.

⁶ TÁVOLA, Artur da - A Liberdade de Ver, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1984, p.254.

⁷ BORDENAVE, *Op. Cit.*, p. 67. .

⁸ *Ibid*, pp. 67/68.

⁹ HEUSCH, Luc de - Cinéma et Sciences Sociales. Panorama du filme ethnographique et sociologique. Paris, Unesco, 1962, p.09.

¹⁰ YOUNG, Colin - “O cinema de Observação” in Pour Une Anthropologie Visuelle, (Claudine de France, ed) Paris, Morton, Ehess, 1979, p.73.

¹¹ ROUCH, Jean - “La Camera et les Hommes” , Paris, CNRS.

¹² MACDOUGALL, David - “Au dela du cinéma d’observation” in Pour Une Anthropologie Visuelle (Claudine de France, ed.) Paris, Morton/Ehess, 1979, p.100.

¹³ ROUCH, Jean - *Op. Cit.*, p.68.

¹⁴ YOUNG, Colin - *Op. Cit.*, p.75

¹⁵ BERLO, David K. - O processo de comunicação . Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1963, p.20.

¹⁶ *Ibid*, p.29

¹⁷ Usamos aqui a expressão **signo** no sentido que lhe dá Juan E. Diaz Bordenave, Além dos meios e mensagens Petrópolis, Vozes, 1983, pág. 36, que é o seguinte: “os signos são qualquer coisa ou estímulo físico, utilizados para representar objetos, qualidade, idéias ou eventos”.

¹⁸ FREIRE, Paulo - Extensão ou Comunicação , Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, pp.67-68.

¹⁹ Richard Jakubaszko , em seu livro Marketing Rural. Como se comunicar com o homem que fala com Deus., São Paulo, Ed. Best Seller, 1992, discute o assunto ao tratar da questão da propaganda em televisão: “Acontece que costuma-se esquecer que a propaganda é informação em primeiro lugar, e tenta-se inverter a ordem das coisas. Devido ao alto custo das veiculações, muitos tentam fazer com que a propaganda efetivamente venda. Tive o pedido de venda! A propaganda evoluiu tanto nos últimos anos que até isso já é possível. Mas nesse ponto, comunicação já passa a ocupar outro nível: ela deixa de ser processo de comunicação para ser de convencimento, o que é um negócio muito mais complexo” . pp. 63/64.

²⁰ Abordamos neste trabalho o termo televisão como sinônimo de vídeo, conforme definição de Arlindo Machado: “é a imagem eletrônica, entendidas como tal todas as modalidades de mensagens que se fazem exibir ou se deixar

“ler” na grade mosaicada do recetor de TV” - MACHADO, Arlindo , A Arte do Vídeo, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990, p. 11.

CAPÍTULO 3. O PROGRAMA MS RURAL.

Foi escolhido o programa MS Rural para análise neste trabalho, por ter maior alcance em termos geográficos e por ter maior audiência em sua modalidade.

O programa MS Rural é veiculado e produzido pela TV Morena, afiliada da Rede Globo de Televisão e vai ao ar para todo o estado de Mato Grosso do Sul, através de suas repetidoras TV Cidade Branca, TV Ponta Porã e TV Centro-América, atingindo 62 municípios do Estado. O horário varia, quando a programação nacional fica comprometida com corridas internacionais de automobilismo ou demais eventos esportivos, mas habitualmente vai ao ar após o programa em rede nacional Globo Rural, por volta de 9:00h.

O programa MS Rural existe há dez anos e, segundo sua coordenação, todas as reportagens apresentadas, desde o primeiro dia, estão arquivadas na emissora.

O programa foi criado para mostrar as potencialidades do Estado, eminentemente agropecuário e propor alternativas aos produtores, pesquisadores e técnicos, segundo seu coordenador Osmar Bastos. As mudanças no programa são raras e visam, quando ocorrem, uma maior aproximação com o setor produtivo. No ano de 1995 estava em estudo a introdução de um novo quadro que ajudasse o produtor encontrar opções economicamente viáveis, como a horta comunitária e a pecuária alternativa. Estava em estudo também a introdução do quadro "Você sabia?", com curiosidades para todo tipo de telespectador, mas estas propostas não foram levadas ao ar em 96, conforme a previsão inicial. A direção da emissora optou por colocar no ar um boletim diário - Boletim Rural - inserido no jornal local do meio dia- MS TV 1ª Edição. O boletim dá as cotações de legumes, frutas, carnes e grãos, agenda dos principais acontecimentos da área rural e notícias específicas agropecuárias.

Com cerca de 40 minutos líquidos¹ por semana, apresenta sempre o mesmo formato, com 4 blocos e 5 a 6 reportagens. Tem patrocínio múltiplo, voltado para o campo (inseticidas, remédios, adubos, sais minerais, lojas de materiais agropecuários, etc.), e conta com dois apresentadores, um homem e uma mulher.

A equipe técnica é formada por dois repórteres, que fazem também o trabalho de pauta e produção, um editor, um coordenador, que faz o papel de editor-chefe do programa, e uma equipe exclusiva de cinegrafista e auxiliar. As reportagens são produzidas e editadas durante a semana e na sexta-feira à tarde o programa é gravado para ir ao ar no domingo de manhã.

As pautas surgem de eventos programados para determinadas ocasiões, como leilões, exposições, mostras, etc, notícias de jornal sobre pesquisas, iniciativas, criações especiais, e outras, e da própria cobertura de alguma notícia. Os repórteres-produtores, em sua reportagens, estão sempre em busca de novas pautas. Além disso, a coordenação do programa possui uma rica agenda de fontes, com as quais mantém contato semanalmente.

A direção da empresa empenha-se em manter o programa no ar e com o formato já consagrado. O programa tem patrocínio publicitário garantido, o quadro funcional é minúsculo e o gasto maior fica por conta das viagens pelo centro-oeste e pela Bolívia e Paraguai, países fronteiriços com o Mato Grosso do Sul e que eventualmente são alvo de reportagens.

A audiência é garantida, sendo o programa MS Rural líder em seu horário. A empresa não se preocupa em contratar pesquisa de audiência. Durante o ano de 1994 foram realizadas apenas duas pesquisas, uma no mês de maio e outra em outubro. As duas pesquisas se referem a Campo Grande e região. Na do mês de maio, a audiência foi de 35%, num total de 37% de domicílios com televisor ligado no horário do programa, perfazendo um total de 53.703 domicílios ligados. Na pesquisa de outubro foi registrado um índice de 37% de audiência, com um total de 107.868 pessoas assistindo ao programa MS Rural. Esta prática se repete em 1995, com pesquisas encomendadas também nos meses de maio e outubro. No mês de maio, a

audiência no horário foi de 20%, tendo a emissora segunda colocada uma média de 7% de audiência. Cerca de 52.500 pessoas estavam ligadas no MS Rural no dia da pesquisa. Em outubro, a audiência foi de 21% e a emissora segunda colocada ficou com 13% de audiência. O programa foi assistido por um público de 53.868 pessoas.

O programa é levado ao ar em 62 municípios (são 73 no estado todo) através da rede de TV que inclui a TV Morena (atendendo 25 municípios), TV Ponta Porã (atendendo 35 municípios) e TV Cidade Branca (atendendo 2 municípios). Nas fazendas com antenas parabólicas, no entanto, o programa não vai ao ar, já que a antena capta a programação via satélite e não a programação local.

As reportagens são produzidas no esquema-padrão de matérias da Rede Globo, com o repórter fazendo abertura de matéria, off, passagens, entrevistas e encerramento². Não há preocupação específica com a linguagem, mas, segundo o coordenador do programa , o veterinário Osmar Bastos, evitam-se os termos técnicos para tornar a linguagem o mais simples possível. Ao final das reportagens, o apresentador faz pequenos comentários, sem função de âncora ou técnico especialista na área. São comentários soltos, sem dados novos à matéria.

O programa possuía, em outras épocas, um quadro de atendimento a cartas de telespectadores. O quadro, no entanto, tornou-se inviável pelo trabalho de produção que demandava. Atualmente, o programa recebe um número restrito de correspondências e, na medida do possível, as preocupações das cartas se transformam em pauta, após minuciosa verificação de custos.

Após análise dos espelhos³ de roteiros do ano de 1994, decidimos optar pela análise de gravações do mês de outubro. Dessa forma, serão analisados os programas dos dias 02,09,16,23 e 30 de outubro de 1994. Para a escolha foi verificado o padrão de seqüência dos programas, em relação ao que têm de quadros mais característicos e que foram mantidos nesta programação.

Os meses de janeiro e julho foram descartados por serem meses de férias, em que o programa costuma fazer reprise de reportagens solicitadas pelos telespectadores. Os meses de fevereiro e setembro também foram descartados por terem se apresentado atipicamente, em que, durante todo o mês, só foram levados ao ar dois programas, por interesse da emissora em transmissões nacionais de esportes, como corrida de Fórmula Um.

Os meses de abril e junho tiveram grande parte de sua produção com reportagens de fora, da afiliada do grupo da TV Morena de Cuiabá. Neste sentido, os programas fugiram às características de atendimento à população e aos interesses do Estado, especificamente.

O mês de maio - mês das mães - teve uma característica diferente na programação do MS Rural, que foi todo dedicado às mães e com reportagens especiais neste sentido, fugindo, portanto, ao padrão do programa.

Os meses de novembro e dezembro também foram atípicos, com problemas no horário da programação e só foram ao ar três programas em cada mês.

A escolha da análise centrou-se, portanto, os meses de agosto e outubro. Nos dois meses foram ao ar todos os programas em todos os domingos, mas optou-se pelo mês de outubro por já ter passado a seca e já não haver mais limitação de pauta. O mês de agosto foi descartado em virtude da seca, que impossibilita e inviabiliza a realização de muitas pautas.

Os programas a serem analisados neste trabalho foram veiculados pela TV Morena, no Mato Grosso do Sul, nos dias 02, 09, 16, 23 e 30 de outubro de 1994.

3.1 AS CARACTERÍSTICAS DO PROGRAMA.

O programa MS Rural é levado ao ar há uma década e tem sempre as mesmas características, num plano que se modifica muito pouco. Quando as reportagens são mais longas, e falta espaço no programa, são retiradas algumas notas. As primeiras a cair são as cotações de carnes, legumes, frutas e grãos, quadro característico do programa. Se o telespectador assistiu ao programa, especificamente à espera das cotações, o que é muito comum, no programa de 02.10.94 frustrou-se. No espelho do programa consta espaço para as cotações, mas ao assistir ao programa percebe-se que as notas foram suprimidas, por problema de tempo. No programa de 30.10.94, as cotações nem aparecem no espelho.

Os programas têm uma variação em número de reportagens, entre 5 e 7, fora entrevistas em V.T. e o V.T. Resumo, um apanhado dos principais acontecimentos agropecuários da semana, que aparece apenas nos programas dos dias 16 e 23 de outubro de 94.

Os programas dos dias 09 e 30 apresentaram matérias longas que foram subdivididas em duas partes, cada uma num dos blocos do programa.

Um quadro fixo do programa, que é resolvido visualmente com gerador de caracteres - gc⁴ - é o Agenda Rural. São mostrados, através de gc, os principais eventos que acontecerem no Estado na semana anterior.

Outro quadro característico do programa - e que entra no rol de reportagens em V.T. - é a receita da semana. Nos programas analisados, a receita só não aparece no programa do dia 09.

Apenas os programas - do dia 02 e do dia 17 - contemplam carta de telespectador, com reportagem sobre estufas e sobre criação de minhocas, a primeira sob a orientação de um técnico da Empaer e a segunda realizada no Instituto Penal de Campo Grande, com depoimento de detentos, que criam e trabalham com a reprodução de minhocas.

As entrevistas (sonoras) com determinados personagens, como secretários de estado, representantes dos órgãos ligados à criação, etc., só aparecem nos programas dos dias 02 e 30, não se colocando portanto como característica do programa. Ao longo do ano, elas aparecem esporadicamente.

3.2 AS CARACTERÍSTICA DO PROGRAMA GLOBO RURAL.

O programa Globo Rural não é objeto de nosso trabalho. Muitos outros trabalhos já foram realizados analisando este programa. Traçaremos aqui algumas características para estabelecer um referencial com o programa MS Rural. O MS Rural foi criado seis anos após o Globo Rural.

O programa Globo Rural está no ar há 16 anos, transmitido para todo o País pela Rede Globo de Televisão, de São Paulo, aos domingos, às 8:00h. A principal característica é praticar o telejornalismo de serviço. Tem entre 45 e 50 minutos líquidos de duração e um ritmo mais lento em relação aos demais programas jornalísticos da emissora. Os apresentadores tentam manter um diálogo⁵ com o telespectador, numa linguagem informal, que foge a qualquer tipo de sofisticação. Luis Carlos Ferreira de S. Oliveira, em seu trabalho, salienta este aspecto:

“A televisão brasileira, no caso do programa “Globo Rural”, não se pauta inteiramente pela “não-comunicação”. O programa abre espaços para tentativas de diálogo, de integração entre os diversos componentes do setor rural”⁶.

Entrevistei em julho de 1995 o jornalista Gabriel Romeiro, especialmente para este trabalho. Segundo Gabriel Romeiro, diretor do programa e trabalhando no Globo Rural há 15 anos, não há uma linguagem propriamente elaborada para o programa porque não há a preocupação com um público diferenciado. Para ele, o telespectador do Globo Rural é o telespectador comum da televisão brasileira e entende tudo o que é passado: “Quando se optou por uma linguagem mais lenta, que parece uma linguagem rural, bovina, na verdade está ligada à grande reportagem, tipo documentário.

O documentário é lento em qualquer lugar e a opção foi fazer um programa demonstrativo”.

Segundo Jakubaszko o tom e o clima do campo são impostos pela natureza, como a germinação de uma semente: “... o ritmo é outro, e não adianta se apressar. No campo, prevalece o ritmo natural e não essa coisa apressada que caracteriza a existência urbana. E se você não respeita as diferenças, terá problemas⁷.”

Nas reportagens, o programa também se diferencia dos demais jornalísticos da Rede Globo. Com uma linguagem pausada, as reportagens e entrevistas são feitas com microfone de lapela, o que permite uma maior descontração e evita a imposição do repórter puxando o microfone ou cortando as falas. Na verdade, as sonoras parecem mais bate-papos informais e na edição não são verificados cortes abruptos, evitando assim a idéia de descontinuidade. Os cortes são os normais, imprescindíveis para a edição, como plano e contra-plano.⁸

O público principal do programa é o pequeno produtor rural e a avaliação feita pela produção do programa é que no Brasil a grande maioria de agricultores trabalha manualmente ou, no máximo, com tração animal. Com estes dados, busca-se trabalhar com a tecnologia, mas sob o ângulo possível para o pequeno produtor em termos de realização. Segundo Gabriel Romeiro “a modernidade não encanta o Globo Rural. Por isso acenamos para o público com sonhos, tecnológicos inclusive”.

Em sua análise sobre o programa Globo Rural, Annick B. G. Scaillet Seixas e José Geraldo F. de Araújo defendem que o programa quer mostrar que a vida no campo é viável e pode ser valorizada a partir do conhecimento e contato com técnicas científicas e experiências produzidas pelos órgãos de pesquisa agropecuária:

“Ele (o programa Globo Rural) divulga e legitima a idéia de que o progresso social, a emancipação do produtor rural, depende única e exclusivamente do desenvolvimento científico e tecnológico”⁹.

Segundo Bordenave, o ensino sobre a tecnologia para o meio rural deve ser desenvolver o conhecimento de como usar os recursos e não as máquinas ou novos insumos. Para ele o importante é o conhecimento do uso correto da tecnologia num sistema de produção determinado, o que resultaria num “ensino-aprendizagem de tecnologia”¹⁰.

Nesse sentido, o Globo Rural apresentou, em 1992, uma série de reportagens sobre a criação de cabras no interior da França. Uma pauta que aparentemente não tem nada a ver com a população brasileira, mas que se enquadra dentro deste “espírito sonhador” do povo brasileiro. O programa buscou mostrar alternativas e é a partir daí que trabalha: apresentando formas de comportamento que possam ser utilizadas para o melhoramento das condições de trabalho e de vida da população rural.

Ainda para Bordenave a comunicação rural deve levar em conta o estágio de desenvolvimento tecnológico dos agricultores de uma determinada região quando se quiser formular qualquer programa de educação ou de mudança: “A mudança tecnológica não deve ser promovida como se fosse simples objeto de decisão tecnocrática ou comercial. Ela deve ter um crescimento orgânico, funcional, adequado ao desenvolvimento educativo e social da população rural, às oportunidades de emprego, ao progresso da industrialização”¹¹.

O sistema de comercialização do programa é local. Cada afiliada da Rede Globo pode vender localmente o produto. Nesse sentido é um programa extremamente atrativo, financeiramente, para todas as praças. Em 95 havia o projeto de transformá-lo em programa diário, mas foi adiado para 96.

A produção do programa tem apenas duas câmeras para cobrir a pauta de todo o País. O trabalho de produção¹² é rigoroso para que a equipe técnica seja exigida apenas o indispensável, podendo logo ser remanejada para outro local para dar conta de todas as necessidades semanais do programa.

No ar, semanalmente, a montagem do programa é feita a partir de uma reportagem técnica de abertura, isto é uma reportagem com informações técnicas sobre determinado assunto de interesse para o campo, três reportagens gravadas em VT para respostas de cartas de telespectadores, duas respostas de cartas com orientação técnica, sem gravação em VT, uma matéria técnica curta e uma matéria longa de encerramento. Fora este esquema padrão há as dicas de agenda da semana e as notícias do mercado, imprescindíveis para a área rural.

Os próprios repórteres editam suas matérias. Além delas há um editor para a parte de mercado e um editor para cuidar das cartas dos telespectadores. As cartas recebidas pelo programa são uma média de cem por dia. Representam de 10 a 15% da pauta semanal do programa. Pelo volume, há necessidade de uma pessoa só para a leitura, triagem, produção e edição do material que vai ao ar. Todas as cartas são respondidas, mesmo as que não são objeto de reportagem gravada ou de resposta ao vivo nos programas.

O Globo Rural não exerce influência sobre o grande fazendeiro. Na avaliação dos produtores do programa, serve mais como ponto de referência. Mas há exceções e a produção tem notícias de fazendeiros que gravam os programas em videocassete todas as semanas. Outra informação recebida é que a Associação dos Criadores de Truta surgiu a partir do programa. A média de audiência do programa, no mês de julho/95, mês em que foi realizada a entrevista com o diretor do programa medida pelo IBOPE¹³, foi de 14% de aparelhos sintonizados na TV Globo no horário do programa sobre o total de aparelhos (ligados ou não).

3.3 REPORTAGENS SELECIONADAS PARA ANÁLISE.

Dentre os programas selecionados do MS Rural, foram escolhidas duas reportagens de cada um para análise. Buscamos nos ater às reportagens que se referissem ao tema gado ou pecuária, mas nem todos os programas

trouxeram reportagens sobre este assunto. Assim, tentamos mostrar as reportagens principais dos programas, com o objetivo de estabelecer as suas características.

Os programas foram assistidos, as reportagens foram selecionadas e foi feita a decupagem¹⁴ das reportagens a serem analisadas. Descrevemos os textos das reportagens selecionadas no Anexo 3. São elas: Seleção de Touros, Cura/Umbigo, Ganho/Peso, Confinamento/Frigorífico1, Confinamento/Frigorífico 2, Incêndio/Fazenda, Minhocas/Presídio, Beefalo/Cruza, Temporada/Pesca, Hospital/Fazenda Leilão/Modernidade. As imagens poderão ser observadas na cópia de vídeo que acompanha essa dissertação.

3.4 ANÁLISE DAS REPORTAGENS.

A metodologia empregada para a análise do Programa MS Rural é a da análise lexical proposta por Michel Thiollent¹⁵. Buscamos não nos ater apenas à análise estatística das palavras contidas no texto, mas também proceder à análise do conteúdo, procurando vislumbrar a regularidade na composição dos textos, a comparação com os outros textos e as mensagens potenciais mas não explicitadas.

Fazemos também observação à imagem, com referência ao formato, às passagens de um plano a outro e a utilização da imagem enquanto complemento do texto ou mero adereço, a partir da metodologia de análise de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété¹⁶.

Primeiramente procuramos selecionar, a partir dos roteiros dos programas do mês de outubro/94, as reportagens que mais estivessem ligadas à pecuária e ao peão de gado. Foram selecionadas duas reportagens por programa. Em seguida procedemos à leitura minuciosa de cada matéria, para a verificação da regularidade do vocabulário ou da incidência de repetição de determinados termos ou expressões. A partir daí, grifamos algumas palavras consideradas palavras-chave, para a análise da regularidade com que

aparecem, próximas de quais outras expressões e a idéia, o conteúdo que engendram ou pretendem engendrar.

Seleção de Touros.

A primeira reportagem escolhida para análise, no programa nº 381, de 02.10.94, foi a Seleção de Touros. Em 7 minutos de reportagem, entre abertura do locutor¹⁷ e matéria gravada em VT, encontramos as seguintes características:

- . a palavra **criador** - e seus sinônimos **produtor, ele, pecuarista** - foi utilizada 13 vezes.
- . a palavra **propriedade (s)**, uma extensão do produtor ou pecuarista, foi utilizada 4 vezes.
- . a palavra **peão** foi utilizada uma vez.
- . as conseqüências, tais como **melhoramento, lucros e renda**, apareceram 6 vezes.

Vamos ver agora em que condições a palavra **criador** e seus derivados foi empregada:

- 1) Com um bom aproveitamento dos touros, o **criador** melhora a fertilidade do rebanho.
- 2) Nesse processo, o único investimento de maior porte, feito pelo **produtor** é com a compra de bons exemplares.
- 3) Com um bom plantel de machos, o **pecuarista** tem que ficar atento...
- 4) ... os resultados são mais visíveis ao bolso do **produtor**.
- 5) O **produtor** consegue novilhos precoces com idade máxima de três anos e peso mínimo de 15 arrobas.
- 6) ... sem falar que o **produtor** consegue também comercializar na entressafra.
- 7) E basta ao **produtor** se inscrever no Promepe - que é o Programa de Melhoramento da Pecuária - ...
- 8) ... que **ele** terá todas as condições de incentivo do governo.
- 9) Inclusive muitos **pecuaristas** não estão recebendo este incentivo por falta até de conhecimento.
- 10) O **produtor** pode receber um animal para cada 15 ou 20 animais?

11) Ele recebendo o incentivo de 5%, para cada 20 animais que **ele** abate, que seria um caminhão, **ele** recebe um boi de benefício.

12) E o **produtor**, esse programa tem melhorado?

13) A imagem dos bezerros com menos de 1 mês vira colírio para os olhos do **produtor**.

A palavra **propriedade** (s) apareceu nas seguintes circunstâncias:

- 1) e aumenta os lucros na **propriedade**.
- 2) E nós temos hoje cerca de 180 **propriedades** inscritas no programa nos mais diversos pontos do Estado.
- 3) ... é uma decisão gerencial da **propriedade**.
- 4) ... que tem repercussão imediata no aumento de renda dessa **propriedade**.

A palavra **peão** apareceu apenas uma vez:

- 1) Neste caso, o próprio peão que está na lida com o gado pode conseguir uma boa seleção.

As palavras **melhoramento**, **lucros**, **renda** apareceram 6 vezes na reportagem nas seguintes condições:

- 1) ...como a seleção de touros pode ajudar no **melhoramento** bovino.
- 2) ... e aumenta os **lucros** da propriedade.
- 3) ... só agora começa a passar por alguns processos de **melhoramento**.
- 4) Os resultados com a seleção de touros no **melhoramento** de gado aparecem já nas primeiras crias.
- 5) Programa Mato Grossense de **Melhoramento** da Pecuária.
- 6) ... que tem repercussão imediata no aumento da **renda** de sua propriedade.

A reportagem, em toda a sua extensão, fala das vantagens do produtor rural na opção de selecionar melhores exemplares de touro para a reprodução de seu plantel. As palavras produtor, criador, pecuarista estão sempre ligadas a bom, lucro, vantagem, renda, fertilidade, melhoramento, investimento, incentivo, resultados, etc.:

- com um bom aproveitamento de touros, o criador melhora a fertilidade do rebanho.

- o único investimento de maior porte, feito pelo produtor, é com a compra de bons exemplares.
- com um bom plantel, o pecuarista tem que ficar atento...
- E os resultados são mais visíveis ao bolso do produtor
- O produtor consegue novilhos precoces (idéia de lucro, vantagem)
- ... sem falar que o produtor consegue também comercializar na entressafra (idéia de lucro, vantagem)
- E basta ao produtor se inscrever no Promepe que ele terá todas as condições de incentivo do governo.
- Inclusive muitos pecuaristas não estão recebendo este incentivo por falta até de conhecimento.
- E o produtor pode receber um animal para cada 15 ou 20 animais (idéia de vantagem, lucro)
- Ele recebendo o incentivo de 5%, para cada 20 animais que ele abate, que seria um caminhão, ele recebe um animal de benefício.
- E a imagem dos bezeros com menos de 1 mês viram colírio para os olhos do produtor (idéia de lucro, vantagem).

A palavra **propriedade** está ligada também à idéia de vantagem, lucro, benefício:

- ... e aumenta os lucros na propriedade.
- Cerca de 180 propriedades inscritas no programa... o que é um número muito significativo... (vantagem)
- É uma decisão gerencial de propriedade, que tem repercussão imediata no aumento da renda dessa propriedade (vantagem).

Quando a reportagem se refere a **peão**, a idéia está ligada, imediatamente, com trabalho, visando mais uma vez vantagem para o produtor, com o barateamento dos custos do serviço:

- Neste caso o próprio peão, que está na lida com o gado, pode conseguir uma boa seleção.

Nesta primeira reportagem, o que se tem é uma tentativa de estimular o produtor a mudar de atitude e melhorar o seu plantel visando ter

melhores condições de negociação para seu gado e alcançar lucros. A reportagem, em seu formato, tem todas as características da reportagem-padrão que é veiculada diariamente para todo o País através dos telejornais da Rede Globo: um texto em off¹⁸ do repórter enfocando o tema, entrevistas, passagem¹⁹ do repórter. As imagens procuram não brigar com o texto, mas, na verdade, não complementam, apenas ilustram tudo o que o repórter fala. Aqui, particularmente, não há preocupação com o tempo. A reportagem é longa e procura enfatizar a questão do bom negócio para o produtor. A reportagem não trata de aspectos negativos. Quando o assunto é gasto, há atenuantes :

- o único investimento de maior porte...
- é uma decisão somente de manejo, onde você faz um aproveitamento dos touros e você faz um investimento talvez em termos um pouco maior, só que você tem uma resposta imediata.

No primeiro caso, o termo único e no segundo, talvez em termos logo complementado por resposta imediata, convencem por trazerem embutidos a idéia de, mais uma vez, vantagem, lucros ao produtor.

bom plantel → criador ← bons exemplares
 resultados visíveis → produtor ← novilhos precoces
 colírio para os olhos → pecuarista ← comercializar na entressafra

ele ←
 incentivo
 um animal por cada 15 ou 20
 um boi de benefício

Não há um tratamento especial das imagens. Elas são gravadas da forma convencional estabelecida pela Rede Globo e editadas sem utilização de recursos e efeitos especiais. As entrevistas são feitas em plano médio e, em algumas delas, as imagens cobrem a fala do entrevistado, acompanhando as informações que estão sendo prestadas. Os cortes são secos e não há fusão, escurecimento, ou quaisquer outros movimentos de câmera que

vislumbrem um acabamento mais elaborado, apesar do programa ser semanal e as reportagens serem gravadas com antecedência.

Cura/Umbigo.

Ainda no programa de nº 381, de 02.10.94, a segunda reportagem escolhida para análise foi a de Cura/Umbigo. A reportagem tem 5'06", com a mesma estrutura da anterior, mas após a exibição do VT tem uma volta ao locutor em que ele reforça a importância do assunto.

As palavras-chaves grifadas foram:

- 1) peão, peonada, eles, pessoal : 5 vezes.
- 2) vacada, vacas, gado, rebanho: 17 vezes.
- 3) bezerro, animal, bezerrinho: 18 vezes.
- 4) produtor: 2 vezes.

As palavras-chaves **peão, peonada, eles, pessoal** aparecem nas seguintes circunstâncias:

- 1) Isso facilita o trabalho do **peão**.
- 2) Ela (a vaca) pode investir a qualquer momento contra o **peão**.
- 3) Agora o que **eles (peões)** vão fazer?
- 4) O **pessoal (peões)** vão fazer a cura do umbigo
- 5) Vamos fazer a **peonada** correr o pasto maternidade.

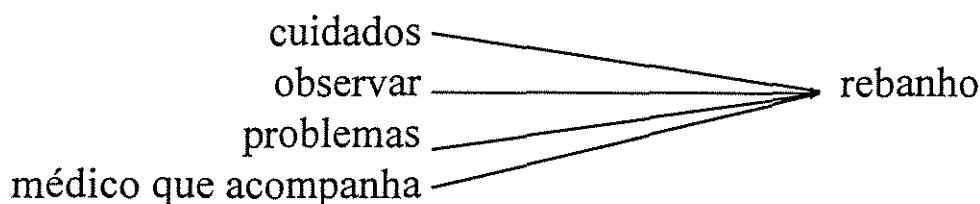
As referências feitas ao **peão**, durante todo o transcorrer da reportagem, é relacionado ao manejo, ao trabalho a ser desenvolvido. A reportagem não é dirigida a ele. O peão é apenas um complemento , necessário para a explicação das informações prestadas. A 5ª referência "vamos fazer a peonada..." é um chamativo para o produtor rural fazer o peão trabalhar com a atenção redobrada.

Vacas, vacada, rebanho, gado e animal aparecem assim:

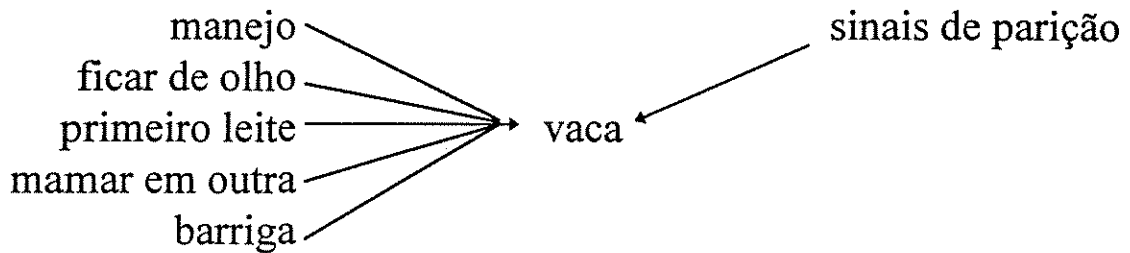
- 1) Estamos em época de parição da **vacada**.
- 2) É bom tomar alguns cuidados com o **rebanho**.

- 3) Os cuidados começam com o manejo da **vacada**.
- 4) ...suprir as necessidades do **animal**.
- 5) É bom a **vacada** ficar próxima à sede da fazenda.
- 6) Observar o **rebanho** todos os dias.
- 7) A **vaca** dá os primeiros sinais de parição.
- 8) Todo este manejo com as vacas prenhas... representa, sem dúvida, lucro...
- 9) Aqui no Centro Nacional de Pesquisa de **Gado** de Corte, os pesquisadores estão orientando...
- 10) É bom ficar de olho na **vaca** .
- 11) Tem um controle do **rebanho** da propriedade.
- 12) O colostro é o primeiro leite da **vaca**.
- 13) Coloque para mamar em outra **vaca**.
- 14) Existe alguma diferença... em relação ao manejo... da **vacada**?
- 15) A gente terá um índice muito maior de problemas no **rebanho**.
- 16) ...pelo próprio médico veterinário que acompanha o **rebanho**.
- 17) ... quando está dentro da barriga da **vaca** tem um papel.

As expressões vaca, vacada, rebanho, gado ou animal (referindo-se à mãe, à vaca) , foram utilizadas nada menos que 17 vezes. Em praticamente todas elas chamando a atenção para os cuidados que se deve ter com a vaca no período da prenhez. Algumas das expressões se referem aos benefícios com o manejo correto da vaca: o bem estar do bezerro, mas também os benefícios trazidos para o produtor. Quando passa esta idéia, a expressão utilizada é rebanho.



Quando o texto se refere à vaca, simplesmente, é nos cuidados e benefícios que podem advir para o bezerro:



As palavras-chaves bezerro, animal, bezerrinho e ele estão presentes desta forma:

- 1) Umbigo curado, **bezerro** marcado.
- 2) Evita várias doenças ao **bezerro** recém-nascido.
- 3) Laçar o **bezerro**, segurar o **bezerro** e derrubar o **bezerro**, tem que ter cuidado.
- 4) O **animal** pode machucar.
- 5) Vai ajudar na cicatrização do umbigo do **bezerro**.
- 6) ... e também seja feita uma contenção do **animal**.
- 7) ...para que **ele** não fique batendo com a cabeça.
- 8) ... é feito também a identificação do **animal**.
- 9) Dá ao **bezerro** a proteção ideal.
- 10) Se o **bezerro** não conseguir mamar o colostro...
- 11) Esse colostro vai transferir para o **bezerro** uma série de proteções...
- 12) ... que o **bezerro** vai usar nos primeiros meses...
- 13) ...dá para curar o umbigo de aproximadamente 40 **bezerros**...
- 14) ... é muito importante para a nutrição do **bezerro**.
- 15) ...uma qualidade melhor destes **bezerros** durante seu desenvolvimento.
- 16) Umbigo curado é **bezerro** marcado.
- 17) ... que pode até matar o **bezerrinho**.
- 18) Começa a cair o **bezerro**.

As expressões bezerro, animal (referindo-se a bezerro), bezerrinho e ele (também referindo-se a bezerro) foram usadas na reportagem 20 vezes (numa mesma frase- a de número 3- foi utilizada 3 vezes). A maior parte delas referindo-se aos cuidados com o manejo para preservar o bem estar do animal. A reportagem quer chamar a atenção do telespectador para a importância da cura do umbigo e da mama do colostro.

A reportagem, no entanto, não é dirigida ao peão, que está na lida diariamente com o gado. É dirigida ao proprietário, alertando-o a colocar o peão para trabalhar, para a preparação do remédio pelo próprio médico-veterinário, para a questão dos lucros e gastos menores, etc.

A palavra **produtor** foi utilizada 2 vezes e da seguinte forma:

- 1) ...representa, sem dúvida, lucro ao **produtor** rural.
- 2) O **produtor** vai gastar menos com medicamentos.

As duas referências ao produtor estão ligadas a lucro ou diminuição de gastos. O tom da reportagem, dirigida ao produtor, quem dá definitivamente é o locutor, na volta ao vivo, após a apresentação do V.T. Com a expressão “senão o negócio vai para trás, é ou não é” fica patente a quem é dirigido o recado.

Foram utilizados, ainda, os adjetivos bom e boa 5 vezes, melhor (es), 2 vezes e o substantivo cuidado, 4 vezes.

O locutor utiliza a expressão “*infecção disgramada*”, que não existe no Dicionário Aurélio, mas que quer dizer “desgraçada”. A expressão - forte - serve para dar ênfase à importância das práticas apresentadas.

Em relação ao formato, é o mesmo da reportagem anterior, com texto em off, entrevistas e passagem de repórter. Não há preocupação com a pós produção, esmerando-se em *slows*, fusões, *travellings*²⁰, etc. As imagens mostradas vão seguindo exatamente o texto. Um recurso utilizado nesta reportagem é o aparecimento de uma imagem frisada (congelada) com informações sobrepostas com gerador de caracteres (receita do remédio para a desinfecção do umbigo). Na volta do locutor, ao final da matéria, também é utilizado o recurso do gc para informações sobre endereço da EMBRAPA. Os cortes das imagens são cortes secos assim como as passagens de um plano a outro, que são cortados na ilha de edição.

Ganho/Peso.

No programa nº 382, de 09.09.94, foi escolhida para análise a reportagem Ganho/Peso, com 2'15" de duração. Esta reportagem também é dirigida ao produtor rural. O objetivo é melhorar a qualidade da pecuária de corte. Não é feita referência ao peão ou ao manejo. A reportagem se refere à prova de ganho de peso e a classificação dos animais vencedores organizada pela EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

As palavras-chave **animal (is)**, **indivíduos**, **deles**, **ele**, **gado** apareceram na reportagem nas seguintes condições:

- 1) É a prova de peso da EMBRAPA para identificar **animais**...
- 2) Mais de cem **animais** passaram por uma bateria de exames.
- 3) O **gado** de raça Nelore ficou numa área...
- 4) O objetivo da prova foi identificar **animais** superiores...
- 5) O tipo de **animal** também foi avaliado...
- 6) Treze **animais** de elite e 34 superiores...
- 7) A idade média dos **animais** era de oito meses...
- 8) O **animal** atingiu 353 kg.
- 9) Quais são os **indivíduos** (animais) que tenham maior rendimento...
- 10) ... porque a classificação **deles** (dos animais) é feita pelo seu peso final.
- 11) ... desempenho que **ele** (o animal) teve até a desmama...

As expressões acima destacadas apareceram na reportagem 11 vezes e na maioria delas referindo-se à prova propriamente dita realizada pela EMBRAPA. São as características dos animais ou das provas que são salientadas, mais com objetivo de referência às etapas das provas do que explicações ao significado de cada etapa. A reportagem, neste aspecto, é puramente descritiva, sem acrescentar dados técnicos ou aprofundar no sentido de esclarecer para que serve a prova.

As duas vezes em que é empregada a expressão **pecuária de corte** na reportagem está próxima do verbo "melhorar" e do substantivo "melhoramento". Nas duas, o objetivo é incentivar o produtor, mostrando os benefícios que podem advir:

- 1) ... objetivo de melhorar a **pecuária de corte** no Estado.
- 2) ... promover o melhoramento genético da **pecuária de corte**.

Toda a reportagem tenta estimular o pecuarista, chamando a atenção para os bons resultados conseguidos com a prova de ganho de peso. A reportagem cita técnicas da Associação Brasileira de Criadores de Zebu. Em nenhum momento a reportagem cita ou se dirige aos trabalhadores com gado de corte, os peões da fazenda.

O formato desta reportagem é mais simples que o das reportagens anteriores, por ser uma reportagem de duração menor. É apresentado um off coberto com imagens gerais dos bois no pasto, no mangueiro, dos técnicos no meio dos animais, mesclados por *closes* de bois e imagens de planos abertos ou planos médios. Os cortes são secos e a sonora com o entrevistado é seca também, sem cobertura de imagens. O único recurso utilizado é o de gerador de caracteres para dar as informações sobre a tabela de peso utilizada pelos técnicos. O gc entra como reforço, já que as informações estão presentes no texto falado pelo repórter. As imagens no caso desta reportagem entram como adereço, elas não acrescentam nada às informações prestadas pelo texto do repórter e do entrevistado.

Confinamento/Frigorífico.

A segunda reportagem analisada do programa nº 382, de 09.10.94, é sobre **Confinamento/frigorífico**. A reportagem foi dividida em duas etapas, apresentadas em blocos diferentes do programa. A matéria **confinamento/frigoríficos 1** tem 3'47" de duração e aparece no primeiro bloco do programa. É dirigida especificamente ao produtor rural de pecuária de corte, falando das vantagens do confinamento do animal em época de seca, para que o boi não perca peso e o produtor não perca dinheiro. A linguagem é direta e coloquial e, algumas vezes, dirige-se ao produtor como você e a gente. Nesta reportagem, a palavra produtor, e seus derivados, foi usada em 10 ocasiões.

criadores/produtores/produtor rural/ você /a gente

- 1) Os **criadores** de gado de corte conseguem preços recordes na entressafra.

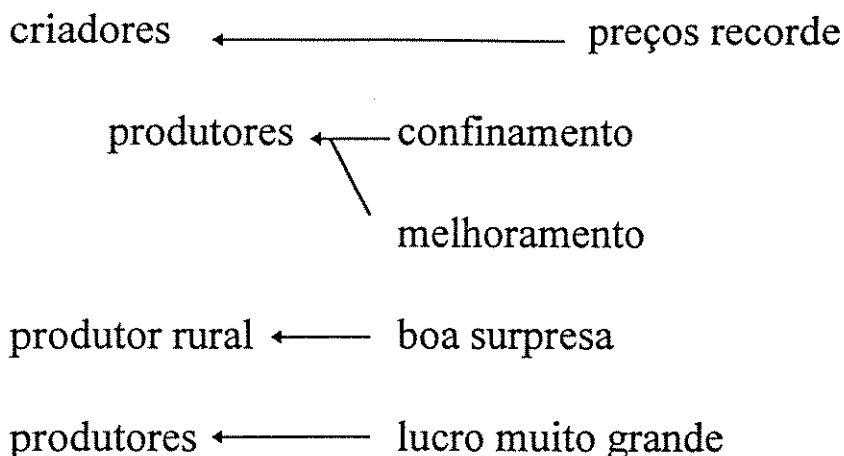
- 2) Muitos **produtores** apostaram no confinamento.
- 3) O **produtor rural** teve uma boa surpresa.
- 4) Se **você** (o produtor) pensar que o confinamento tem uma alimentação mais cara, sim.
- 5) Mas se **você** (produtor) deixar no pasto...
- 6) **Você** (produtor) vai fazer com que seus animais percam peso.
- 7) Se **a gente** (produtor) colocar estes animais agora...
- 8) **A gente** (produtor) ganha dinheiro.
- 9) A não ser que **você** (produtor) tivesse boas condições de pastagem.
- 10) ... e levando os **produtores**, especialmente os que fizeram confinamento, a um lucro muito grande.

A reportagem procura ser didática no sentido de mostrar as vantagens conseguidas com o confinamento. Os recursos empregados continuam sendo o de ganho, preços recorde, etc.. A edição da reportagem tenta mostrar os prós e os contras para se praticar o confinamento. Para isso utiliza os complementos que, sabemos, chamam a atenção do produtor: lucro, ganho, vantagem.

A palavra **preço** aparece 5 vezes na reportagem, todas elas em situações de lucro, ganho, como se segue:

- 1) ...conseguem preços recorde na entressafra...
- 2) O **preço** conseguido na venda do gado chegou a 27,90 dólares, o maior dos últimos dez anos.
- 3) ...este **preço** aumente ainda mais...
- 4) E só de diferencial de **preços**...
- 5) Eles confinados quando o **preço** estava cerca de 18,19 reais e hoje está em torno de 26.

Esta é a receita encontrada para atrair o telespectador. Nesse caso o telespectador é o produtor rural e a linguagem empregada é a do lucro. Fala-se em ganho de peso, evitar perda de peso do animal, tipo de alimentação, produzida na própria fazenda em sua quase totalidade, barateando custos, venda na entressafra, etc.



Quando o termo empregado é produtor (e seus derivados) as idéias que se seguem são sempre de benefícios, vantagens. Quando o termo empregado é você, mostra o efeito inverso, os malefícios, mas procura, de qualquer forma, uma aproximação maior do produtor, argumentando de forma a denotar cumplicidade, como se quisesse dar conselho:

- 1) Se **você** pensar que o confinamento tem uma alimentação mais cara, sim.
- 2) Mas se **você** deixar no pasto, especialmente na época de seca...
- 3) **Você** vai fazer com que seus animais percam peso.
- 4) A não ser que **você** tivesse boas condições de pastagem...

O tipo de argumentação muda novamente quando o termo empregado é **a gente**. Nesse ponto a reportagem tenta se misturar ao produtor. O termo **a gente** é usado englobando tudo: o telespectador que está em casa e o técnico que está enumerando as regras para atingir o lucro:

- 1) Se **a gente** colocar estes animais agora, durante o mês do início da seca, e vendê-los na época da entressafra...
- 2) ... **a gente** ganha dinheiro.

Como se observa, há uma tentativa de aproximação salientando as vantagens, mas de uma forma compartilhada, como se houvesse cumplicidade entre quem faz a reportagem e quem a assiste.

O formato desta reportagem segue o mesmo das reportagens anteriores, no esquema padrão convencional para telejornais da TV brasileira. No entanto, o tratamento dado às imagens, aqui, foge um pouco à

regra. Há mudanças de enquadramento, não respeitando apenas o plano médio, por exemplo, para as entrevistas. Numa passagem, a repórter entra no quadro, sendo focalizada em $\frac{3}{4}$ do corpo. Há uma imagem de bois em que é feito um semi-travelling, falo em semi porque o movimento não foi completo, tendo sido cortado na ilha de edição. Outro travelling foi feito com o caminhão derramando a ração nos cochos. A câmera foi acoplada ao caminhão e a imagem foi gravada e usada em toda a sua extensão na edição. Outra novidade foi a abertura da imagem na entrevista: o plano aberto captou repórter e entrevistado de corpo inteiro. Em seguida é feito o corte para plano médio e tem seqüência a entrevista, seca, sem cobertura de imagens.

O que realça nesta reportagem é o tratamento diferenciado dado às imagens: enquadramentos, *travelling*, planos abertos, fugindo ao padrão das reportagens vistas até aqui. Note-se que não houve utilização de recursos ou efeitos especiais na edição. As imagens foram editadas a partir do material captado no local da reportagem. Apenas houve um tratamento diferenciado da matéria em função do trabalho mais apurado do repórter cinematográfico.

Este tipo de tratamento pode ser valorizado se levarmos em conta que as reportagens contam com um tempo maior para produção, gravação e edição, já que o programa é semanal e todo o trabalho é feito com alguma antecedência.

Confinamento/frigorífico 2.

O termo tecnologia é usado apenas na abertura da reportagem. Em nenhum momento o repórter ou o técnico fazem referência ao aspecto tecnológico. Já **confinamento/frigorífico 2**, continuação da primeira, e apresentada no segundo bloco do programa, a palavra tecnologia também não é mencionada, mas a reportagem diz respeito aos melhoramentos advindos com o avanço tecnológico. A reportagem tem 6' 01".

A reportagem é dividida em duas partes: a primeira trata dos métodos de classificação do novilho precoce e a segunda trata dos cortes

especiais da carne, já no frigorífico, e a sua embalagem para atender ao comprador. Salientamos, na primeira parte da reportagem, a expressão **novilho precoce** e seus derivados.

novilho precoce, gado, animal, boi, vaca.

- 1) A chegada do **novilho precoce** no frigorífico...
- 2) Mostrar como é feita a classificação do **novilho precoce**
- 3) Servirá de controle caso o **animal** apresente alguma doença...
- 4) ... é detectada a possível idade do **animal**.
- 5) O **boi** é considerado **novilho precoce**.
- 6) ...passa por uma prova de **novilho precoce**.
- 7) O **boi** deve pesar no mínimo 225 kg e a **vaca** 180 kg.
- 8) Abaixo disso está fora do programa de incentivo ao **novilho precoce**.

A reportagem trata das etapas de classificação do novilho precoce, já dentro do frigorífico, para abate, e para o recebimento, após classificação, da isenção de 4 a 6 % de ICMS. As etapas são mostradas didaticamente, com as imagens ilustrando cada segmento. A imagem é, mais uma vez, mera ilustração. Todas as informações estão contidas no texto. Não há preocupação em tornar o texto mais fácil para a compreensão. São usados termos como “dieta hídrica”, “recepção”, “procedência”, “tipificação” sem a devida explicação.

Na segunda parte da reportagem destacamos a expressão **carne**

(s):

- 1) ...inspeção federal que determina a qualidade da **carne**.
- 2) A **carne** é estocada a 0°C por 24 horas.
- 3) É a **carne** nobre.
- 4) ..numa temperatura ambiente de 10°C a **carne** é desossada.
- 5) A **carne** é ainda estocada por vários dias...
- 6) ...onde a **carne** é embalada a vácuo.
- 7) Em condições anormais iriam decompor a **carne**.
- 8) ...ficam atuando como amaciantes da **carne**.
- 9) Um sabor muito acentuado, muito bom da **carne**.
- 10) Criando um hábito de consumir **carne** maturada.

- 11) Todas as casas especializadas de **carne**,...estou falando de casa de **carnes**...
- 12) Vendem só **carne** maturada
- 13) Deixa de ser um açougue para passar a ser uma casa de **carnes** especializada.

A reportagem tenta seguir a mesma linha explicativa para o assunto, salientando a forma de tratamento da carne, os cortes, a temperatura, embalagem, maturação. É dirigida ao empresário pecuarista e não ao trabalhador rural. É uma atividade que demanda grande investimento, mas não é feita referência na reportagem. Nesta primeira parte ela é uma reportagem com informações técnicas.

A segunda expressão analisada é **comprador** e os seus derivados **compradores, freguês, cliente**:

- 1) ... de acordo com o gosto e pedido dos **compradores**...
- 2) ... de acordo com as exigências do **comprador**...
- 3) É dividido de acordo com o **freguês**.
- 4) E o contrafilé especial também é um **freguês**...
- 5) ...coxão duro, patinho, um outro **freguês**...
- 6) ...o contrafilé e o filé mignon para um **cliente**...
- 7) ...que é uma peça inteira, para um determinado **comprador**...

Em todas as circunstâncias em que aparece o termo está ligado à idéia de exigência, preferência:

compradores

gosto (exigência) → ← exigência

de acordo com (exigência)

o contrafilé especial é um (preferência) → freguês

coxão duro, patinho é outro (preferência) →

o contrafilé e o filé mignon para um (preferência) → cliente

No final da reportagem, a idéia que passa é a busca de qualidade e melhores serviços, com o açougue se transformando em casa de carnes especializada. Na abertura das duas reportagens (**confinamento 1 e confinamento 2**) a intenção também é quanto à tendência de melhoria de qualidade, melhor sabor, melhor preço, avanço tecnológico, especialização.

As duas reportagens, mais uma vez, estão dirigidas à categoria dos produtores rurais, investidores. A tônica continua sendo a de lucro . O peão não é citado e a editoria do programa parece não estar preocupada com esta parcela dos telespectadores. Não há preocupação em explicar mais detidamente as expressões usadas, como tipificação, dieta hídrica, restringindo assim a compreensão do conteúdo por parte do telespectador mais humilde. As reportagens são dirigidas a um segmento determinado de público, grandes investidores, com perspectiva de diversificação das atividades pecuárias. O peão, objeto deste trabalho, mais uma vez, não é mencionado nas reportagens.

Em relação às imagens, voltam os planos médios e não aparece mais a criatividade de planos mais abertos. As imagens são editadas uma após a outra, em cortes secos, exatamente ilustrando o que diz o texto da repórter. As sonoras, em plano médio, só são interrompidas uma única vez, fazendo uma referência, com a imagem, do que se está falando, para logo retornar e manter o mesmo plano até o final. A única tentativa de criatividade aparece no final da matéria, com imagens gerais da carne embalada dentro de freezers e o som de um mugido de boi. A criatividade está no recurso sonoro, que foge ao trivial desta edição.

Mais uma vez as imagens são usadas aqui como adereço: elas não complementam a reportagem, elas apenas ilustram, acompanham o texto. Não há utilização de quaisquer recursos ou efeitos especiais na edição.

Incêndio/Fazenda.

No programa nº 383, de 16.10.94 a primeira reportagem selecionada para análise é **Incêndio/fazenda**, com 3'33" de duração. A

reportagem se refere a um incêndio de parte da mata nativa e pequenas propriedades rurais em Campo Grande.

A primeira expressão destacada é **produtores/criador**:

- 1) A seca prolongada ainda traz prejuízos aos **produtores**.
- 2) Na região onde a maioria é de pequenos **produtores** rurais, o prejuízo ainda não foi calculado.
- 3) O **criador** de frangos teve sorte.
- 4) Bombeiros e **produtores** tentavam controlar o incêndio.
- 5) Os pequenos **produtores** da região acreditam que o fogo tenha começado...

Nos cinco momentos da reportagem em que a expressão é usada, está ligada a prejuízos. Ressalve-se a frase: “o criador de frangos teve sorte”. Em seguida a pergunta do repórter é: “e o prejuízo é de quanto mais ou menos?” A preocupação é com as perdas provocadas pelo incêndio.

Outros termos usados, passando a idéia de perda são **prejuízos, destruiu, cruel, refazer, perde, começar do nada, atrasado, prejudicado, perdido, pena**. A seguir, os exemplos:

- 1) A seca prolongada ainda traz **prejuízos** aos produtores.
- 2) Uma queimada no início da semana **destruiu** pastagens...
- 3) O fogo foi **cruel**.
- 4) **Destruiu** pastagens...
- 5) O **prejuízo** ainda não foi calculado.
- 6) O **prejuízo** é de quanto mais ou menos?
- 7) Dois dias depois era possível registrar o tamanho do **prejuízo**
- 8) O maquinário agrícola foi **destruído**.
- 9) Serão necessários muitos anos para o meio ambiente se **refazer**.
- 10) O que se **perde** numa chácara como esta...?
- 11) Você **perde**, além da vegetação e das espécies que estavam plantadas, você **perde** nutrientes...você **perde** a fauna...você **perde** o micro-clima...
- 12) A terra **perde** muito também?
- 13) A terra **perde** nutrientes.
- 14) Ele vai ter que **começar do nada**.

- 15) O projeto ... fica **atrasado** em mais de um ano.
- 16) O incêndio **destruiu** praticamente toda a reserva...
- 17) O plano de educação ambiental...também ficou **prejudicado**.
- 18) Nem tudo ficou **perdido**.
- 19) É uma **pena** né pessoal?...

A imagem que se pretende passar é de devastação, perda total, prejuízos incalculáveis. Em 3'33" de reportagem, as variáveis do verbo perder são utilizadas 8 vezes. E a palavra prejuízo 4 vezes. A reportagem restringe-se a mostrar a destruição causada pelo incêndio. Não há qualquer intenção de explicar como ou o que fazer para evitar tragédias deste tipo. O comentário final do locutor é lacônico: "é uma pena né pessoal, mas não se sabe a causa do acidente." Nesta reportagem perde-se a oportunidade do didatismo. Poder-se-ia explorar questões como prevenção, medidas eficazes de combate ao incêndio, aceiramento, medidas paliativas dentro da propriedade para evitar este tipo de tragédia. A reportagem é contundente no sentido de registrar a perda, com exatidão do emprego de termos que denotam exatamente esta paisagem: devastação, prejuízos, perda total.

A riqueza das imagens apresentadas, com labaredas, campos enormes totalmente destruídos, fumaça, etc, vão justificar a não utilização de recursos ou efeitos especiais na edição. De qualquer modo, as imagens ganham nova roupagem quando se apresentam planos mais abertos, dando a dimensão da devastação. Numa das entrevistas o repórter anda em cena com a entrevistada, e a camera pega os passos, levantando fumaça da terra recém queimada, e em outro momento a entrevista também é em plano aberto, pegando repórter e entrevistado de corpo inteiro, tendo ao fundo a paisagem dos restos do incêndio.

As demais entrevistas são realizadas em plano médio, já seguindo o padrão convencional estabelecido. O texto foi montado a partir das imagens, mas as imagens perdem um pouco o caráter meramente ilustrativo a partir do momento em que as tomadas são diferenciadas, dando a dimensão do estrago provocado pelo incêndio.

Minhocas/Presídio.

Tratamento completamente diferente recebe a reportagem sobre Minhocas/Presídio, no programa do mesmo dia. A reportagem é exaustivamente explicativa, tendo 10'50" de duração, entre abertura de matéria com locutor, gravação de VT e comentário do locutor após o encerramento da matéria.

O tratamento dado a esta reportagem é mais parecido com o tratamento dado pelo programa Globo Rural, veiculado pela TV Globo para todo o País. Não há preocupação com o tempo e procura-se estender nas explicações de cria, benefícios, informações gerais.

A reportagem foge ao padrão que queremos analisar, buscando salientar o boi, o gado, o peão, o produtor. Esta reportagem foge a todo este perfil, mas se alinha ao tipo de reportagem didático que deveria ser adotado caso se quisesse dirigir o programa ao telespectador mais simples e que não tem acesso a outras formas de informação/educação.

Há falhas quanto à utilização de determinado vocabulário sem a explicação devida na seqüência, como habitat, densidade populacional, hibernação e hibernamento, este falado incorretamente pelo entrevistado. Destacamos nesta reportagem o termo **minhoca (s), ela, dela**:

- 1) ...um pescador aqui de Campo Grande interessado em criar **minhocas** do tipo Minhocuçu.
- 2) Esta **minhoca** não consegue se reproduzir dentro de um espaço delimitado.
- 3) É que este tipo de **minhoca** consegue sobreviver por quase um ano...
- 4) De que forma esta **minhoca** pode ser guardada por tanto tempo assim?
- 5) O sistema de hibernação desta **minhoca** é...
- 6) ... que é a melhor época de adquirir esta **minhoca**...
- 7) Esta **minhoca**, quando **ela** sai do sistema já grande, bem grossa, esse sistema **dela** bem grande, a gente leva **ela** para essas panelas de barro...
- 8) **Ela** passa a ficar essa **minhoca** super fina.
- 9) Comparando com outra **minhoca** dessa aqui, ó, é a mesma **minhoca**.
- 10) E esta casca que se forma sobre as **minhocas**?

- 11) Esta casca que se forma sobre as **minhocas** é uma proteção...
- 12) E durante este tempo que a **minhoca** fica dentro do saquinho guardada, que cuidados se deve ter?
- 13) ... e passa a ficar uma **minhoca** normal grande, né.
- 14) Esta **minhoca**, eu tentei de todas as espécies procriá-la.
- 15) Se realmente o senhor deseja criar **minhocas** para pesca...
- 16) A nossa sugestão é essa aqui: a **minhoca** vermelha da Califórnia.
- 17) Onde existem aproximadamente 500 mil **minhocas**...
- 18) A maior diferença entre a **minhoca** comum e a vermelha da Califórnia é o tempo de vida.
- 19) ... e o húmus que fica na peneira, junto com a **minhoca**?
- 20) aí sim coloca as **minhocas** vermelhas da Califórnia...
- 21) E a **minhoca** não vai, tá, só sai realmente a água...
- 22) De quanto em quanto tempo é preciso trocar o esterco das **minhocas**?
- 23) Normalmente você vai ter o dobro de **minhocas** do que você teria no início.
- 24) ... porque as próprias **minhocas** mudam, elas mudam de lugar.
- 25) ... tirar as **minhocas** e passar para outro canteiro.
- 26) e sobre a reprodução das **minhocas**?
- 27) **Ela** tem que estar em contato com uma outra **minhoca**.
- 28) Existe uma maneira de se diferenciar uma **minhoca** que ainda pode se reproduzir de **uma** não fértil?

Independente do termo minhoca, a expressões ela, dela, referindo-se à minhoca, foram utilizadas dezenas de vezes, como enumeramos a seguir:

- 1) Ela sai da terra de uma profundidade de 60 a 80 centímetros.
- 2) Esse sistema dela bem grande, a gente leva ela para estas panelas de barro.
- 3) ... que ela vai ser colocada na panela de barro.
- 4) Ela vai entrar em sistema de hibernação.
- 5) Ela vai ficar de oito meses a um ano sem alimentar.
- 6) Ela passa a ficar uma minhoca super fina.
- 7) Ela perde a água?
- 8) Ela perde a água.
- 9) Ela desidrata.
- 10) Ela entra em sistema de hibernação.

- 11) ... a grossura que ela fica, fininha, fininha...
- 12) ... sistema de 6 a 8 meses ela passa a ficar com esta grossura aqui.
- 13) ... uma teia que ela dá em volta.
- 14) Então ela vai criando esta teia aqui...
- 15) Isto é uma proteção dela.
- 16) ... para ela agüentar de 6 meses a 8 meses.
- 17) Talvez até um ano ela chegaria a agüentar aqui.
- 18) Ela vai para a panela de barro.
- 19) Ela tem que se manter em lugar fresco.
- 20) Ela tem que ficar normalmente.
- 21) Para ela não ressecar, não morrer.
- 22) Se encharcar ela reidrata.
- 23) Ela também não se reproduz aqui dentro?
- 24) Ela foi introduzida aqui no Estado há dois anos.
- 25) Esta aqui chega aos 16 anos de vida.
- 26) A gente peneira ela num tripé.
- 27) ... porque elas dependem muito da umidade.
- 28) A gente deixa elas mais à vontade.
- 29) A gente trabalha muito com as mãos com ela.
- 30) Elas mudam de lugar.
- 31) Mas elas vão também sozinhas.
- 32) ... porque onde tem comida elas estão indo...
- 33) ... tem que ter muito cuidado porque ela, para se reproduzir, ela tem que estar em contato com outra minhoca...
- 34) Muitas vezes a gente parte elas...
- 35) Então ela partida assim, elas não morrem...
- 36) ... só que elas não reproduzem mais.
- 37) Elas só trabalham.
- 38) Elas têm esses anéis aqui de reprodução .
- 39) É na parte de baixo dela?
- 40) São essas bolinhas que se diferenciam dela.
- 41) ... porque ela é vermelha, totalmente vermelha.

As frases tentam ser explicativas, com a imagem, neste caso, servindo como complemento para atestar o que está sendo dito. No caso desta

reportagem, a imagem não fica como mera ilustração. As condições de criação da minhoca são mostradas em todas as suas etapas, com informações visuais complementando as informações do texto.

O vocabulário utilizado, no entanto, é bem pobre. Não há construções lexicais mais elaboradas e o vocabulário - simples - quando sai do trivial não é acompanhado por explicação adequada. É o caso das expressões densidade populacional, hibernação, hibernamento (sic), habitat. Todas estas expressões fogem ao vocabulário corriqueiro, cotidiano do homem do campo e não são seguidas de definição para o entendimento completo. Estas falhas, no entanto, não comprometem a compreensão geral do conteúdo da reportagem.

Outro fato a destacar é que o objetivo da reportagem segue o mesmo sentido das demais reportagens analisadas até aqui: a economia, o ganho. Algumas frases lembram esta intenção:

- 1) Como o problema do senhor é o **alto custo** do Minhocuçu...
- 2) Há uma possibilidade de se fazer **economia** com o que sobra da pescaria...
- 3) ...e o Minhocuçu - uma criação não muito comum - mas que vem dando **excelentes resultados**...
- 4) Quatro pessoas cuidam do minhocário, que também traz **lucros**...
- 5) O **dinheiro** arrecadado com o minhocário é utilizado na manutenção do presídio.

O programa, em nenhum momento, perde de vista esta tendência de mostrar como lucrar, como obter bons resultados nos negócios. Para o pequeno produtor, o sitiante ou o peão que trabalha em pequenas lavouras, a parte de benefícios para o solo - enriquecimento do solo e o aumento do grau de produtividade com o húmus - não foi enfatizada. A reportagem, apesar de mais próxima das características de um programa com linguagem rural, passa ao largo dessa preocupação.

Nesta reportagem, há movimentos de câmera mais criativos, fugindo ao esquema padrão das reportagens. A repórter aparece, no início, em plano fechado e a câmera vai abrindo até parar em plano aberto. Volta a

fechar quando o texto da repórter faz referência às minhocas no saco. A tomada é utilizada por inteiro, sem cortes. Na entrevista seguinte, a câmera também acompanha as mãos do entrevistado apanhando uma minhoca e passando-a para a panela e também comparando tamanhos de minhocas. O plano aqui é utilizado também em toda a sua seqüência, sem cortes. Nos demais momentos é mantido o plano médio nas entrevistas e cortes secos na edição de imagens.

O que chama a atenção, conforme já foi salientado, é o acompanhamento passo a passo de todo o processo, sem a preocupação com o tempo da televisão. A reportagem então, em alguns momentos, se arrasta, mas é rica em detalhes e não há desentendimento entre texto e imagem, sendo a imagem aqui um elemento de complementação e não mera ilustração. Os tamanhos variados de minhoca, os ovos brancos presos ao corpo da minhoca, o trabalho de separação do húmus ficam claros e compreensíveis a partir da apresentação das imagens.

Beefalo/Cruza.

No programa nº 384, de 23.10.94, foi escolhida para análise a reportagem intitulada Beefalo/cruza. É dirigida ao produtor pecuário, mostrando em 3'20" as vantagens da cria da espécie Beefalo. Primeiro vamos destacar os termos criador(es), produtor(es), fazenda Junqueira e família Junqueira (as duas últimas se referem ao criador):

- 1) Um **produtor** da região de Nhecolândia foi um dos primeiros **criadores** a fazer esta experiência no Estado.
- 2) Hoje a **fazenda Junqueira** já possui 300 animais puros.
- 3) Já que a meta dos **produtores** é colocar o touro Beefalo para monta no Pantanal.
- 4) Hoje a **família Junqueira** tem 20.000 doses de sêmen de Beefalo estocadas em Campo Grande.
- 5) ... e outros **produtores** de diferentes regiões do País também já estão fazendo experiências com a raça.

6) Para o **produtor** Rogério Junqueira, o programa Beefalo vem superando todas as expectativas.

7) O Beefalo vai trazer respostas diretas ao **produtor**.

8) E com isso acreditamos que o **criador** vai se sentir bem satisfeito com o Beefalo.

Todas as expressões dão a conotação de sucesso, lucro à vista, empreendimento bem sucedido. A parte da reportagem que se refere ao animal propriamente dito - ao Beefalo - também só enaltece as suas qualidades:

1) ...confirmou as qualidades de rusticidade, precocidade e se apresenta altamente prolífero.

2) Já está provado que a capacidade de monta do touro Nelore é de um para 15 vacas e a do Beefalo é de 1 para 40 vacas.

3) Desse total, a índice de prenhez produtiva foi de 65%. Um índice considerado muito bom para o Pantanal.

4) O Beefalo até agora é o que apresentou melhor resultado do peso médio ao nascer até a desmama.

5) Nesse período o Nelore Mocho meio sangue registrou um peso médio de 25,050 kg, a cruza Canxim 27 kg e o meio sangue Beefalo, 28 kg.

6) Bom, os animais meio sangue Beefalo... têm tido ótimos resultados aqui.

7) E o sêmen já está sendo vendido a preço de mercado na capital.

8) Ele (o Beefalo) é de muito boa carcaça, muito precoce e bem rústico.

Toda a reportagem, portanto, salienta as qualidades, mas falha em informações. Por exemplo, não se refere, em nenhum momento, ao tempo em que estes animais estão no Brasil para se ter idéia do tempo levado para dobrar a produção. Fala-se que a importação inicial foi de 105 animais e hoje são 300. Não se diz quanto tempo levou para se chegar a este número.

A informação de que o touro Nelore tem capacidade de monta de 1 para 15 vacas é duvidosa. Os técnicos normalmente pregam que a capacidade de monta do Nelore é de 1 para 25 vacas em condições normais e chega a 1 para 30 em condições melhores ou privilegiadas (gado com tratamento especial, puro sangue, novos, etc.). A primeira reportagem

analisada aqui, do programa nº 381, sobre seleção de touros, fala que o recomendado é de um touro para 25 vacas, podendo este número ser maior, de acordo com as qualidades do touro.

A impressão que passa, tanto pelas expressões relacionadas ao criador, como as expressões relacionadas ao animal, que foi planejado divulgar apenas as qualidades, forçando a apresentação, inclusive, com números jogados sem condições de comparação. Sobre o sêmen, fala-se em 20.000 doses a preço de mercado. Não se faz referência ao preço propriamente dito e não se sabe, em termos de mercado, se 20.000 doses é um número alto, um número que o mercado assimilará facilmente ou não.

Sobre os animais, sabe-se que vieram 105 e hoje são 300. O próximo passo é cruzar com Nelore e para isso há 800 vacas inseminadas. Isso em quanto tempo foi feito? Qual o investimento em anos para o produtor? Não há dados neste sentido. A reportagem deixa muito a desejar em termos de informação e se refere a um único produtor que possui este tipo de animal no Estado. Poderia ter sido apresentada como curiosidade ou como alternativa de investimento. Da forma como está, parece material encomendado por setores interessados nesta divulgação, buscando expandir seus negócios. A reportagem é dirigida, mais uma vez, ao segmento de produtores investidores. Não há preocupação com a parcela de telespectadores mais humildes, formada pelos trabalhadores rurais. Não é feita referência ao manejo, aos cuidados do trabalhador com o gado.

Em relação às imagens, a reportagem também não apresenta grandes avanços. Há que se ressaltar que as passagens da repórter são feitas em plano médio, com imagens de bois ao fundo, ressaltando a beleza do ambiente. A matéria é aberta com uma foto, ou seja, imagem parada e dali corta para cenas em movimento, com uma panorâmica. A mesma foto de abertura vai ser usada como corte para a passagem da imagem da repórter para uma entrevista. Há um leve movimento de aproximação de câmera (zoom in) durante a passagem da repórter. O formato da reportagem também não muda em nada o padrão convencional de off, entrevistas, passagens.

Temporada/Pesca.

A outra reportagem escolhida para análise no programa nº 384 é Temporada/pesca, com 5'38" de duração. A reportagem se refere ao fim da temporada de pesca e início da piracema²¹, com a proibição da atividade em todo o Estado. A matéria fala da atividade intensa de pescadores e turistas, aproveitando os últimos momentos da liberação.

A expressão escolhida para análise é **pescador**, com as variantes **pescadores, eles, esse grupo e você**.

- 1) Os **pescadores** dão início a um vagaroso movimento nas trilhas do camalote.
- 2) Um **pescador** mostra orgulhoso o pintado que certamente será vendido no mercado.
- 3) É grande o número de turistas e **pescadores** nas águas do rio Paraguai.
- 4) **Eles** querem aproveitar ao máximo a temporada.
- 5) **Esse grupo** por exemplo é de São Paulo.
- 6) Desde 1985 **eles** vêm todos os anos para Corumbá para a temporada de pesca.
- 7) E o que mudou neste período todo, todos os anos que **você** vem para cá?
- 8) Quanto **você** gasta mais ou menos em média por dia?
- 9) Para o **pescador** profissional, a venda de isca é uma fonte de renda.
- 10) Em barracas improvisadas, **eles** garantem trabalho durante toda a temporada.
- 11) Muitos **pescadores** perdem até equipamentos importados.
- 12) Turistas e **pescadores** deixam pequenas fortunas em material apreendido irregularmente pela Polícia Federal.

Pela forma como foram utilizados os termos, apreende-se que a reportagem pretende ter três frentes de levantamento de dados: o pescador/turista, o pessoal que ganha dinheiro com a pesca e a Polícia Federal. Os dados, no entanto, são superficiais. As imagens, apesar de bonitas, são pouco exploradas e não dão a dimensão do movimento apregoada logo no início da reportagem.

Esta reportagem também falha em informações. Não são colocados números - há uma estimativa de mais de 100 mil pessoas - e custos, mas a reportagem tenta ir por este lado: os custos com o lazer, os ganhos do piloteiro, e as perdas com a apreensão da Polícia Federal. Mas os dados apresentados são superficiais. Em nenhum momento há um levantamento sério de dados. São poucas as entrevistas para que se possa dar respaldo às informações prestadas. Dos turistas, por exemplo, apenas dois são entrevistados e com respostas imprecisas.

Não dá para se concluir, com a reportagem, a partir das informações prestadas, a que tipo de público ela se destina. Há uma tentativa de se elaborar melhor o texto, na abertura do repórter, buscando chamar a atenção para o espetáculo da natureza na pesca do Pantanal:

“Quando os primeiros raios de sol refletem nas águas do rio Paraguai, os pescadores dão início a um vagaroso movimento nas trilhas do camalote. De longe eles parecem pequenos riscos nas águas. Há dezenas de anos esse ritual tranqüilo se repete”.

A parte final da reportagem se refere à atuação da Polícia Federal na apreensão de material irregular e fiscalização durante a piracema. No entanto a chamada “sala lotada” de apreensões é inexpressiva e o repórter tenta puxar a informação para as grandes perdas, salientando tão somente uma rede de 3.000 reais e um molinete de 300 reais. A reportagem não convence nem pelos dados nem pelas imagens. As imagens de apreensões são pobres e chega-se à conclusão até que a Polícia Federal não fez grandes estragos para desativar as investidas dos infratores.

Pela cabeça da matéria²² imagina-se que o principal assunto será o trabalho da Polícia Federal, mas na verdade o que temos é um *sobe som*²³ de conversa entre o guarda e o pescador, um *off* do repórter falando das apreensões e uma *sonora*²⁴ no final falando do controle sobre estoques de peixes nas peixarias. No mais os dados são superficiais e pouco convincentes.

Em termos de imagens, há uma variação na medida em que a câmara capta pássaros em movimento e barcos em movimento, dando planos bem gerais com finalização da seqüência em zoom in. As imagens são editadas com cortes secos e as entrevistas e passagens são mantidas em plano médio. Parte da reportagem tem um sobe som de policiais florestais dando conselhos a turistas e pedindo documentação para pescadores. Nestes momentos câmara e microfone permaneceram abertos acompanhando a cena, não havendo interferência do repórter, e mantendo o plano, longo, por inteiro, sem corte de edição. A reportagem termina com imagem aberta, do rio, dando idéia de imensidão.

Não há tratamento de pós-produção, com utilização de recursos especiais na edição. O esquema da reportagem é o mesmo das anteriores, com off, entrevistas e passagens em planos médios e cortes secos das imagens, salientando-se apenas a utilização maior de sobe sons.

Hospital/Fazenda.

No programa nº 385, de 30.10.94, a reportagem escolhida para análise é Hospital/fazenda, com 6'52" de duração. A reportagem descreve a capacidade de produção variada de um hospital de Campo Grande, que é auto-suficiente em alimentos. A idéia que permeia toda a matéria é o lucro, com todas as atividades sendo apontadas como forma de diminuir custos, economizar, conseguir vantagens. Nesse sentido, foram selecionados para análise os termos **custos**, **vantagens**, **superávit**, **economia**, **gastos**, **crescendo**, todos eles usados em situações que passam a idéia de vantagem:

- 1) A agropecuária foi a alternativa encontrada por um hospital de Campo Grande para diminuir os **custos** com a alimentação.
- 2) Então para não perdermos estas **vantagens** técnicas, inscrevemos no Novilho Precoce, ...
- 3) Na leiteria a previsão para os próximos meses é a de um **superávit**.
- 4) O hospital não precisa comprar diariamente 300 litros e a **economia** feita é suficiente...
- 5) ... para pagar os **gastos** com a mão de obra, insumos e medicamentos.
- 6) Nós cremos que sim porque os peixes estão **crescendo** bem.

A reportagem é toda descritiva, em que cada atividade da fazenda é mostrada, acompanhada de números que registram tais conquistas. Quando se fala no gado leiteiro, fala-se da produção do leite e do novilho precoce. O leite abastece todo o hospital e o novilho precoce pode se transformar em fonte de renda. Quando se fala em piscicultura, os números voltam a reforçar a noção de lucro: 5.000 peixes, uma tonelada e meia pescada, média de peso de 1,300 kg. Quando se refere ao pomar, novamente os números: 1,5 hectare para plantio. Os números são utilizados para respaldar a idéia de ganhos produzidos pela fazenda.:

- 1) Nesta propriedade de quase 200 hectares...
- 2) Logo na entrada há um corredor de eucaliptos e pinheiros com mais de 1 km de extensão.
- 3) O gado holandês mestiço ocupa 60 hectares da fazenda.
- 4) São 55 fêmeas produtoras de leite e 25 machos para abate.
- 5) São 9 pastos e a suplementação alimentar só é feita no período da seca...
- 6) Sabemos que podemos fazer um animal de 15 arrobas num tempo de 2 anos.
- 7) A produção diária deve passar de 300 para 450 litros de leite.
- 8) O hospital não precisa comprar diariamente 300 litros de leite.
- 9) Na suinocultura a produção, ainda meio rústica, é de 20 leitões a cada 2 meses.
- 10) O plantel é de 50 suínos.
- 11) Vai ser construído um pavilhão para abrigar 12 matrizes...
- 12) Foram construídos 3 tanques.
- 13) O maior ocupa meio hectare do terreno.
- 14) Na água há 5.000 peixes das espécies pacu e piaçu.
- 15) Tão bem que depois de 1 ano foi retirada daqui 1 tonelada e meia de peixe.
- 16) A média de peso foi de 1,300 kg por unidade.
- 17) Nesta outra área de 1,5 hectare está nascendo um novo projeto.

O público alvo desta reportagem é o produtor/criador/fazendeiro. A reportagem não se refere a receitas básicas para economia do dia a dia do pequeno produtor rural ou do peão, trabalhador do campo. A reportagem está

se referindo à racionalização bem feita da diversificação de atividades dentro de uma fazenda que atende a um hospital. As necessidades de baixar custos do hospital resultaram nesta diversificação que, levada a termo com eficiência, mostrou excelentes resultados. Para atrair a atenção do público, o recurso usado foi o de números. Os números procuram atestar as imagens que são mostradas e as vantagens que são anunciadas.

Também a palavra **produção** foi escolhida para análise e foi utilizada durante a reportagem por 5 vezes. Em todas as vezes em situações descritivas das atividades da fazenda e as vantagens advindas para o hospital. Como se pode observar:

- 1) Há **produção** de leite, de carne bovina e suína, piscicultura e agricultura.
- 2) Na realidade, tudo isso fica aqui dentro do complexo do Hospital São Julião, um estabelecimento de saúde auto-suficiente na **produção** de alimentos.
- 3) A **produção** diária deve passar de 300 para 450 litros de leite.
- 4) É que com esta **produção**, o hospital não precisa comprar diariamente 300 litros de leite.
- 5) Na suinocultura, a **produção**, ainda muito rústica, é de 20 leitões a cada 2 meses.

A idéia de lucro, vantagem, permeia toda a reportagem, através da descrição das atividades da fazenda e dos números apresentados para respaldar as afirmações. Como se pode constatar, a reportagem mais uma vez é dirigida à classe produtora, e o formato permanece o mesmo das reportagens anteriores.

As imagens são editadas completamente de acordo com o texto, salientando-se a utilização de zoom in e panorâmicas, valorizando a qualidade das imagens. Há uma riqueza grande e diversidade de imagens e ambientes dentro da reportagem que, no entanto, são editadas, quase sempre, com cortes secos. As entrevistas são feitas em plano médio e os movimentos de câmera são interrompidos por cortes de edição.

Deve-se salientar a utilização de sobre sons com imagens, por exemplo da bomba sugando o leite das vacas e do leite sendo passado de um balde para outro. Nestes casos foi utilizado o som ambiente de fundo. Outro recurso utilizado foi a imagem congelada (frisada) do leite sendo derramado de um balde para outro, seguido por imagem de queijos no final da matéria.

Leilão/Modernidade.

A segunda reportagem do programa nº 385, escolhida para análise é a Leilão/Modernidade, de 3'10" de duração. A reportagem trata dos leilões realizados em Campo Grande e da inovação na área com transmissão de leilão via TV a cabo, com facilidades para vendedor e comprador. A reportagem é dirigida ao produtor rural, criador de gado de corte e mais uma vez utiliza números para tornar irrefutáveis os argumentos em relação às vantagens apresentadas.

Dentre os termos, selecionamos **produção rural, pecuária, rebanho, gado e bovinos**, tomados aqui, em todos os exemplos, como sinônimos:

- 1) A tecnologia está avançando em todos os setores da **produção rural**.
- 2) Aqui em Mato Grosso do Sul a **pecuária** é um exemplo...
- 3) O **gado** se agita no mangueiro.
- 4) São mais de 13.500 cabeças de **gado** comercializadas num período de 5 dias.
- 5) Este pode-se considerar o melhor ano de comercialização de **gado**? País.
- 6) Afinal o Mato Grosso do Sul tem hoje o maior **rebanho** comercial do
- 7) Todas as noites as leiloeiras trazem o que há de melhor em **gado** de corte.
- 8) Além de ser bom para **gado** de cria, **gado** magro, devemos estabelecer, iniciar também, o leilão de **gado** gordo numa praça como Campo Grande.
- 9) Nesse entra e sai de **gado**, a tecnologia também acompanha e quem acaba ganhando é o produtor.
- 10) Vai ter de um lado o vendedor, que vai ter o seu **gado** filmado na fazenda...
- 11) Ele não vai ter o **gado** dele sofrendo um stress de manejo.
- 12) Não vai precisar locomover este **gado** e ter um gasto...

13) ... que é o custo que o sujeito tem de transporte deste **gado**, né?

14) ... e vai ter aquela oferta de **bovinos** vindo entrar dentro de sua casa...

A idéia que se quer passar com os textos utilizados é, mais uma vez, a de vantagem, lucro pelas facilidades advindas com a tecnologia. Em todos os momentos passam-se as informações sobre facilidades, avanço tecnológico, comodidade, economia, acompanhadas de complementos como **mais, maior, melhor, bom, ótimo**. Também há expressões como “problema nenhum” para acabar com qualquer dúvida do investidor:

1) Os leilões ainda são a forma **mais** segura, **mais** rápida e representam uma **boa** opção.

2) Pode-se considerar o **melhor** ano de comercialização de gado?

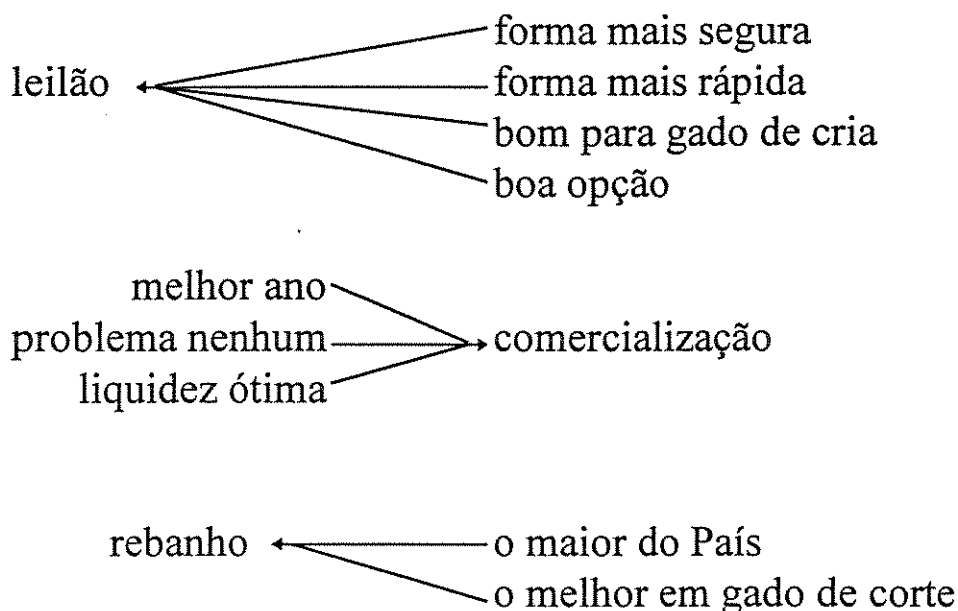
3) ... a liquidez continua **ótima**.

4) Não temos tido **problema nenhum**.

5) O Mato Grosso do Sul tem hoje o **maior** rebanho comercial do País.

6) ... o que há de **melhor** em gado de corte.

7) O leilão, além de ser **bom** para gado de cria...



A reportagem também lança mão de números para respaldar as informações e estimular o telespectador investidor, alvo da reportagem, como se segue:

- 1) Só em Campo Grande acontecem em média 10 leilões por semana.
- 2) São mais de 13.500 cabeças de gado comercializadas num período de 5 dias.
- 3) Este comércio, depois do real, aumentou em 150%.
- 4) Quase 5.000 cabeças comercializadas por dia.

Como se pode observar, os números são utilizados de forma a chamar a atenção pela grandiosidade. E o locutor, em sua intervenção no final da reportagem, não se exime de emitir uma informação falsa: “quase 5.000 cabeças comercializadas por dia” A informação do repórter, durante a matéria, é de que “ são mais de 13.500 cabeças de gado comercializadas num período de 5 dias”. O número já é grandioso por si só, dando uma média de 2.700 cabeças comercializadas por dia. Mas o locutor resolve arredondar os números e fala logo em 5.000 cabeças por dia, o que dá uma informação inflacionada em cerca de 85%.

A produção do Programa MS Rural, como observamos a partir dessa análise, tem características muito marcantes. O direcionamento das reportagens para o público investidor - o grande produtor, o pecuarista - é evidente nos vários aspectos aqui salientados. A forma de condução das matérias, dando ênfase ao lucro, à vantagem, vêm corroborar os resultados até aqui apresentados. Para dar respaldo a esta opção, a linha editorial do programa utiliza das mais variadas práticas de convencimento do produtor rural, seu público-alvo, como números grandiosos, enumeração de benefícios, formas de conseguir subsídios, formas de conseguir melhores preços. A outra ponta, formada pelo peão, o trabalhador rural, não é agraciada com a atenção do programa.

Em relação à imagem, o tratamento é o mesmo de todas as reportagens, seguindo o esquema padrão entronizado na televisão brasileira pela Rede Globo de Televisã. Não são utilizados recursos ou efeitos na edição e na captação das imagens não há mudanças de enquadramento, não há panorâmicas, não se foge às regras pré-estabelecidas. De variedade na captação das imagens há que se salientar um zoom out (movimento de distanciamento), mas sem perder de vista os cortes secos da edição, os planos

médios nas entrevistas e as imagens se sucedendo num trabalho de ilustração do texto, sem qualquer criatividade.

Apesar das reportagens para o programa MS Rural serem produzidas e elaboradas com antecedência, já que o programa é semanal, não há um plano mais elaborado para a edição. Não são utilizados, por exemplo, recursos sonoros. O som que se ouve é o som ambiente e não se costuma preparar uma matéria com utilização de fundo musical ou qualquer outro som. Não são usados também efeitos especiais na edição e as novidades que aparecem são fruto do trabalho do câmara, que ousou modificar o esquema padrão.

A partir das observações aqui ressaltadas, traçaremos as conclusões e recomendações para que o programa desenvolva um processo de comunicação eficaz, capaz de atingir todo o público rural, no próximo capítulo.

Notas:

- ¹ líquidos: tempo do programa no ar, sem contar os intervalos comerciais.
- ² Uso aqui os termos no sentido que lhes dá SQUIRRA, S.- Aprender Telejornalismo- produção e técnica, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990, que são os seguintes:
- abertura de matéria- início da notícia. Deve ser produzida pelo repórter no local da ação ou lida pelo apresentador no estúdio.
- off- vozes ou sons presentes numa gravação sem o aparecimento da imagem da fonte geradora.
- passagens- parte que faz a ligação entre um trecho da reportagem e outro. Serve de "ponte" no caso de reportagens que ocorrem em dois lugares distintos.
- entrevistas - diálogo entre repórter e o entrevistado, sob forma de perguntas e respostas, visando obter informações de interesse para a comunidade.
- encerramento- o final de uma matéria jornalística.
- ³ espelhos- “a organização do telejornal, apresentada de forma extremamente concisa, reflete como está sendo estruturado o telejornal.” definição de SQUIRRA, S.-*Op. Cit.* p. 165. No Anexo 2 estão transcritos os espelhos do programa MS Rural de 1994.
- ⁴ g.c.- gerador de caracteres- “equipamento eletrônico que permite inserir no vídeo caracteres em forma de letras, números e outros sinais gráficos”, definição de SQUIRRA, S. *Op. Cit.*, p. 166.
- ⁵ “ O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo.
- Em relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, como já vimos, através de um mesmo sistema de signos lingüísticos”. in FREIRE, Paulo - Extensão ou Comunicação Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1977, p. 67

⁶ OLIVEIRA, Luis Carlos Ferreira de Sousa: A TV e a integração do empresariado rural com o complexo agropecuário: o programa Globo Rural na região sul do estado de Minas Gerais - um estudo de caso . Tese de Mestrado, ECA/USP, São Paulo, 1984.

⁷ JAKUBASZKO, Richard - Marketing Rural. Como se comunicar com o homem que fala com Deus. São Paulo, Ed. Best Seller, 1992, p.160.

⁸ Plano: “ angulação da câmera. Pode ser plano geral, médio, americano, primeiro plano (close), primeiríssimo plano (close up)” Contraplano: “recurso de imagem para ser utilizado na edição. (Normalmente é utilizado o contraplano do repórter), quando ele aparece em close fazendo uma pergunta para o entrevistado ou escutando-o atentamente.” definição de PATERNOSTRO, Vera Íris - O texto na TV Manual de Telejornalismo, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987. p. 96.

⁹ SEIXAS, Annick b. G. Scaillet e ARAÚJO, José Geraldo F. de - O Programa Globo Rural - Uma Análise de Conteúdo . in Intercom- Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, vol. XVII, nº 2, 1994, p. 115.

¹⁰ BORDENAVE, Juan E. Diaz - O que é comunicação rural, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988, p. 48.

¹¹ *Ibid*, p. 56.

¹² produção: “organização e coordenação do trabalho prévio para a reportagem: pesquisa, imagens de arquivo, horários marcados, levantamento do material, etc.” definição de PATERNOSTRO, Vera Íris , *Op. Cit.*. p. 96 .

¹³ IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

¹⁴ decupagem: “ do francês *découper*, ato de recortar. Ato de dividir o roteiro, cena por cena, para prever necessidades e programar seqüência de trabalho”, definição de SQUIRRA ,S. *Op. Cit.*, pp. 163/164.

¹⁵ THIOLENT, Michel - Opinião Pública e Debates Políticos, São Paulo, Ed. Polis, 1986, p. 59.

¹⁶ VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ- Ensaio sobre a análise fílmica, São Paulo, Papyrus Ed., 1994.

¹⁷ abertura : “Início da notícia. Deve ser produzida pelo repórter no local da ação. Gravada em vídeo, ao vivo, ou lida pelo apresentador no estúdio”, definição de SQUIRRA, S. *Op. Cit.*, p. 159.

¹⁸ off - “ vozes ou sons presentes numa gravação sem o aparecimento da imagem da fonte geradora. Vem de “off the record”, que significa informação fornecida ao repórter cuja fonte não quer ou não pode ser identificada.” definição de SQUIRRA, S., *Op. Cit.*, p. 168.

¹⁹ passagem: “ parte que faz a ligação entre um trecho da reportagem e outro. Serve de “ponte” no caso de reportagens que ocorrem em dois lugares distintos.” definição de SQUIRRA, S., *Op. Cit.*, p. 169.

²⁰ pós produção é o tratamento dado à imagem durante a edição, com utilização de recursos e efeitos visuais. *Slow* é a abreviação de *slow motion*, que quer dizer reprodução da imagem em velocidade menor que a real. Fusão é o desaparecimento de uma imagem simultaneamente ao aparecimento de outra. *Travelling* é o movimento de câmera para acompanhar uma cena, um objeto ou uma pessoa em andamento, definições de PATERNOSTRO, Vera Íris, *Op. Cit.*, p. 100.

²¹ piracema : época da desova dos peixes, em que eles sobem a correnteza dos rios para desovar.

²² cabeça de matéria “ abertura de uma notícia. É a narração do fato mais importante, logo no início. A função é despertar o telespectador para o assunto.” definição de SQUIRRA, S., *Op. Cit.*, p. 161.

²³ sobe som : “ sobe som do VT: marcação técnica no *script* que indica ao sonoplasta o momento de colocar no ar o som da edição em VT.” definição de PATERNOSTRO, Vera Íris , *Op. Cit.*, p. 98.

²⁴ sonora: “ termo que se usa para designar uma fala de entrevista”, definição de PATERNOSTRO, Vera Íris, *Op. Cit.*, p. 99.

CAPÍTULO 4 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.

O objetivo deste trabalho foi verificar até que ponto a comunicação com o peão de gado de corte no Mato Grosso do Sul apresenta resultados satisfatórios. Para isso foi analisado o programa MS Rural, da TV Morena, escolhido por ser um programa voltado para o público rural e com grande penetração de audiência. Verificamos pelo trabalho apresentado que é importante que a comunicação com o peão se realize em sua plenitude, dadas as implicações econômicas que envolve.

O peão de gado de corte é o elemento mais próximo ao boi, a principal fonte de renda do Estado. Algumas singularidades, que poderiam ser tratadas como entraves, dão, nesse caso, a marca registrada à atividade econômica da região: poucas pessoas manejam o boi e as longas distâncias do Mato Grosso do Sul dificultam a busca de recursos emergenciais. Além disso, também constituem especificidades as condições climáticas características do Estado: o Pantanal permanece alagado durante seis meses do ano.

Esse quadro de dificuldades exige que se mantenha um meio eficaz de comunicação com o peão. Esta comunicação vai propiciar a solução dos problemas do dia a dia, evitar danos e catástrofes, manter o controle da situação e propiciar dias melhores.

O peão necessita estar bem informado, ou informado adequadamente, para assumir as tarefas e tomar as providências necessárias, diante de cada situação. A TV pode cumprir este papel, rompendo as distâncias e o tempo, e guarnecendo o homem do campo com as estratégias de conduta adequadas.

Como verificamos, a comunicação estabelecida pelo programa MS Rural não consegue atingir com eficácia o peão de gado de corte por razões muito evidentes. A primeira delas é que o peão não é o público alvo a quem este programa é endereçado. Como toda a comunicação que se processa nos órgãos oficiais de comunicação e extensão rural de Mato Grosso do Sul,

o público do programa de TV também é o fazendeiro, o produtor, o investidor. Não há preocupação com o homem do campo, o trabalhador humilde.

A tônica das reportagens é o lucro, o benefício, a vantagem. Como ganhar mais e gastar menos é a máxima para todas as reportagens, buscando sempre o mesmo alvo - o pecuarista - e com a mesma finalidade: proporcionar lucros.

Dentre as dez reportagens analisadas, 8 se referem ostensivamente à finalidade maior que é a de proporcionar lucros. Uma se refere exatamente ao antinômio - prejuízo - passando a idéia de que a devastação provocada pelo incêndio trouxe malefícios (reportagem sobre Incêndio/Fazenda). Uma das reportagens (Temporada/Pesca) fica perdida na objetivação e não trata nem claramente da questão do lucro nem da questão do prejuízo, tentando ser um alerta para o início da época da piracema e apreensões feitas pela Polícia Federal.

A questão da linguagem é tratada impropriamente pelo programa. Não é levada em conta, em nenhuma ocasião, a diversidade de público telespectador do programa e nem a característica da zona rural, com um terço de sua população analfabeta. Só para citar os exemplos mais evidentes, nas reportagens foram usados os termos habitat, hibernação, confinamento, dieta hídrica, tipificação, sem a devida explicação quanto ao significado. Subentendia-se, portanto, que todos sabiam ao que se referia. Há ainda termos técnicos como superávit e déficit que também não tiveram qualquer explicação. As deficiências da linguagem empregada impedem que a reportagem seja entendida por inteiro. Ela permite lacunas. Informações passam despercebidas por causa da dificuldade de entendimento. Acrescente-se a isso a verificação feita com a exibição dos vídeos para os peões, em que o uso de quadros estatísticos também não esclarece, dada a linguagem inadequada, não familiar. Ao lado da inadequação da linguagem há a contrapartida: reportagens com pobreza de vocabulário, não se limitando ao coloquial, nem utilizando a riqueza do linguajar do campo, mas

sim ao lugar comum, um vocabulário sem qualquer criatividade e sem preocupação lexical.

Em relação às reportagens analisadas, constatamos que não esclarecem a fundo as questões. Ficam na superficialidade e não exploram o grande filão de produzir reportagens explicativas, acompanhando passo a passo a evolução dos assuntos. As reportagens, por problema de custo do tempo da televisão, não precisam ser tão detalhistas quanto o filme etnográfico ou como propunha o “cinema de observação” de Colin Young¹ mas poderiam ter o mínimo de elementos para esclarecer o público telespectador. É preciso aprofundar, mostrando cada seqüência do desenrolar da ação. Para isso, a utilização da imagem tem que ser conciliadora, complementar, e não meramente ilustrativa.

Muitos programas pecaram, e isso foi salientado no capítulo anterior, por terem se servido das imagens apenas como ilustração e não como uma parte viva da reportagem, esmiuçando os assuntos e colocando-os de forma límpida e clara para o público.

Quanto à edição, de acordo com a análise feita dos programas, observamos algumas deficiências. Uma delas é a do tempo de edição. Conforme Richard Jakubaszko², a linguagem tem que ser mais lenta por estar se endereçando ao homem do campo. O tempo é visto e tratado, pelo homem do campo, de forma diferente do homem da cidade. E a mensagem que se quer comunicar tem que obedecer este tempo, sob pena de passar despercebida ou não ser compreendida.

Uma constatação irrefutável para esta assertiva é a resposta de uma das entrevistadas na pesquisa de campo:

“ Não guardei nada porque é de passagem rápida ”

Um problema também verificado foi quanto a determinadas características do programa, que não deveriam ser mudadas. Dos cinco programas analisados, dois não trouxeram as cotações de grãos, frutas, carnes e legumes, suprimindo um quadro característico do programa. Um dos

programas analisados também não trouxe a receita da semana, quadro marcante do programa. Este tipo de conduta confunde o telespectador, que já está acostumado e se sente insatisfeito com a sua simples supressão.

Outra constatação feita a partir do contato com os peões, as entrevistas e a análise dos vídeos é que falta didatismo no tratamento das reportagens, mesmo naquelas em que as explicações chegam à exaustão (Minhocas/Presídio). A apresentação do como fazer deve estar respaldada em bases teóricas da educação, como propõe Bordenave :

“Pode-se inferir desta análise a necessidade de incluir na formação de comunicadores e extensionistas rurais, o estudo da pedagogia ou ciência da educação, disciplina que em geral não aparece nos currículos das escolas onde estes profissionais são preparados”³.

Com a análise que realizamos constatamos a falta de dados para o embasamento das reportagens. Sem a investigação profunda do repórter, a mensagem cai no vazio, por falta de objetivo. Foram observados estes problemas nas reportagens Temporada/Pesca, Beefalo/Cruza e Incêndio/Fazenda. Esta última perdeu, ainda, a oportunidade de passar informações de prevenção, restringindo-se a relatar as desgraças.

RECOMENDAÇÕES.

Com estas observações estamos convencidos que uma forma melhorada de se chegar ao homem do campo através da televisão é incluí-lo como alvo da programação. O programa MS Rural, semanal, com uma hora de duração, não se preocupa com o homem simples do campo. A sua estratégia de atuação é toda endereçada ao fazendeiro.

Uma atitude imprescindível para tornar esta comunicação com o homem do campo mais eficaz é prestar atenção para o que Gabriel Romeiro, diretor do programa Globo Rural, da TV Globo, chamou de “linguagem bovina”. O Mato Grosso do Sul, aqui identificado como o Brasil do Boi, ainda não atentou para esta questão. Com o segundo rebanho comercial do País e o maior rebanho de gado de corte, não conseguiu atrair a

sensibilidade de comunicadores para este problema. A linguagem do homem do campo é diferente, ela, especificamente rica, acompanha o tempo do boi e não o do carro veloz ultrapassando os semáforos da cidade.

Outra questão que ressaltamos pode se fundir em duas preocupações em conjunto: o didatismo e o aprofundar. O didatismo entra na forma de apresentação das reportagens. Elas devem ser trabalhadas com o objetivo de ser compreendidas pelo maior público possível, por mais diferente que seja. O aprofundamento é questão de conteúdo. O repórter tem obrigação de levantar todos os dados que envolvem a matéria e apresentá-los ao público, sob pena de deixar brechas que inviabilizam a compreensão do que se quer comunicar.

Sugerimos que o programa MS Rural estabeleça uma forma de aproximação com o público, que é uma forma também de medir os resultados da penetração do programa junto à população. Para isso, deveria ser enfatizado o quadro de cartas dos telespectadores. Nos 5 programas analisados, do mês de outubro de 1994, apenas 2 trouxeram resposta a cartas de telespectadores e uma das reportagens foi aqui analisada (Minhoca/Presídio). É um exemplo de reportagem a ser implementado em todos os programas. É claro que esta reportagem, especificamente, contém incorreções como a pobreza vocabular e a repetição de palavras. Mas é a forma de tratamento dado ao assunto que é bastante compatível com o tipo de programa que se quer propor. A reportagem tratou de todas as etapas de criação/reprodução/uso da minhoca, mostrando cada uma delas, passo a passo, ao telespectador, com a imagem complementando as informações do texto, e não meramente ilustrativa. Nesse sentido deveria ser imitado o programa Globo Rural, que com esta prática consegue receber diariamente cerca de 100 cartas e, dessa forma, tem um termômetro para a avaliação semanal do desempenho do programa.

Em relação à linguagem utilizada, recomendamos que haja maior preocupação em relação ao seu tratamento. A linguagem pode ser a coloquial, do dia a dia, mas isso não significa que ela deva ser pobre ou sem

inventividade. Não se justifica o seu uso, mesmo com a desculpa de torná-la mais simples ou compreensível.

Transcrevemos aqui um trecho do artigo publicado no Caderno Agrofolha, do jornal Folha de S. Paulo, de 11 de maio de 1993. O artigo é intitulado “A língua do caboclo” e é escrito por Eduardo Almeida Reis, jornalista, escritor e fazendeiro. O articulista faz uma crítica à televisão, que usa o “caipirês” para se comunicar com o homem do campo:

“Mais realista que o rei, e sem um pingão de talento eciano, o brasileiro vai de ‘muié”, “ocê”, “causo”. E às vezes se estrepa, quando pensa gozar o caipirês de um caboclo, que na verdade fala português, de primeira água, do mais puro seiscentismo.

Um português que permaneceu intocado no interior, pelos séculos desprovidos do besteiro das tevês e dos radinhos de pilha.”

Estabelecer quadros de serviço para o homem do campo, redefinindo o objeto do programa, até aqui especificamente voltado para o pecuarista. Este espaço poderia conter informações sobre saúde, higiene, prevenção, cuidados. Estes dados são fundamentais para o peão, que não tem outro lugar para buscá-los, já que também é esquecido pelos técnicos e extensionistas rurais dos vários órgãos oficiais de comunicação rural. Este quadro permitiria maior agilidade na penetração de informações básicas, ajudaria na melhoria de vida, melhoria de manejo, evitaria o stress do animal, e facilitaria as atividades do peão.

Quanto às instituições e órgãos oficiais, embora não sejam o núcleo deste trabalho, deveriam se preocupar mais com a utilização dos meios eletrônicos para a divulgação de mensagens para o campo. A probabilidade de recepção e entendimento da mensagem é estatisticamente maior se comparada com qualquer outra forma de divulgação e é um tipo de veículo em que não se corre o risco de não se fazer entender. O peão assiste, gosta e entende o que é transmitido pela TV.

Voltando ao programa MS Rural, em relação aos seus quadros fixos sugerimos uma explicação, por mínima que seja, para o telespectador,

quando da sua supressão. A editoria do programa, para adequação do tempo, acaba por retirar do ar quadros que deveriam ser permanentes, provocando alguma confusão e insatisfação. A recomendação dada é que seja prestada alguma explicação ao telespectador, como: “hoje, excepcionalmente, não mostraremos a receita da semana”, ou “em virtude da falta de tempo, estamos cancelando hoje a apresentação das cotações, prometendo apresentá-las na próxima semana”. É uma atitude mais gentil e demonstra atenção para com o telespectador.

Temos exemplos bem convincentes dos resultados da televisão quando utilizada para prestar serviços à comunidade. Em novela recente veiculada pela Rede Globo, com a temática de doação de órgãos, verificou-se um aumento acentuado no número de doações, a partir da problemática discutida na novela. Atualmente, uma outra novela da Rede Globo tem focado o problema das crianças desaparecidas. Após a apresentação do problema e a exibição de fotos dos desaparecidos, dezenas de crianças foram localizadas e puderam voltar ao contato com seus familiares. Uma próxima novela a ser lançada ainda este ano, O Rei do Gado, poderá, com sucesso, focalizar, por exemplo, a questão da vacinação bovina e os benefícios que podem advir em termos de saúde, higiene para a população consumidora e para a população que trabalha com o gado, além de retorno econômico para o produtor, que terá as condições de sanidade adequadas para a exportação do gado.

Por fim, sugerimos uma reciclagem para os empresários e toda a equipe que trabalha no programa MS Rural, no sentido de que diversifiquem os objetivos do programa. A busca de lucros não pode ser a pedra de toque comandando todas as ações. A busca de dias melhores para todos os segmentos pode ser estimulada e facilitada a partir do momento em que o processo de comunicação se estabelece de fato. Para tanto é preciso que as partes envolvidas neste processo utilizem os mesmos signos⁴ e falem a mesma linguagem.

Notas:

1 YOUNG, Colin - "O cinema de observação" in Pour une Anthropologie Visuelle, (Claudine de France, ed) Paris Morton, Ehess, 1979.

2 JAKUBASZKO, Richard - Marketing Rural. Como se comunicar com o homem que fala com Deus. São Paulo, Ed. Best Seller, 1992.

3 BORDENAVE, Juan E. Diaz - O que é comunicação rural . São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988, p. 54.

4 FREIRE, Paulo - Extensão ou Comunicação .Rio de Janeiro,(Paz e Terra, 1977, p. 67/68.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALTHUSSER, L.- Ideologia e aparelhos ideológicos do estado, Lisboa, Ed. Presença, 1970.
- ÁVILA, Carlos R.A.- A teleinvasão, São Paulo, Cortez Ed., 1982.
- BARTHES, Roland- O grau zero da escrita, Rio de Janeiro, Ed. 70, 1989.
- BOSI, Alfredo - Dialética da Colonização. São Paulo, Cia das Letras, 1992.
- BRANDÃO, Carlos - Festas populares brasileiras. São Paulo, Ed. Prêmio, 1987.
- CANCLINI, Nestor - A socialização da arte: teoria e prática na América Latina, São Paulo, Cultrix, 1984.
- CAPARELLI, Sérgio - Televisão e Capitalismo no Brasil, Porto Alegre, LP & M Ed., 1982.
- CARDOSO, Haydée D.de F.- O gesto, o canto, o riso: história viva da memória. - São Paulo, Eca-Usp, (mimeografado)
- COHN, Gabriel - Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1971.
- FERRO, Marc - Cinema e História, R.de Janeiro , Paz e Terra, 1992.
- Falsificação da História, (mimeografado).
- GEERTZ, C. - A Interpretação das Culturas, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GUESPIN, L. - "Types de Discours ou Fonctionnements Discursifs". in Langages 41, Paris, Larousse, 1976.
- HALBWACHS, Maurice - A memória coletiva, Vértice, 1990.
- HAROCHE, - Querer dizer, querer fazer, Ed. Hucitec.
- LAPLANTINE, François - Aprender Antropologia, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991.
- LEFEBVRE, Lucien - Combates pela história (mimeografado)
- LEON, PORTILLO, Miguel - A conquista da América Latina vista pelos índios, Rio de Janeiro, Vozes.
- LÉVI-STRAUSS, Claude - Tristes Trópicos, Buenos Aires, Ed. Universitária de Buenos Aires, 1970.
- MAUSS, Marcel - "As técnicas corporais" in Sociologia e Antropologia, vol. II, São Paulo, Ed. da USP, 1974.

- MEDITSCH, Educarado - O poder da morte e a agonia do jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.
- MELO, José Marques de (org) - Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil, Petrópolis, Ed. Vozes, 1978.
- NOVAES, Aduato - Rede Imaginária, S.Paulo, Cia das Letras, 1991.
- RIBEIRO, M.de L.B.- O jongo, Rio de Janeiro, 1984.
- RIBEIRO Jr., JORGE, C.N.- A festa do povo, Petrópolis, Ed. Vozes, 1982.
- ROSSI, R., LANDI - "A linguagem como trabalho e mercado" in Semiologia e Linguística Hoje, Rio de Janeiro, 1975.
- SODRÉ, Muniz - A comunicação do grotesco, Petrópolis, Vozes, 1980.
 - O monopólio da fala, Petrópolis, Vozes, 1977.
 - A máquina de narciso, São Paulo, Cortez Ed., 1990.
- SQUIRRA, S. Boris Casoy- o âncora no telejornalismo brasileiro, Petrópolis, Vozes, 1993.
- VANSINA, J - "A tradição oral e sua metodologia" in K-ZERBO (org) - História Geral da África - metodologia e pré-história da África, São Paulo, Ática, 1982.
- WORTH, Sol e ADAIR, John - Through the Navajo eye. An exploration in film communication and anthropology. Indiana University Press, 1975.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA NESTE TRABALHO.

- ADORNO, Theodor - "A indústria cultural" in COHN, Gabriel - Comunicação e Indústria Cultural, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1971.
- ALMEIDA, Cândido J.M. de - O que é vídeo. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.
- BELTRÃO, Luiz- Comunicação e Folclore, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1971.
- BENVENISTE, E.- Problemas na Linguística Geral, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1976.
- BERLO, David K.- O processo de comunicação, São Paulo Ed. Fundo de Cultura, 1963.
- BERNADET, Jean-Claude- O que é cinema, São Paulo. Ed. Brasiliense, 1991.

BORDENAVE, Juan E.Diaz - Além dos meios e mensagens. Petrópolis, Vozes, 1983.

- O que é comunicação rural, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.

BRITO, Severino de Sá - Trabalhos e costumes dos gaúchos, Porto Alegre, Erus.

CHAPARRO, Manuel Carlos - Pragmática do Jornalismo, São Paulo, Summus Ed., 1994.

CHION, Michel - O roteiro de cinema, São Paulo, Martins Fontes, 1989.

COMPARATO, Doc - Roteiro- arte e técnica de escrever para cinema e televisão. Rio de Janeiro, Nórdica, 1989.

CORREA Fo. Virgílio - História de Mato Grosso, Rio de Janeiro, Inst. Nac. do Livro, 1969.

ECO, Umberto - Como se faz uma tese, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1993.

FOUCAULT, M.- L'ordre du discours, Paris, Gallimard, 1971.

FRANCE, Claudine de- Pour une Anthropologie Visuelle, Paris, Mouton/Ehess, 1979.

- Anthropologie et cinéma, Paris, Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1982.

FREIRE, Marcius - "O filme de pesquisa. Algumas considerações metodológicas" in Caderno de Textos. Antropologia Visual, Rio de Janeiro, Museu do mundo, 1987.

FREIRE, Paulo - Extensão ou Comunicação, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

- Ação cultural para a liberdade e outros escritos, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

- Pedagogia del oprimido, Buenos Aires, Siglo Veinteuno, 1973.

HEUSCH, Luc - Cinéma et sciences sociales. Panorama du film ethnographique et sociologique, Paris, Unesco, 1962.

IBGE - Censo Agropecuário - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, IBGE, 1990.

- Censo Demográfico 1991. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, IBGE, 1993.

- Geografia do Brasil - Região Centro-Oeste, vol 1. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Diretoria de Geociências, Rio de Janeiro, IBGE, 1988, 268p.

- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 1990. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, IBGE, 1992.

- Pesquisa da Pecuária Municipal/MS - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, IBGE, 1992.

JAKUBASZKO, Richard - Marketing Rural. Como se comunicar com o homem que fala com Deus. São Paulo, Ed. Best Seller, 1992.

LEROI-GOURHAN, André - " Cinèma et sciences humaines. Le film ethnographique existe-t-il?" in Revue de Geographie Humaine et d'Ethnologie, no. 3, Paris, 1948.

MACHADO, Arlindo - A arte do Vídeo, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw - " O problema do significado em linguagens primitivas", in OGDEN, C.K. e RICHARDS, I.A.- O significado de significado, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1972.

MANGUENEAU, M.- Initiation aux methodes de l'analyse du discours, Hachette, 1976.

MARCONDES Fo., Ciro - Televisão- a vida pelo vídeo, São Paulo, Ed. Moderna, 1988.

ORLANDI, E. P. - " Protagonistas do/no discurso" in Série Estudos 4, Uberaba, 1978.

- Discurso e Leitura, São Paulo, Cortez Ed., 1988.

- A linguagem e seu funcionamento, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

- Entremeio e discurso Iel/Unicamp (mimeografado).

- A Sociolinguística, a Teoria da Enunciação e a Análise do Discurso, Série Estudos 6, Iel/Unicamp.

- O lugar das sistematicidades linguísticas na análise do discurso, IEL/Unicamp, 1990.

- Discurso: fato, dado, exterioridade. (mimeografado).

- As formas do silêncio no movimento dos sentidos, Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.

- O que é linguística, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1993.

- Terra à vista- Discurso do Confronto: velho e novo mundo, São Paulo, Cortez Ed., 1993.

e GERALDI, João W. (org) - " O discurso e suas análises" in Cadernos de Estudos Linguísticos 19 =- IEL/Unicamp, 1990.

PATERNOSTRO, Vera Íris - O texto na Tv: Manual de Telejornalismo, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.

PÊCHEUX, M. - Analyse automatique du discours, Paris, Dunod, 1969.

- Ler o arquivo hoje (mimeografado).

PIGNATARI, Décio - Informação, linguagem, comunicação, São Paulo, Ed. Cultrix, 1983.

ROUCH, Jean - "Le film ethnographique" in Jean POIRIER (ed) Ethnologie Generale, Paris, Gallimard, 1968.

- "La camera et les hommes" in Claudine de FRANCE (ed) Pour une anthropologie visuelle, Paris, Mouton/Ehess, 1979.

SANTORO, Luiz Fernando - A imagem nas mãos, São Paulo, Summus Ed., 1989.

SILVA, Carlos Ed. Lins da - Muito além do Jardim Botânico, São Paulo, Summus Ed., 1985.

SQUIRRA, S. - Aprender Telejornalismo, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.

THIOLLÉNT, Michel - Opinião pública e debates políticos, São Paulo, Ed. Polis, 1986.

- Metodologia da pesquisa-ação, São Paulo, Cortez Ed., 1988.

VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne - Ensaio sobre a análise filmica. São Paulo, Papyrus Editora, 1994.

WILKENING, E.A et alii - Desenvolvimento rural no Brasil, São Paulo, Eca-Usp, 1972.

TEXTOS TÉCNICOS

ARRUDA, Zenith João e CORREA, Eduardo S.- Avaliação técnico-econômica de sistemas de produção de gado de corte: o sistema físico de produção do CNPGC, CNPGC, Camp[o Grande/MS, 1992.

ARRUDA, Zenith et alii - Avaliação técnico-econômica de alternativas para o sistema físico de produção de gado de corte do CNPGC - 80% de pasto cultivado, CNPGC, Campo Grande/MS, 1992.

- Avaliação técnico-econômica de alternativa para o sistema físico de produção de gado de corte do CNPGC: produção de novilho precoce, CNPGC, Campo Grande/MS, 1992.

CORREA, Afonso Simões - Produção e comércio de carne bovina, CNPGC, Campo Grande/MS, 1988.

COSTA, Fernando Paim e MARTINS, Celso Souza - Custo de produção da carne bovina para a região centro-oeste, CNPGC, Campo Grande/MS, 1991.

MILAGRES, João Camilo - Seleção dentro do rebanho - gado de corte, Circ. Técnica da Embrapa, Campo Grande/MS, 1988.

ZIMMER, Ademir H. et alii - Aspectos práticos ligados à formação de pastagens, CNPGC, Campo Grande/MS, 1992

TESES

ABRÃO, Vera Lúcia Santos - A pecuária em Corumbá (uma contribuição ao estudo da natureza das regiões de produção e de trabalho no Pantanal). Dissertação de Mestrado na área de Geografia da FFLCH-USP, São Paulo, 1983.

CORREA Fo., Virgílio - Pantanais Matogrossenses (devassamento e ocupação), Rio de Janeiro, Bibl. Geográfica Brasileira, 1946.

- Fazendas de gado no Pantanal Mato-grossense, Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1955.

GARMS, Armando - Pantanal: o mito e a realidade (uma contribuição à Geografia), Tese de Doutorado - Geografia - FFLCH/USP, São Paulo, 1993.

NEVES, Joana - A fundação de Aquidauana e a ocupação do Pantanal: civilização e dependência. Dissertação de Mestrado na área de história econômica, FFLCH/USP, São Paulo, 1980.

NOGUEIRA, Albana Xavier - A linguagem do homem pantaneiro. Tese de Doutorado em Letras, Univ. Mackenzie, São Paulo, 1989.

OLIVEIRA, Luis C.F. de Sousa - A TV e a integração do empresariado rural com o complexo agro-pecuário: o programa Globo Rural na região sul do estado de Minas Gerais- um estudo de caso. Dissertação de Mestrado da ECA/USP, São Paulo, 1984.

REVISTAS

BORELLI, Dario Luís - “Humberto Pereira: o agricultor não precisa de comunicação rural” (entrevista) in INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, ano XI, nº 59, Julho a Dezembro de 1988.

BUENO, Wilson da Costa - “O novo perfil da comunicação rural brasileira” in INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, ano XI, nº 59, Julho/Dezembro de 1988.

SEIXAS, Annick B.G.Scaillet e ARAÚJO, José G.F. de - “O Programa Globo Rural: uma análise de conteúdo” in INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, vol. XVII, nº2, Julho/Dezembro de 1994, pp.110/120.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira - “A TV Globo em duas comunidades rurais da Paraíba”, en INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, ano XII, nº 60, Janeiro a Junho de 1989.

Mercado Global nº 37/38 - 1977.

Mercado Global nº 47 - 1980.

Mercado Global °. 48 - 1981.

Mercado Global °. 56 - 1983.

Revista Imprensa n° 8 - abril/88

Revista Imprensa n °.29 - jan/90

Revista Imprensa n° 32 - abril/90

Revista Imprensa n° 43 - março/91

Revista Imprensa n°45 - maio/91

Revista Imprensa n°47 - jul/91

Revista Veja ano 24 n° 24 - junho/91.

ANEXO 1 - GLOSSÁRIO

Colocamos neste Anexo o vocabulário comumente usado pelo peão de gado de corte no Mato Grosso do Sul, extraído do trabalho de doutorado realizado pelo prof^a Albana Xavier Nogueira - A linguagem do homem pantaneiro, São Paulo, 1989, e de incursões ao campo, para dar uma noção da riqueza vocabular dos peões. Apresentamos a forma correta seguida da forma usual, quando é diferente. Em alguns casos acrescentamos mais algumas variantes, já que a pesquisa de doutorado se refere ao peão do Pantanal e a forma de falar de Campo Grande, em alguns casos, se diferencia.

aftosa (adj.) febre aftosa, doença comum que ataca o gado na região.

a meia / di a meia (loc.adv.) em sociedade, em partes iguais.

amojada/mojada (adj) vaca mojada, prenhe.

apartar/apartação (v.t.d.) separação do gado em lugar apropriado para isso.

arribar (v.t.d.) recuperar, trazer de volta o gado fugitivo.

arroz carreteiro /carreteru (s.m.)prato comum da cozinha pantaneira.

aroeira/aruera (s.f.) madeira de lei, para fazer postes para cercas, palanques.

barriguda (s.f.) mulher grávida

bença (s.f.) ato de abençoar, pedir a benção, dar a benção.

berrante (s.m.) instrumento feito do chifre de boi, usado para tanger o gado.

bezerro (s.m.) rês novinha.

bomba (s.f.) canudo de metal que serve para tomar o tereré.

brete (s.m.) corredor estreito, de madeira, nos currais de aparte, onde só cabe um animal de cada vez. É usado em época de vacinação, borrifação de remédio, etc.

brucelose (s. f.) doença infecciosa que ataca o gado.

buçal (s.m.) peças do arreio, feitas de couro, para colocar na cabeça e pescoço do animal, usado também o termo puçal.

bugio/bugiu (s.m.) macaco preto, freqüente nas bordas das matas em Campo Grande.

cabaça (s.f.) cuia usada para tomar o tereré ou mate quente.

cabresto (s.m.)conjunto formado pelo buçal e uma corda para guia do animal.

- cancela (s.f.) cada um dos portões no curral de aparte.
- carnear (v.t.d.) abater e esquartejar a rês.
- casa dos peões (s.f.) galpão.
- casa-sede (s.f.) o mesmo que casa grande, casa dos patrões.
- cerrado (s.m.) mata densa, fechada, que cresce nas partes mais altas.
- charque (s.m.) manta de carne curtida no sal.
- charqueada(s.f.) estabelecimento onde se faz o charque.
- chumbrado (adj) carne nem fresca nem seca.
- churrasquear (v. intr.) preparar e comer churrasco.
- cincerro (s.m.) campainha grande, pendente no pescoço do animal da tropa, que serve de guia aos outros.
- cocho (s.m.) construções rústicas retangulares onde se coloca água para o gado.
- colhereiro/culhereru (s.m.) pássaro grande de asas cor de rosa com bico em forma de colher.
- corixo/curixu (s.m.) curso de água que não resiste a grandes estiagens.
- curral (s.m.) encerra ou mangueiro, onde se prende o gado, cercado de madeira.
- desjejum (s.m.) a primeira refeição do dia.
- desmamar (v.t.d.) desmamar o bezerro, separá-lo da mãe.
- disgramada (adj.) desgraçada.
- dormidor /parador (s.m.) local onde o gado dorme.
- embute/encerra (s.m.) curral.
- empalizado/impalizado (s.m.) rancho coberto de palha.
- erva-mate (s.f.) folhas secas para chá ou tereré.
- espeque (s.m.) estacas onde se apoia o couro da rês, estendido, para secar.
- feijão andu (s.m.) arbusto, serve para chá e como forrageira. É ouvida também a forma feijão inhandu.
- ferrar/marcar (v.t.d.) marcar o gado a ferro, com a marca da fazenda.
- frieira (adj.) inflamação que dá no casco do animal.
- garrote (s.m.) bezerro entre 1 ano e 1 ano e meio.
- graxa (s.f.) gordura da rês, usada para temperar os alimentos depois de derretida no fogo.
- guaiaca (s.f.) cinto largo cheio de bolsinhos para guardar vários objetos.

- invernada (s.f.) área cercada com pastagens, onde se coloca o gado para engorda.
- madrinha (s.f.) animal que carrega o cincerro)
- mangava/mangaba (s.f.) fruto comestível doce, do tamanho do limão, que dá no campo.
- manqueira (s.f.) doença que ataca a rês com menos de 3 anos.
- manteada (adj.) carne cortada em mantas finas para fazer charque ou carne de sol.
- mantear (v.t.d.) cortar a carne em pedaços.
- marmota (s.f.) bezerro de 7 a 8 meses.
- mata (s.f.) grande número de árvores reunidas.
- matadouro (s.m.) lugar na fazenda onde se abatem as reses.
- mate amargo (s.m.) bebida quente, sem açúcar, que se obtém com a infusão de erva mate.
- matula (s.m.) provisão de carne seca, farinha, rapadura, que se carrega durante as viagens.
- mocho (s.m.) banco rústico, sem encosto, onde se senta apenas uma pessoa.
- mocho (adj) bovino sem chifres.
- mutum (s.m.) ave saborosa.
- novilha (s.f.) rês com mais de dois anos.
- parida (adj.) vaca parida, vaca que acabou de dar cria, com bezerro novo.
- peão (s.m.) trabalhador braçal nas fazendas, domador, campeiro, praieiro, condutor da boiada, vaqueiro
- pinga (s.f.) aguardente.
- piquete (s.m.) pátio cercado e gramado, em volta da fazenda, onde se prende o gado para o serviço diário. Nas chácaras e sítios, piquete é o mesmo que invernada, é o local onde o gado pasta.
- piqui/pequi (s.m.) árvore de boa madeira, que dá frutos aromáticos bons para fazer licor e cozinhar com arroz.
- pomar (s.m.) área próxima a casa, onde se plantam árvores frutíferas.
- pouso (s.m.) lugar onde o viajante pára para dormir ou descansar durante a noite.
- praia (s.f.) área coberta de areia próxima à casa-sede.
- praieiro (s.m.) peão que trabalha em volta da fazenda.

- pucheru/pucheiro (s.m.) pedaços de ossos aferventados com água e sal.
- quebra-jejum (s.m.) o mesmo que desjejum.
- quero-quero (s.m.) pássaro pequeno que grita forte anunciando a chegada de estranhos. É considerado guarda da boiada.
- quintal (s.m.) terreno atrás da sede onde se plantam hortaliças.
- ranchada (s.f.) conjunto de ranchos dos peões.
- refugo (s.m.) gado magro ou com defeito.
- retiro (s.m.) casa retirada da sede, onde vive o retireiro e se realizam trabalhos com o gado.
- sesta (s.f.) hora de descanso, depois do almoço.
- sestada (s.f.) descanso depois do almoço.
- sinuelo(s.f.) lote de gado manso, acostumado ao mangueiro.
- sobreano (s.m.) rês com mais de 1 ano e menos de dois.
- solteira (adj) vaca sem bezerro.
- sopa paraguaia (s.f.) bolo feito com fubá, queijo, cebola, leite e sal.
- tambeiro(s.m.) gado manso, boi manso.
- tereré (s.m.) mate refrescante, tomada da mesma forma que o chimarrão, mas com água fria.
- touro (s.m.) animal reprodutor macho.
- tralha/traia (s.f.) objetos caseiros.
- tramela (s.f.) pedaço de madeira preso por prego que serve para fechar portões, portas e cancelas.
- trem (s.m.) o mesmo que tralha.
- tropa(s.f.) grupo de burros de carga, os cargueiros.
- tropeiro (s.m.) vaqueiro que viaja com a tropa.
- tuiuiú (s.m.) ave característica da região do Pantanal.
- vaneirão (s.m.) tipo de dança característico da região.
- vaquejada (s.f.) rodeio.
- varal (s.m.) arame ou varas suspensas onde se coloca a carne para secar.
- vassourear (v.t.d.) procurar o gado de modo a não deixar nenhuma rês para trás.
- vício/viciu (s.m.) hábito, costume.
- xamamé (s.m.) dança argentina muito apreciada na região.

ANEXO 2 - ESPELHOS MS RURAL

A título de ilustração, apresentamos neste Anexo todos os espelhos do programa MS Rural durante o ano de 1994. Desta relação foram selecionados os programas do mês de outubro, que embasam a pesquisa de análise realizada.

PROGRAMA DE 02.01.94

1º Bloco

01. Escalada

2º Bloco

02 - V.T.- Expo/Dallas

02a.-Retorno/Dallas

03 - Sonora/ Nadir Borges

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 - V.T. - Expo/Uberaba

06 - V.T. - Expointer

07- V.T.- sonora/João Eduardo

08 - Passagem Dois

4º Bloco

09- V.T.- Expo/Plaermo

10 - V.T. - sonoras/donas de casa

11- Passagem Três

5º Bloco

12 - V.T.- Dívida/Famasul

13 - V.T.- sonoras/garotos

14 - Nota/Fechamento

PROGRAMA DE 09.01.94

1° Bloco

01 - Escalada

2° Bloco

02 - V.T.- Rubiquinho/USA

03 - Passagem Um

3° Bloco

04 - V.T.- Fecundação Piscicultura

05 - V.T.- Piscicultura/Camarão

06 - V.T. -pesca/Isca Viva

07 - Passagem Dois

4° Bloco

08- V.T.- Minhocas/criação

09 - V.T.- Granja/Maracaju

10 - Passagem Três

5° Bloco

11 - V.T.- Bufalos/adaptação

12 - V.T.- Tecmax -Desossa/Leitoa

PROGRAMA DE 16.01.94

1° Bloco

01 - Escalada

2° Bloco

02 - V.T.- Rancho

02a - Nota/Retorno

03 - Passagem Um

3º Bloco

- 04 - V.T.- Frango/Piscicultura
- 05 - V.T.- Milho/Suinocultura
- 06 - Passagem Dois

4º Bloco

- 07 - V.T.- Tristeza/Bovina
- 08 - V.T.- Couro/Problemas
- 09 - Passagem Três

5º Bloco

- 10 - V.T.- Nhumirim/Estação
- 11 - V.T. - Rosca/Mandioca

PROGRAMA DE 23.01.94**1º Bloco**

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - V.T.- Confinamento/neve
- 03 - Passagem Um

3º Bloco

- 04 - Bicho da Seda
- 05 - V.T.- Mandioca/Ivinhema
- 06 - Passagem Dois

4º Bloco

- 07 - V.T. - Baby/Pork
- 08 - V.T. - Cabras
- 09 - Passagem Três

5° Bloco

- 10 - V.T.- Haras/Embrapa
- 11 - V.T.- Gelatina/abacaxi

PROGRAMA DE 30.01.94**1° Bloco**

- 01 - Escalada

2° Bloco

- 01a - Nota/aftosa
- 02 - V.T.- confinamento/frio
- 03 - Passagem Um

3° Bloco

- 04 - V.T.- Leite B/Seca
- 05 - V.T.- Fumo/Guia Lopes
- 06 - Passagem Dois

4° Bloco

- 07 - V.T.- Estufa/hortaliças
- 08 - V.T.- Alface/Micro/Tunel
- 09 - Passagem Três

5° Bloco

- 10 - V.T.- Hortaliças/Índios
- 11 - V.T.- semente/Nucleada
- 11a - Nota/Retorno/Semente
- 12 - V.T. -doce- Polpa/Melancia

PROGRAMA DE 20.02.94**1° Bloco**

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - V.T.- Iagro/Aftosa
- 03 - V.T.- Percevejo/soja
cotação/grãos
- 04 - Passagem Um

3º Bloco

- 05 -V.T.- safra/Americana Coagri
- 06 - V.T.- Programa/Trator Rio Verde
cotação/hortaliças
- 07 - Passagem Dois

4º Bloco

- 08 - V.T. -Tecnologia/EUA
- 09 - V.T.- Clay/Center
- 10 - Nota-Retorno/Clay Center
cotação/carnes
- 11 - Passagem Três

5º Bloco

- 112 - V.T.- Produção/assentamento
- 13 - Agenda/Rural
cotação/frutas
- 14 - V.T.- Receita/Coração de Banana

PROGRAMA DE 27.02.94**1º Bloco**

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - V.T./ Piscicultura/Tambaqui
cotação/carnes
- 03 - Passagem Um

3º Bloco

04 - V.T.- Resumo

05 - Coco/Oshiro
cotação/frutas

06 - Passagem Dois

4º Bloco

2207 - V.T.- subnutrição/bovina

08 - V.T.- Hidroponia
cotação/hortaliças

09 - Ao vivo/Entrevista/Simenthal

10 - Passagem Três

5º Bloco

11 - Agenda/Rural

12 - Receita/Frango ao creme
cotação/grãos

13 - V.T.- Papagaio/Cras

PROGRAMA DE 06.03.94**1º Bloco**

01 - Escalada

2º Bloco

03 - V.T.- Resumo

04 - Passagem Um

3º Bloco

06 - V.T.- arroz/Indiana

07 - Passagem Dois

4º Bloco

08 - V.T.- Cruzamento/pardo-suiço

09 - Manejo/racional

10 - Passagem Três

5º Bloco

12 - Agenda/Rural

12a - Agenda/Rural

12b- Agenda /Rural

13 - V.T. - creme chinês

PROGRAMA DE 13.03.95

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - V.T.- Preço/boi
cotação/carnes

03 - V.T.- Fruticultura/Glória

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 - V.T.- Resumo

06 - V.T.- Fetagri/Cesp

07 - V.T.- sonora/Alimentação
cotação/hortaliças

08 - Passagem Dois

4º Bloco

09 - V.T.-Gafanhotos/combate

10 - V.T.- Colheita/soja
nota/retorno/endereço

11 - V.T.- Algodão/Itamaraty
cotação/grãos

12 - Passagem Três

5º Bloco

- 13 - V.T.- Receita/licor de Pequi
cotação/frutas
- 14 - Agenda/Rural
- 15 - V.T.- Produção/Rosas

PROGRAMA DE 20.03.94

1º Bloco

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - V.T.- Resumo
cotação/grãos
- 03 - Passagem Um

3º Bloco

- 04 - V.T. - Usina/São José
- 05- V.T.- Haras/Investimento
cotação/frutas
- 06 - Passagem Dois

4º Bloco

- 07 - V.T.- Assentamento/Peixes
- 08 - Entrevista/estúdio- Metello/URV/Boi
cotação/carnes
- 09 - Passagem Três

5º Bloco

- 10 - Agenda/Rural
cotação/hortaliças
- 11 - V.T. - receita/bolo de Mandioca

PROGRAMA DE 27.03.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - V.T.- Milho/Dourados

cotação/grãos

03 - V.T.- prêmio/agropecuário

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 - V.T.- resumo

06 - V.T.- minhocas/húmus

06a - Nota - Retorno/minhocas

cotação/hortaliças

07 - Passagem Dois

4º Bloco

08 - V.T.- variedades/soja

09 - V.T.- sangria/seringueiras

cotação/frutas

10 - Passagem Três

5º Bloco

11 - Agenda/Rural

12 - V.T.- Bolo de Tigela

cotação/carnes

13 - V.T. - Troika/Pantaneira

PROGRAMA DE 03.04.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - V.T.-Posse/Miranda

03 - V.T.- Resumo

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 -V.T. - Agricultura/Sinop

06 - V.T. - Peixes/UFMS

07 - Passagem Dois

4º Bloco

08 - V.T. - Cavalos Zahran/Rondonópolis

09 - V.T. - Chamada/Simental

10 - V.T. - Leilão/Poconé

11 - Passagem Três

5º Bloco

12 - V.T.- curtume/modelo

13 - Agenda/Rural

14 - V.T.- Receita/Sopa Paraguaia

PROGRAMA DE 10.04.94**1º Bloco**

01 - Escalada

2º Bloco

02 - V.T.- Mandioca/Mandorová

03 - V.T.- Resumo

cotação/grãos

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 - V.T.- óleo/Dendê

06 - V.T.- Moqueca/pintado
cotação/carnes

07 - Passagem Dois

4º Bloco

08 - V.T.- 56ª Expogrande

09 - V.T.- Fazenda Cáceres 1
cotação/frutas

10 - Passagem Três

5º Bloco

11 - Agenda/Rural
cotação/hortaliças

12 - V.T.- Fazenda Cáceres 2

PROGRAMA DE 17.04.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - V.T.- Furnas/produção

03 - V.T.- Resumo
cotação/grãos

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 - V.T.- arroz pré-germinado

06 - V.T.- Laranja/Coxim
cotação/frutas

07 - Passagem Dois

4º Bloco

08 - V.T.- juiz/animais

09 - V.T.- Amarração/peões

10 - V.T.- Leilões/balanço
cotação/carnes

11 - Passagem Três

5º Bloco

12 - Agenda/Rural
cotação/hortaliças

13 - V.T. - Bolo/brasileirinho

PROGRAMA DE 24.04.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - V.T. - safra/soja

03 - V.T.- Resumo
cotação/carnes

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 - V.T.- Prova/Pesos (Embrapa)
cotação/grãos

06 - V.T.- Reforma/pasto 1

4º Bloco

07 - Reforma/Pasto 2

08 - V.T. - Chinchila/Bonito
cotação/hortaliças

09 - Passagem Três

5º Bloco

10 - V.T.- Receita/frango molho pardo

11 - Agenda/Rural
cotação/frutas

12 - V.T.- carpas/criação

PROGRAMA DE 01.05.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - V.T.- gado/computadores

03 - Nota- vacina /anti-aftosa

04 - V.T.- Resumo

cotação/grãos

05 - Passagem Um

3º Bloco

06 - V.T.- Araçá/boi

07 - V.T.- curso/pescado

cotação/frutas

08 - Passagem Dois

4º Bloco

09 - V.T.- Salga/pescado

10 - V.T.- Receita/queijo de mesa

11 - V.T.- sonora/Metello/ frigoríficos

12 - Entrevista/ estúdio/Júlio Brissac

13 - Passagem Três

5º Bloco

14 - Entrevista/estúdio/Gervásio

PROGRAMA DE 08.05.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - V.T.- canola/MS
- 03 - V.T. -gado/computadores
cotação/carnes
- 04 - Passagem Um

3º Bloco

- 05 - V.T.- Resumo
- 06 - V.T.- curso/pescado
cotação/grãos
- 07 - Passagem Dois

4º Bloco

- 08 - V.T. -salga/pescado
- 09 - V.T.- Araçá/boi
cotação/frutas
- 10 - Passagem Três

5º Bloco

- 11 - V.T.- Receita/queijo de mesa
cotação/hortaliças
- 12 - Agenda/Rural
- 13 - V.T.- homenagem/mães

PROGRAMA DE 22.05.94**1º Bloco**

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - V.T.- macaca/cras
- 03 - V.T.- Resumo
- 04 - V.T. - Comleite/crise
cotação/grãos

05 - Passagem Um

3º Bloco

06 - V.T.- safra/colheita

07 - V.T.- Percheron/Chapada 1
cotação/carnes

08 - Passagem Dois

4º Bloco

09 - V.T.- Percheron/Chapada 2

10 - V.T.- Horta/comunitária
cotação/hortaliças

11 - Passagem Três

5º Bloco

12 - Agenda/Rural
cotação/frutas

13 - V.T.- Receita/ pudim de café com pão

PROGRAMA DE 29.05.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - V.T.- Caracu/Coxim

02a - Nota/Cólera

03 - Caiu

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 - V.T.- galinha/Rhodes

06 - V.T.- replantio/aroeira

06a- Nota-retorno/aroeira

07 - Passagem Dois

4º Bloco

- 08 - V.T.- restaurante/peixe vivo
- 09 - V.T.- pele/curtimento
- 09a - nota/retorno/pele
- 10 - Passagem Três

5º Bloco

- comentário/Osmar - prêmio/agropecuário
- 11 - Agenda/Rural
- 12 - V.T.- Festa do Divino

PROGRAMA DE 05.06.94**1º Bloco**

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - V.T.- Moinho/CG
- 03 - Nota-El Zahran/embriões
cotação/grãos
- 04 - Passagem Um

3º Bloco

- 05 - V.T.- jumento/pêga
- 06 - V.T.- cacau/Alta Floresta
Zé Gotinha/vivo
- 07 - Passagem Dois

4º Bloco

- 08 - V.T.- colheita/cacau
- 09 - V.T.- camarão/Três Lagoas
cotação/carnes
- 10 - Passagem Três

5º Bloco

11 - Agenda/Rural

11a Nota - clube do laço

12 - V.T.- pudim/batata doce

13 - V.T.- sal da terra

PROGRAMA DE 12.06.94**1º Bloco**

01 - Escalada

2º Bloco

02 - V.T.- sossega/boi

03 - V.T. - Resumo
cotação/grãos

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 - V.T.- Jacaré/cativeiro I
cotação/carnes

06 - Passagem Dois

4º Bloco

07 - V.T.- Jacaré/cativeiro II

08 - V.T. - Búfalos/Angélica
cotação/hortaliças

09 - Passagem Três

5º Bloco

11 - Agenda/Rural

12 - V.T.- Receita/bucho frito
cotação/frutas

13 - Estúdio/vivo (entrevista Empaer)

PROGRAMA DE 19.06.95

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - V.T.- leilão/premiação

03 - V.T.- Mangalarga/Paranaíba

03 a- vt- Resumo

cotação/grãos

04 - Passagem Um

3º Bloco

04 a- vt-Qualidade/leite

05 - vt- Embriões/Simental

05a - Retorno/Simental

06 - vt- cana de açúcar-1

cotação/hortaliças

07 - Passagem Dois

4º Bloco

08 - vt- cana de açúcar 2

09 - vt- carta/minhoca

cotação/carnes

10 - Passagem Três

5º Bloco

11 - Agenda/Rural

cotação/frutas

12 - vt- criação/capivara

PROGRAMA DE 26.06.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - vt- sonora/CNA
- 03 - vt-Semana/Cavalo
- 03a - Retorno/Cavalo
cotação/carnes
- 04 - Passagem Um

3º Bloco

- 05 - vt- Farinho/Sto Antonio
- 06 - vt- Festa/Mandioca
cotação/frutas
- 07 -Passagem Dois

4º Bloco

- 08 - vt-Resumo
- 09 - vt- milho/seca
cotação/grãos
- 10 - Passagem Três

5º Bloco

- 11 - Agenda/Rural
- 12 - vt- Horta/milico
cotação/hortaliças
- 13 - vt- farofa/taioba

PROGRAMA DE 03.07.94**1º Bloco**

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - vt-geada/prejuízos
- 02a - geada/retorno

- 03 - vt- dívida/agricultores
cotação/grãos
04 - Passagem Um

3º Bloco

- 05 - vt- Empaer/convênio
06 - vt- prêmio/lagro
07 - vt- carangueijo/caça
cotação/carnes
08 - Passagem Dois

4º Bloco

- 09 - vt- cowboy/Cassilândia
cotação/hortaliças
10 - vt- deficientes/cavalos
11 - Agenda/Rural
12 - vt- Festa/Palmeiras

PROGRAMA DE 10.07.94

1º Bloco

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - vt- Rural/10 anos
03 - vt- Erva/Mate 1
04 - Passagem Um

3º Bloco

- sonora/Hélio Coelho
05 - vt- Erva/Mate 2
- sonora/Paulo Soares

07 - Passagem Dois

4º Bloco

- sonora/Nelson Buainain

08 - vt- frango/parceria

09 - vt- frango/Sidrolândia

-sonora/Zenitte de Paula

10 - Passagem Três

5º Bloco

- sonora/Zacarias

11 - Festa 10 anos

PROGRAMA DE 17.07.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - vt- REde/Geadas

03 - Passagem Um

3º Bloco

04 - Agricultura/curso

05 - vt- mutirão/UFMS (colar sonora Metello)

06 - Passagem Dois

4º Bloco

07 - Nota- prêmio/destaque

08 - Bicudo/Algodão (Cáceres (colar sonora/Zenitte)

09 - Passagem Três

5º Bloco

11 - vt- Exposição/10 anos (colar sonora/Zacarias)

12 - vt- Bolo/formigueiro

PROGRAMA DE 24.07.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - vt- avertura/Expobel

03 - vt- Resumo

04 - vt- Bacia-Leite Glória

05 - Nota- preço/leite

06 - Passagem Um

3º Bloco

07 - vt- prêmio/destaque

07 a- NC- indicados/prêmio

08 - vt- assentamento/Barra de Itá (cola sonora Gabino)

09 - Passagem Dois

4º Bloco

10 - vt- Suínos/piau

11 - vt- caldo/osso buco (cola sonora Eduardo Pinheiro)

12 - Passagem Três

5º Bloco

13 - vt- ecologia/10 anos (cola sonora Emiko)

PROGRAMA DE 31.07.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - Prêmio/entrega
- 03 - vt- sonora/ministro
- 04 - nota- retorno/ministro
- 05 - Passagem Um

3º Bloco

- 06 - vt- perdas/trigo
- 07 - vt- cavalo árabe/julgamento
- 08 - vt- simental/Zahran
- 09 - vt- sonora/presidenteBB
- 10 - Passagem Dois

4º Bloco

- 11 - vt- acero/queimadas
- 11a - Nota retorno/acero
- 12 - vt- cozimento/mandioca
- 13 - vt- sagu/mandioca
- 14 - v sonora/Paulino
- 15 - Passagem Três

5º Bloco

- 16 - vt- sonora/Ronaldo
- 17 - vt- curiosidades/10 anos
- 18 - vt- sonora/governador

PROGRAMA DE 07.08.94**1º Bloco**

- 01 - Escalada
- 02 - vt- Metello/TR
- 03 - vt- Resumo
cotação/grãos
- 04 - Passagem Um

2º Bloco

- 05 - vt- Queimadas/MS
- 06 - vt- Mistura/Múltipla gado
cotação/carnes
- 07 - Passagem Dois

3º Bloco

- 08 - vt- solo/Aral Moreira
- 09 - vt- Chianina/Criação
cotação/frutas
- 10 - Passagem Três

4º Bloco

- 11 - vt- Tomates/Brasilândia
cotação/hortaliças
- 12 - Agenda/Rural
- 13 - vt-coral/Empaer

PROGRAMA DE 14.08.94**1º Bloco**

- 01 - Escalada
vt- Abertura
- 02 - vt-repercessão/pacote agrícola
- 03 - vt/Resumo
cotação/hortaliças
- 04 - Passagem Um

2º Bloco

- 05 - vt- plantação/canola
- 06 - nota- retorno/canola
cotação/grãos
- 07 - Passagem Dois

3º Bloco

- 08 - vt- boi/suínos
- 09 - vt- frango com quiabo
cotação/carnes
- 10 - Passagem Três
4º Bloco
- cotação/frutas
- 11 - Agenda/Rural
- 12 - vt- Matrincha/defesa

PROGRAMA DE 21.08.94

1º Bloco

- 01 - Escalada
vt- Abertura
- 02 - vt- 23ª Expoleite
- 03 - vt- 20 anos/cera
cotação/hortaliças
- 04 - Passagem Um

2º Bloco

- 05 - vt- reforma/pastagens
- 06 - vt- apicultura/Pantanal 1
cotação/grãos
- 07 - Passagem Dois

3º Bloco

- 08 - nota - resposta/carta
- 09 - vt- apicultura/Pantanal 2
- 10 - nota - retorno/mel
-cotação/carnes
- 11 - Passagem Três

4º Bloco

- 12 - vt- biscoito/nata
cotação/frutas

13 - Agenda/Rural

14 - vt- ent. José Armando Amado/Famasul

PROGRAMA DE 28.08.94.

1º Bloco

01 - Escalada

vt- Abertura

02 - nota- imposto/rural

03 - vt- avicultor/dia

cotação/carnes

04 - Passagem Um

2º Bloco

05 - vt- Reforma/Pasto II

06 - vt- sonora/Tezelli

cotação/grãos

07 - Passagem Dois

3º Bloco

08 - nota/ errata/mel

09 - vt- poda/inverno

cotação/hortaliças

10 - Passagem Três

4º Bloco

11 - Agenda/Rural

12 - vt- julgamento/Canchin

13 - vt- Expocentro/animais

13a - nota- retorno/animais

PROGRAMA DE 11.09.94

1º Bloco

- 01 - Escalada
 - vt- Abertura
- 02 - vt- Atlas/Meio Ambiente
- 03 vt- Resumo
 - cotação/grãos
- 04 - Passagem UM

2º Bloco

- 05 - vt- Reforma/Pasto III
- 06 - vt- Lentilhas/pesquisa
 - cotação/hortaliças
- 07 - Passagem Dois

3º Bloco

- 08 - vt- leilão/tv
- 09 - vt- árabes/leilão
 - cotação/carnes
- 10 - Passagem Três

4º Bloco

- 11 - vt- chocadeira/isopor
 - cotação/frutas
- 12 - Agenda/Rural
- 13 - vt- creme/tipo sorvete
(atenção:caíram as cotações)

PROGRAMA DE 18.09.94

1º Bloco

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - vt- Pantanal/rural
- 03 - vt- sonoras/safra agrícola
- 03 a- nota- retorno/safra

04 - vt- Resumo

cotação/grãos

05 - Passagem Um

3º Bloco

06 - vt- batata/bingi

07 - vt- morangos/Corumbá

cotação/frutas

08 - Passagem Dois

4º Bloco

09 - vt- ervas/caracol

10 - vt- seca/Pantanal Norte

cotação/hortaliças

11 - Passagem Três

5º Bloco

12 - vt- Chocadeira/isopor

13 - Agenda/Rural

cotação/carnes

14 - vt- pirão/ossos

PROGRAMA DE 02.10.04

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - Nota/Imposto

03 - vt- sonora/Walderi Dias

04 - vt- carta/seu Joaquim

05 - vt- couve flor/Chapada

cotação/hortaliças

06 - Passagem Um

3º Bloco

07 - vt- Leilão/El Zahran

08 - vt- sonora/Jairo

cotação/carnes

09 - Passagem Dois

4º Bloco

10 - vt- seleção/touros

11 - vt- cura/umbigo

11a - nota- retorno/umbigo

cotação/grãos

12 - Passagem Três

5º Bloco

13 - Agenda/Rural

14 - vt- pirão/verde

cotação/frutas

15 - vt- 7ª Caiman

PROGRAMA DE 09.10.94**1º Bloco**

01 - Escalada

2º Bloco

02 - ganho/peso

03 - vt- confinamento/frigorífico 1

cotação/carnes

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 - vt- confinamento/frigorífico 2

06 - vt- castanheiro/consórcio

cotação/grãos

07 - Passagem Dois

4º Bloco

- 08 - vt- Integração/Maracaju
- 09 - vt- Integração/Bandeirantes
cotação/hortaliças
- 10 - Passagem Três

5º Bloco

- 11 - Agenda/Rural
cotação/frutas
- 12 - vt- hotel p/chifrudos

PROGRAMA DE 16.10.94**1º Bloco**

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - vt- incêndio/Fazenda
- 02a - nota retorno/incêndio
- 03 - vt- Resumo
cotação/grãos
- 04 - Passagem Um

3º Bloco

- 05 - vt- concurso/fotografia
- 05a - nota retorno/fotografia
- 06 - vt- festa/peixe
cotação/frutas
- 07 - Passagem Dois

4º Bloco

- 08 - vt- minhocas/presídio
- 09 - nota retorno/minhocas
cotação/hortaliças

10 - Passagem Três

5º Bloco

11 - Agenda/Rural
cotação/carnes

12 - vt- curtimento/bucho

PROGRAMA DE 23.10.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - vt- plantio/milho

03 - nota concurso/protetor

04 - vt- Beefalo/cruza
cotação/grãos

05 - Passagem Um

3º Bloco

06 - vt- Resumo

07 - vt- tomate/rasteiro

08 - nota retorno/tomate
cotação/hortaliças

09 - Passagem Dois

4º Bloco

10 - Nota Embrapa

11 - vt- Temporada/pesca
cotação/carnes

12 - Passagem Três

5º Bloco

13 - Agenda/Rural

14 - nota- cursos/Senar
cotação/frutas

15 - vt- Bombocado/Mandioca

PROGRAMA DE 30.10.94**1º Bloco**

01 - Escalada

2º Bloco

02 - vt- plantio/soja

03 - vt- plantio/milho

04 - vt- sonora/Tezzeli

05 - vt- sonora/Maciel

06 - Passagem Um

3º Bloco

07 - caiu

08 - vt- hospital/fazenda

09 - Passagem Dois

4º Bloco

10 - nota/Piracema

11 - vt- Bocaiúva/Farinha 1

12 - Passagem Três

5º Bloco

13 - Nota/Bienal

14 - vt- Bocaiúva/Farinha 2

15- vt- sorvete/Bocaiúva

16 - nota retorno/sorvete

17 - vt- leilão/Modernidade

PROGRAMA DE 06.11.94**1º Bloco**

01 - Escalada

2º Bloco

02 - vt- Campanha/aftosa

03 - vt- Resumo

04 - vt- Comércio/Máquinas

05 - nota Estimativa/safra
cotação/grãos

06 - Passagem Um

3º Bloco

07 - vt- resposta/periquitos

08 - vt- broca/cana

cotação/hortaliças

09 - Passagem Dois

4º Bloco

10 - vt- Uva/cuidados

11 - nota retorno/uva

12 - vt- doma/racional

cotação/carnes

13 - Passagem Três

5º Bloco

14 - vt- Agenda/Rural

15 - vt- Bolo/Banana

cotação/frutas

16 - vt- Piracema/Início

(atenção caíram as cotações)

PROGRAMA DE 13.11.94

1º Bloco

01 - escalada

2º Bloco

02 - vt- leilão/recorde

03 - vt- Ritz/Simental

04 - vt- Resumo

cotação/grãos

05 - Passagem Um

3º Bloco

06 - vt- estragos/hortaliças

07 - vt- plantio/MT

08 - vt- adubação/pomar

cotação/frutas

09 - Passagem Dois

4º Bloco

10 - vt- carta/côco

11 - nota retorno/côco

12 - Agenda/Senar

13 - vt- Lasanha/repolho

cotação/hortaliças

14 - Passagem Três

5º Bloco

15 - Agenda/Rural

cotação/carnes

16 - vt- suinocultura/São Gabriel

PROGRAMA DE 27.11.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

02 - vt- plantio/algodão

03- vt- fábrica/fiação
cotação/grãos

04 - Passagem Um

3º Bloco

05 - vt- Resumo

06 - vt- Ceasa/sacolão

07 - vt- Isca viva/ 1
cotação/carnes

08 - Passagem Dois

4º Bloco

09 - vt- Isca viva/2

10 - Agenda/Senar

11 - vt- Bolo de Cebola
cotação/hortaliças

12 - Passagem Três

5º Bloco

13 - Agenda/Rural
cotação/ frutas

14 - vt- Zanenga/Mercosul

PROGRAMA DE 11.12.94

1º Bloco

01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - vt- chácara/produtiva
cotação/hortaliças
- 03 - Passagem Um

3º Bloco

- 04 - vt- recursos/BB
- 05 - nota retorno/BB
- 06 - vt- girassol/Paraguai
cotação/grãos
- 07 - Passagem Dois

4º Bloco

- 08 - vt- Florada/Bourbon
- 09 - Agenda/Senar
- 10 - vt- Doce de Manga
cotação/frutas
- 11 - Passagem Três

5º Bloco

- 12 - Agenda/Rural
cotação/carnes
- 13 - vt- frango com queijo

PROGRAMA DE 18.12.94

1º Bloco

- 01 - Escalada

2º Bloco

- 02 - vt- curso/caprino
- 03 - nota retorno/curso
- 04 - vt- Resumo
cotação/carnes
- 05 - Passagem Um

3º Bloco

06 - vt- leite/Angélica
cotação/grãos

07 - Passagem Dois

4º Bloco

08 - vt- guaraná/Alta Floresta

09 - vt- azeitona/carta
cotação/hortaliças

10 - Passagem Três

5º Bloco

11 - vt- sorvete de manga
cotação/frutas

12 - vt- Haras/faveiros

12a - nota retorno/faveiros

PROGRAMA DE 25.12.94**1º Bloco**

01 - Escalada

2º Bloco

01a - vt- visita/Parque do Produtor

02 - vt- livro/plantas

03 - nota retorno/livro

04 - Passagem UM

3º Bloco

05 - vt- laranja/Mercosul

06 - Nota retorno/laranja

07 - Passagem Dois

4º Bloco

08 - reaproveitamento/bagaço

09 - vt- uvas/cerrado

10 - Passagem Três

5º Bloco

11 - vt- receita 3/Natal

12- vt- Natal/homenagem

ANEXO 3. DESCRIÇÃO DAS REPORTAGENS SELECIONADAS PARA ANÁLISE.

Estão descritas, neste Anexo, as reportagens escolhidas para análise. Elas foram transcritas na íntegra. As reportagens foram também copiadas em fita de vídeo, que acompanha esta dissertação.

Programa 381, de 02.10.94

Seleção de Touros

Locutor - Estamos na estação de monta e isso aumenta a procura de bons touros. Você vai ver agora na reportagem de Cristiane de Paula como a seleção de touros pode ajudar no melhoramento bovino. Com um bom aproveitamento de touros o criador melhora a fertilidade do rebanho e aumenta os lucros na propriedade. Vamos ver como é feito este trabalho no estado do Mato Grosso.

VT - Repórter: Estado do Mato Grosso tem atualmente cerca de 14 milhões de cabeças de gado. Um rebanho rústico que só agora começa a passar por alguns processos de melhoramento. Um deles, que vem sendo bastante divulgado, é o de seleção de touros. Nesse processo, o único investimento de maior porte, feito pelo produtor, é com a compra de bons exemplares. Com um bom plantel de machos, o pecuarista tem de ficar atento com a hora certa de começar a selecionar os reprodutores para o início da internada. É agora, antes das primeiras chuvas de setembro - sinal do início da estação da internada - que os bois começam a receber o tratamento para iniciar a cobertura.

Primeiro é preciso tirar do pasto aqueles touros que estão fracos e já serviram como reprodutores. Os touros que vão servir para o período de internada devem ser separados, primeiro pelo aspecto físico. Neste caso, o próprio peão, que está na lida com o gado, pode conseguir uma boa seleção. Idade, peso e postura são também fatores importantes e que vão ajudar na separação e classificação dos touros. Depois, para confirmar ainda mais a seleção, os touros vão para exame clínico. Aqui o veterinário faz uma bateria de exames, desde a formação dos dentes até a coleta de sêmen para análise dos espermatozoides.

Entrevista com Márcio Cardoso- veterinário : Primeiro a gente faz um exame clínico do animal, né. Observa o estado corporal do animal, se está num estado corporal bom, né, e depois você começa a observar os detalhes do animal. Você observa a boca, os aprumos do animal, se não tem nenhum desvio. Você observa o percurso do animal, se ele tem algum problema. E depois você vai para os órgãos genitais e você faz uma avaliação da bolsa escrotal, vê, faz a medição do perímetro escrotal e pedídio, depois você faz uma avaliação dos órgãos internos, onde você vê vesícula, próstata e dutos deferentes.

repórter: Basta selecionar os touros ou tem que haver também seleção das novilhas?

entrevista com Zeno Albert - coordenador da PROMMEPE : É importante que se faça a seleção das novilhas também e principalmente com respeito à sanidade, ver problemas da brucelose. De qualquer forma fazer uma seleção daquelas que não estão atingindo o peso em função da idade para entrar no serviço de reprodução.

repórter: E qual vem a ser este peso?

Zeno: A medida tem que estar mais ou menos em torno de 300 a 320 kg, na faixa de dois anos e meio. Seria o peso ideal para entrar em cobertura, o gado Nelore, né.

repórter: E qual é a recomendação para a quantidade de vacas para cada touro?

Zeno: A recomendação básica seria mais ou menos em torno de um touro por cada 25 vacas. Agora isso depende muito do tamanho da internada, se é suja ou limpa, da topografia do terreno. Depende inclusive da idade dos touros que estão em serviço. De repente temos uns touros novos, tem que colocar uma proporção maior, depende também de sabermos da situação andrológica destes touros, se tem uma fertilidade alta, colocar um número um pouco menor. Mas normalmente gira em torno de 25 a 30 vacas por cada touro. E tem estes fatores que você teria que levar em consideração para fazer este trabalho.

repórter: Fica durante todo o período da seca?

Zeno: Fica durante a estação de monta, normalmente vai em torno de 3 a 4 meses, né.

repórter: Agora o touro volta para o curral onde vai passar por mais um teste, e talvez o principal: saber a capacidade de serviço. Isto quer dizer: confirmar se o touro vai realmente dar conta do recado. Ele é colocado com uma novilha no cio e cronometrado o tempo para a primeira monta.

Os resultados com a seleção de touros no melhoramento do gado aparecem já nas primeiras crias. As fêmeas conseguem entrar no cio mais cedo: as primeiras montas podem acontecer com 2 anos ou 2 anos e meio para o gado Nelore. Mas é com os bezerros que os resultados são mais visíveis ao bolso do produtor.

Os resultados da seleção de touros começam a aparecer já nas primeiras crias. O produtor consegue novilhos precoces, com idade máxima de 3 anos e peso mínimo de 15 arrobas, sem falar que o produtor consegue também comercializar na entressafra, com preços melhores e ainda existe uma gratificação do governo incentivando dentro do Programa Novilho Precoce.

Zeno: O governo então dá o incentivo fiscal. Paga ao produtor em torno de 3 a 5 % do valor da operação para reproduzir este gado mais jovem. E basta ao produtor se inscrever no PROMMEPE - que é o Programa Mato-grossense de Melhoramento da Pecuária - do governo. Inclusive muitos pecuaristas não estão recebendo este incentivo por falta até de conhecimento do programa.

repórter: Quer dizer, o produtor, ele pode receber um animal por cada 15 ou 20 animais?

Zeno: ele recebendo o incentivo de 5% para cada 20 animais que ele abate, que seria um caminhão, ele recebe um boi de benefício. Então é muito significativo isso aí.

repórter: E o produtor, esse programa tem melhorado?

Zeno; É. Nós temos hoje cerca de 180 propriedades inscritas no programa, nos mais diversos pontos do Estado e temos a previsão de abater em torno de pelo menos uns 40 a 50 mil animais, o que é um número muito significativo num programa que está mais ou menos há um ano e meio implantado.

repórter: No pasto a imagem dos bezerros com menos de 1 mês vira colírio para os olhos do produtor. Crias uniformes e aumenta o índice de nascimentos. Fica garantido o índice de 85% de natalidade.

Entrevista com Alexandre Esterman - chefe do departamento de agropecuária : A seleção de touros, antes de tudo, é uma decisão gerencial de propriedade, que tem repercussão imediata no aumento da renda dessa

propriedade. Nós podemos verificar nesse lote o aumento do índice de fertilidade, decorrente justamente de uma boa seleção de touros. Uma outra repercussão imediata, nós podemos verificar, na antecipação da idade de entouramento de novilhas, e também na antecipação de idade de abate dos bois. é numa decisão somente de manejo, onde você faz um aproveitamento dos touros e você faz um investimento talvez em termos um pouco maior, só que você tem uma resposta imediata.

Cura/Umbigo

Locutor: “Umbigo curado, bezerro marcado”. É o que diz um ditado bastante popular. Pois é. Estamos em época de parição da vacada. Nesse período é bom tomar alguns cuidados com o rebanho. Veja o que o Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte recomenda.

VT - repórter: Os cuidados começam com o manejo da vacada prenha. É importante separar um pasto-maternidade limpo para esse período do ano. Mesmo com a seca, o pasto precisa ter massa suficiente para suprir as necessidades do animal. Boa água no bebedouro e suplemento no cocho garantem melhor resistência para a hora do parto. Nessa fase é bom a vacada ficar próxima à sede da fazenda. Isso facilita o trabalho do peão. Observar o rebanho todos os dias. A vaca dá os primeiros sinais de parição.

Todo este manejo com as vacas prenhas, no período que geralmente vai de julho a outubro, representa sem dúvida lucro ao produtor rural. Mas o trabalho não pára por aí. É importante se fazer a vacinação contra a paratifo. A vacina evita várias doenças ao bezerro recém-nascido. Aqui no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, os pesquisadores estão orientando também com os cuidados na cura do umbigo.

Laçar o bezerro, segurar o bezerro e derrubar o bezerro tem que ter cuidado. O animal pode machucar. É bom também ficar de olho na vaca: ela pode investir a qualquer momento contra o peão. Aqui agora o que eles vão fazer?

Entrevista com Sérgio Carvalho: Bom, neste momento o pessoas vai fazer a cura do umbigo. E esta cura está sendo feita com álcool iodado. É muito forte, que a gente poderia chamar de tintura de iodo. E esta tintura de iodo é feita no corte do umbigo e ela vai proteger o umbigo de possíveis contaminações que normalmente tem no ambiente como também vai ajudar na cicatrização do umbigo do bezerro.

repórter: O local é ideal também para se fazer esta cura?

Sérgio: No momento da cura é importante que se evite o máximo possível de poeira, né. Recomenda que seja feito em cima da grama e também seja feita uma contenção do animal para que ele não fique batendo com a cabeça, para não se machucar.

repórter: Aproveitando a cura, o manejo pode também fazer o que. O manejo pode aproveitar para fazer o que?

Sérgio; Bom, nesse momento é feita também a identificação do animal, que tem um controle do rebanho da propriedade.

repórter: O colostro é o primeiro leite da vaca. É rico em proteínas, energias, sais minerais e vitaminas. Dá ao bezerro a proteção ideal para um desenvolvimento sadio e sem problemas. Se o bezerro não conseguir mamar o colostro da mãe, coloque para mamar em outra vaca.

Entrevista com Renato Andriotti- veterinário da Embrapa: Esse colostro vai transferir para o bezerro uma série de proteções que o bezerro vai usar nos primeiros meses de vida.

repórter: Existe alguma diferença aqui no Estado de região para região em relação ao manejo nesse período do ano com a vacada?

Renato: Como regra geral este é o manejo básico, que é usado para a fase de parição, mas podemos lembrar que a região do Pantanal, que é uma região mais úmida, onde o problema de bicheira é muito expressivo, sendo assim quando não se usa essa prática, a gente terá um índice muito maior de problemas no rebanho.

repórter: Veja o que comprar para fazer a tintura de iodo na cura do umbigo:

65 g de iodo metálico

25 g de iodeto de sódio

100 ml de água destilada

1 l de álcool comercial.

O composto pode ser feito em qualquer farmácia de manipulação ou pelo próprio médico veterinário que acompanha o rebanho. A quantidade de produto dá para curar o umbigo de aproximadamente 40 bezerros.

Renato: O umbigo antes do nascimento ele é muito importante para a nutrição do bezerro, quando ele recebe através do umbigo os nutrientes da mãe. Mas logo após o nascimento, é uma porta aberta para as infecções, a bicheira e com isso o aparecimento de vários tipos de doenças. Fazendo estas

duas práticas - de administrar o colostro nas primeiras horas como também fazer a cura do umbigo -o produtor vai gastar menos com medicamentos como também vai ter uma qualidade melhor destes bezerros durante seu desenvolvimento.

Locutor: Como o Dr. Renato falou é muito importante a cura do umbigo. A Lígia no começo da matéria falou que “umbigo curado é bezerro marcado”. Quem que não ouviu isso, é ou não é? Quando está dentro da barriga da vaca tem um papel. Mas quando tá fora, se não curar é uma porta de entrada para o tal de caruara. Quem não conhece caruara, né? Dá uma infecção disgramada que pode até matar o bezerrinho. E fazer mamar o colostro. Esta época agora de setembro prá frente começa a cair o bezerro. Vamos fazer a peonada correr o pasto maternidade e tratar do umbigo senão o negócio vai para trás, é ou não é? Se você quiser mais informações é só ligar para o pessoal da Embrapa. Anote o endereço deles aí: Caixa Postal 154, CEP 79.002-970. Embrapa - Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, em Campo Grande.

PROGRAMA 382 - 10.10.94

Ganho/Peso

Locutor: Avaliação, exames, pesagem: é a prova de peso da Embrapa para identificar animais com objetivo de melhorar a qualidade da pecuária de corte no Estado. Depois de 5 meses, os técnicos chegaram a uma conclusão.

V.T. - repórter: Foram 168 dias de avaliação. Mais de 100 animais passaram por uma bateria de exames e pesagens. O gado da raça Nelore ficou numa área da Embrapa de 5.000 m². O objetivo da prova foi identificar animais superiores e promover o melhoramento genético da pecuária de corte. Além do acompanhamento de peso, o tipo de animal também foi avaliado por técnicos da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu. Foram classificados como Nelore-Padrão, 13 animais de Elite e 34 Superiores; Mocho, 1 de Elite e 3 Superiores. No início da prova a idade média dos animais era de 8 meses e no final 13,5 meses. As médias de peso foram as seguintes:

Nelore Mocho: 318 kg

Nelore Padrão: 330kg.

Este é o campeão Mocho: o animal atingiu 353kg. O primeiro lugar de Nelore Padrão ficou com 413 kg, o segundo lugar atingiu 408 kg.

Entrevista com Luis Otávio da Silva, coordenador da prova: A importância da prova é medir quais são os indivíduos que tenham maior rendimento em ganho de peso. Mas não só isso porque a classificação deles é feita pelo peso final ajustados para os 365 dias de idade. Quer dizer, ajustado para 1 ano de idade e nele mesmo, para fazer o ajuste para este peso, leva-se em consideração o peso ajustado aos 205 dias. Então, não só o ganho na prova é importante, como também o desempenho que ele teve até a desmama, que é feita por volta dos 205 dias, quer dizer, aos 7 meses de idade.

Confinamento/frigorífico 1

Locutor: No campo a tecnologia avança e os criadores de gado de corte conseguem preços recordes na entressafra. Muitos produtores apostaram no confinamento e com isso diminuíram o tempo de engorda e melhoraram o sabor da carne.

V.T. - repórter: Fazenda Alvina, em Ponta Porã. Aqui está o maior confinamento bovino do estado. São quase 5.000 cabeças de várias raças: Nelore, Aberdin Angus, Red Angus, principalmente o Brangus, que resulta do cruzamento entre o Nelore e o Angus. O confinamento é feito somente na época de seca e a meta é produzir animais precoces. Para isso eles são alimentados três vezes ao dia: de manhã, ao meio dia e à tarde. A ração utilizada é à base de milho, aveia preta, trigoilho, uréia, sulfato de amônia, sal mineral e farinha, feita a partir de ossos e dos restos de carne bovina que não são aproveitados no frigorífico.

A maioria desses ingredientes é produzida na própria fazenda, o que diminui os custos com a alimentação. O ganho de peso médio de um boi é de 1,200kg por dia. No confinamento só é feita a terminação dos animais. Depois de 90 dias, eles são liberados para o abate.

No mês de setembro, quando os primeiros lotes confinados começaram a ser liberados para o abate, o produtor rural teve uma boa surpresa. O preço conseguido na venda do gado chegou a 27,90 dólares, o maior dos últimos

dez anos e 5 dólares a mais do que no ano passado. A expectativa é a de que este preço aumente ainda mais. O confinamento não custa mais caro do que deixar este boi no pasto?

Entrevista com Antonio João de Almeida, veterinário da UFMS : Se você pensar que o confinamento tem uma alimentação mais cara, sim. Mas se você deixar no pasto, especialmente na época da seca, você vai fazer com que seus animais percam peso. Normalmente, numa seca prolongada como a que está acontecendo este ano, os animais perderiam muito peso e se a gente colocar estes animais, agora durante o mês de início da seca, e vendê-los na época da entressafra, a gente ganha dinheiro.

Repórter: Neste caso, quem deixou o gado no pasto este ano teve prejuízo?

Antonio: Certamente que sim, porque os animais começaram a perder peso e durante este tempo da estiagem prolongada, os animais perderam muito peso, a não ser que você tivesse boas condições de pastagem e tivesse dado uma suplementação no pasto. Agora, o confinamento é vantagem porque este tipo de animal aqui, estes novilhos precoces, fora colocados com uma média de 350/360kg. Ficaram cerca de 90 dias confinados. O custo dele não chegou a 70 dólares. E só o diferencial de preço - eles ficam confinados quando o preço estava cerca de 18/19 reais e hoje está em torno de 26 reais, ou seja, o ganho de quase 8 reais possibilitou um ganho adicional muito grande.

Então é diferente de outros anos. Este ano isso aí está ocorrendo e levando os produtores, especialmente os que fizeram confinamento, a um lucro muito grande.

repórter: O novilho precoce é o gado ideal para confinamento?

Antonio: O novilho precoce é ideal justamente porque ele o animal cruzado, ou animais Nelore, com grande potencial de ganho de peso. E estes animais vão ser terminados até 24, 26 meses. E estes animais vão ter, além de uma carne de melhor qualidade, vão ter um retorno, em termos de incentivo fiscal, ou seja de 4 a 6 % de retorno, ou seja, um ganho de quase uma arroba a mais por animal.

Confinamento/frigorífico 2

Locutor: A chegada do novilho precoce ao frigorífico e os cortes especiais. Uma tendência que pode transformar os atuais açougues em casas

especializadas de carnes. É o que você vai ver na segunda parte da reportagem sobre confinamento.

V.T.- repórter: Este frigorífico bovino é um dos pioneiros no País a entregar quase 100% da carne desossada e em cortes especiais para abastecer o mercado consumidor. Nós vamos acompanhar o trabalho e mostrar como é feita a classificação do novilho precoce.

Curral de recepção do frigorífico. Aqui o gado faz uma dieta hídrica por 24 horas. Neste corredor, os animais separados em lotes de acordo com a procedência, vão aos poucos sendo encaminhados para o banho final. Depois do abate o couro é retirado. A cabeça e a carcaça recebem uma numeração, que servirá de controle, caso o animal apresente alguma doença. Em seguida o técnico do serviço de inspeção federal faz a tipificação da carcaça. Através dos dentes é detectada a possível idade do animal. Com 4 dentes incisivos permanentes, o boi é considerado novilho precoce e recebe 4% de isenção do ICMS. Com 2 dentes trocados, a isenção é maior: 6%. E o valor deste desconto do imposto equivale a uma arroba.

O desenvolvimento das massas musculares também é observado. Depois de dividir ao meio a carcaça, passa por mais uma prova do novilho precoce: a gordura de cobertura. A ideal deve ter a 3 a 10 mm de espessura.

Chega a vez da prova de peso: o boi deve pesar no mínimo 225 kg e a vaca 180 kg. Abaixo disso está fora do Programa de Incentivo ao Novilho Precoce. Antes de ir à câmara fria, a carcaça passa por uma última inspeção] federal, que determina a qualidade da carne. Eliminada qualquer hipótese de doença, a carne é estocada a 0°C por 24 horas. Dessa forma, não há bactéria que resista.

No dia seguinte, a carcaça é dividida em 3 partes: dianteiro, ponta de agulha e traseiro. Esta última é a mais valiosa e saborosa. É a carne nobre.

Numa temperatura ambiente de 10°C a carne é desossada. As peças são separadas e cortadas de acordo com o gosto e pedido dos consumidores.

Entrevista com Arlindo Cunha, supervisor da desossa: De acordo com as exigências do comprador, é embalado em saco. Depois de embalado o saco na mesa, vem para a máquina e é fechado o saco. Como você está vendo aqui. E depois vem para cima da mesa, põe na caixa, e na caixa, fecha a caixa e vai para o congelamento ou maturação.

repórter: Uma mesma peça pode ter vários tipos de corte?

Arlindo: Pode. O traseiro é dividido em 7 cortes. Entendeu? É dividido de acordo com o freguês. Ele compra o alcatra especial, que e uma embalagem diferente, ele compra o coxão mole, também numa embalagem diferente, entendeu, tudo separado. E o contrafilé especial também é um freguês. Os cortes traseiros, o coxão mole, coxão duro, patinho, um outro freguês. Desossamos também. Fizemos o alcatra divididos, o contrafilé e o filé mignon para um cliente. E um traseiro inteiro, que vai uma bola, né, que nós chamamos aqui, também que é uma peça inteira para um determinado comprador.

repórter : A última etapa do processo é a maturação. Depois de fechada a vácuo e guardada em caixas prontas para entrega, a carne ainda é estocada por vários dias em outra câmara fria, a 0°C.

Entrevista com Nils Mírio Mello, gerente do frigorífico : Essa câmara é uma câmara de maturação, onde ele sofre um processo, digamos assim, de amaciamento natural, ou seja, o padrão internacional de maturação é de 21 dias à temperatura de 0° C, onde a carne embalada a vácuo, ela inibe a ação normal daquelas enzimas que, em condições anormais, iriam decompor a carne. Então, em lugar de atuar para decomposição, as enzimas ficam atuando como amaciantes da carne, dando depois deste período um odor característico, um sabor muito acentuado, muito bom na carne, com uma maciez absoluta. No mercado brasileiro hoje já está havendo, criando-se um hábito de consumir carne maturada, enquanto no mercado externo, Mercado Comum Europeu, Estados Unidos, já é normal. Todas as casas especializadas de carne, não estou falando de açougues, vendem só carne maturada.

repórter: O senhor acredita que os açougues vão acabar, daqui a algum tempo?

Nils : Eles, não digo que vão acabar, eles vão ter que mudar a sistemática de trabalho para uma coisa de melhor nível. Deixar de ser açougue, para passar a ser uma casa de carnes especializada, onde eles mesmos vão ser controladores da qualidade do produto.

PROGRAMA 383 - 17.10.94

Incêndio/Fazenda

Locutor: A seca prolongada ainda traz prejuízos aos produtores. Uma queimada no início da semana, destruiu pastagens, reservas nativas e pequenas plantações em Campo Grande. O fogo começou no último domingo e durou quatro dias.

V.T.- repórter: De longe era possível avistar a enorme cortina de fumaça. O fogo foi cruel. Destruiu pastagens, reservas nativas e pequenas plantações. Na região onde a maioria é de pequenos produtores rurais, o prejuízo ainda não foi calculado. O pasto seco e o vento contribuíram para espalhar as chamas. Em alguns lugares, as labaredas atingiram 3 metros de altura. Na chácara São Luis, o criador de frangos teve sorte: um lote de 28.000 pintinhos para engorda não chegou na data marcada. O calor poderia ter queimado todo o investimento. O prejuízo é de quanto, mais ou menos?

Entrevista com Orseni da Silva, produtor rural: Ô, se tivesse pintinho tudo aí nos aviários, era 9 mil real, o preço dos pintinhos, porque tinha matado tudo, a fumaça, não o fogo. A fumaça, né. Porque é muito frágil. Os pintinhos não agüenta.

repórter: Já na chácara 2B, ainda no início da semana a imagem era essa: bombeiros e produtores tentavam controlar o incêndio. O fogo chegou bem próximo da casa. Dois dias depois era possível registrar o tamanho do prejuízo. Palanques e lascas de aroeira foram queimados. O fogo foi mais rápido e o maquinário agrícola foi destruído. A paisagem é de um grande deserto negro tomado pelas cinzas.

Para a engenheira florestal Mara Pereira serão necessários muitos anos para o meio ambiente se refazer. Ela faz parte de uma equipe de profissionais do setor que estavam desenvolvendo um projeto para uma unidade de conservação na chácara 2B.

O que se perde numa chácara como esta, numa propriedade, nesta pequena propriedade aqui?

Entrevista com Mara Pereira, engenheira florestal: Você perde, além da vegetação e das espécies que estavam plantadas, você perde nutrientes, né, que são eliminados através de gases, você perde a fauna, que é afugentada, você perde o micro-clima que existia, que estava fazendo parte deste local.

Repórter: A terra perde muito também?

Mara: a terra perde nutrientes.

Repórter: Vocês têm um projeto aqui para reflorestamento desta área. Como fica esse projeto?

Mara: Ele vai ter que começar do nada.

Repórter: O projeto de unidade de conservação começou há pouco mais de um mês. A idéia é transformar a chácara em local de educação ambiental para crianças. O projeto de unidade de conservação da chácara 2B fica atrasado em mais de um ano. O incêndio destruiu praticamente toda a reserva nativa dos 30 h. da propriedade. Além do projeto de unidade de conservação, o plano de educação ambiental para alunos de 1º grau de escolas públicas e particulares também fica prejudicado.

Mas nem tudo ficou perdido. O viveiro, onde já estão centenas de mudas de erva mate para reflorestamento não foi atingido pelo fogo.

Mara: Além da erva mate serão produzida mudas de essências nativas do serrado, frutíferas do serrado e essências de mata ciliar ou mata de galeria.

Repórter: Estas mudas serão comercializadas?

Mara: Todas serão comercializadas.

Locutor: É uma pena, né pessoal, mas não se sabe a causa do acidente. Os pequenos produtores da região acreditam que o fogo tenha começado próximo da rodovia, provocado por alguma ponta de cigarro.

Minhocas/Presídio

Locutor: A produção do nosso programa recebeu a carta enviada pelo Sr. Paulo Sérgio Gonçalves, um pescador aqui de Campo Grande, interessado em criar minhocas do tipo minhocuçu. A Lígia foi verificar a possibilidade desta criação e vai responder às dúvidas do Sr. Paulo.

Repórter: Olha, Sr. Paulo Sérgio, os cientistas da USP - Universidade de São Paulo- vêm tentando há dez anos criar o Minhocuçu fora do seu habitat de origem e estão chegando à conclusão de que isso é praticamente impossível. A explicação dos biólogos é a densidade populacional. Esta minhoca não consegue se reproduzir dentro de um espaço delimitado. Várias tentativas também foram feitas em outras universidades de outros estados, como em Goiás e Minas. Todas frustradas. Por isso, como o maior problema do senhor

é o alto custo do minhocucu, atualmente a dúzia chega a R\$18,00, há uma possibilidade de se fazer economia com o que sobre a pescaria. É que este tipo de minhoca consegue sobreviver por quase um ano se for guardada dentro de saquinhos como este. E quem vai nos explicar o que fazer é o senhor Wilson de Oliveira, que comercializa o minhocucu há mais de 5 anos. Se que forma esta minhoca pode ser guardada por tanto tempo assim?

Entrevista com Wilson de Oliveira, vendedor de iscas: O sistema de hibernação desta minhoca é, ela sai da terra, de uma profundidade de 60 a 80 cm, que é arrancado nos meses de maio, abril e junho, que é a melhor época de adquirir esta minhoca. Ela vai para sistema de hibernamento. Esta minhoca, quando ela sai do sistema já grande, bem grossa, esse sistema dela, bem grande, a gente leva ela para estas panelas de barro, que ela vai ser colocada na panela de barro, dentro de um saquinho com qualquer tecido.

Repórter: E daí, o que acontece aqui dentro?

Wilson: Este saquinho, ela vai entrar em sistema de hibernação. Ela vai ficar de 8 meses a 1 ano sem alimentar. Ela passa a ficar uma minhoca super fina.

Repórter: Ela perde a água?

Wilson: Ela perde a água. Ela desidrata. Ela entra em sistema de hibernação, que no caso aqui tem uma que está hibernada, a grossura que ela fica, fininha, fininha comparado com a outra minhoca dessa aqui, ó. É a mesma minhoca. Sistema de 6 a 8 meses ela passa a ficar com esta grossura aqui.

Repórter: E esta casca que se forma sobre as minhocas?

Wilson: Esta casca que se forma sobre as minhocas é uma proteção dela mesmo, uma espécie de um casulo, uma teia que ela dá em volta. Então ela vai criando esta teia aqui, um casulo, igual o bicho da seda também tem um casulo, né. Isto é uma proteção dela, neste sistema de hibernamento, para ela agüentar de 6 a 8 meses, talvez até um ano, ela chegaria a agüentar aqui. E prá voltar ao normal, quer dizer, nós retiramos o casulo aqui agora, ela vai para a panela de barro e vai ser reidratada, com água e soro.

Repórter: E durante este tempo que a minhoca fica dentro do saquinho guardada, que cuidados se deve ter com o ambiente, umidade do ar, o que precisa fazer?

Wilson: Não. Ela tem que se manter num lugar fresco, bem úmido, dentro do saco, na panela de barro. Ela tem que ficar normal, cada 5 dias você umedece o saquinho e a panela tem que estar úmida, para ela não resseca e não morrer.

Repórter: Mas não pode encharcar?

Wilson: Não, se encharcar ela reidrata e passa a ficar uma minhoca normal grande, né?

Repórter: Ela também não se reproduz aqui dentro?

Wilson: Jamais se reproduz. Nós aqui, nós temos 5 anos que comercializamos esta minhoca, eu tentei de todas as maneiras procriá-la. Trouxe inclusive a terra da própria região. Fiz o próprio PH da terra e não conseguimos criar nada, junto com biólogos, inclusive da Universidade aqui, nós não conseguimos a ponto algum.

Repórter: Agora, senhor Paulo, se o senhor realmente deseja criar minhocas para pesca, a nossa sugestão é essa aqui: a minhoca vermelha da Califórnia. Ela foi introduzida aqui no Estado há uns dois anos e tem se adaptado bem ao nosso clima. Um dos maiores minhocários desta espécie fica aqui no Instituto Penal de Campo Grande. Em apenas 560 m², o presídio mantém uma horta com vários tipos de legumes e verduras, onde trabalham 7 internos, uma mini-granja, com 180 galinha para a produção de ovos e frangos, que utiliza a mão de obra de outros 2 presidiários, e o minhocário- uma criação não muito comum - mas que vem dando excelentes resultados.

Foram feitos seis canteiros de 8 m cada, onde existem aproximadamente 500 mil minhocas. Um plantel que começou com 1.200 unidades. A maior diferença entre a minhoca comum e a vermelha da Califórnia é o tempo de vida. Enquanto as outras duram uma média de 3 anos, esta aqui chega aos 16 anos de vida. O comprimento não é muito. Pode atingir 28 cm, mas são ideais para a pescaria. Os criadores as consideram dóceis. No presídio, 4 pessoas cuidam do minhocário, que também traz lucros. Além da venda de matrizes, o húmus produzido nos cativeiros é comercializado. A cada 45 dias se tira daqui uma tonelada e meia deste adubo natural.

Entrevista com Wanderley Cavalaro, interno responsável pelo minhocário: A gente peneira elas num tripé, onde nós peneiramos e ensacamos para revendo ao consumidor.

Repórter: E nesta peneiração, o húmus que cai embaixo, ele vai para revenda, para onde vai este húmus?

Wanderley: Bom, normalmente vai para jardinagem, quem faz jardinagem, floriculturas, quem tem campo de futebol que esteja precisando um

pouquinho de esterco, a gente aconselha até colocar o húmus, que é barato também, não é tão mais caro que o esterco.

Repórter: E o húmus que fica na peneira junto com a minhoca?

Wanderley: Este volta de novo para o canteiro porque a gente faz o aproveitamento de tudo.

Repórter: O dinheiro arrecadado com o minhocário é utilizado na manutenção do presídio, da granja, e já foi suficiente para montar uma fábrica de sabão e outra de vassoura que funcionam dentro do Instituto Penal. Para quem tem interesse neste tipo de criação, deve observar alguns cuidados:

Wanderley: Inicialmente tem que se fazer um canteiro de 1 metro por 1,5m, acondicionar o estrume, jogar água de manhã e à tarde, até conseguir a fermentação necessária. Aí sim coloca as minhocas vermelhas da Califórnia. E aí todo dia pela manhã e à tarde não deixar de aguar, porque elas dependem muito da umidade.

Repórter: Não precisa de terra? Ela sobrevive só com esterco?

Wanderley: Com esterco e folhas, casca de batatinha, pó de café, folha de bananeira, tudo o que for de fácil decomposição. A gente tem um solo muito agressivo aqui. Então, como agente não tem nada, nem um tipo de cobertura, tá, a gente deixa ela mais à vontade, mas a gente trabalha muito com as mãos com ela.

Repórter: E na temporada de chuvas, também é necessário esta irrigação?

Wanderley: Aí é necessário cuidar para não ter muita água. Aí a gente tem umas saídas, tipo uns buraquinhos, prá infiltração da água. E a minhoca não sai, tá, só si realmente a água.

Repórter: E como é que funciona esta saída aí?

Wanderley: Bom ela tanto funciona prá chuva como também pelo excesso de água que a gente pode adicionar durante o dia. É um suspiro. Ela funciona como um suspiro.

Repórter: De quanto em quanto tempo é preciso trocar o esterco das minhocas?

Wanderley: Bom, a cada 45 dias, entre 45 e 50 dias a gente troca este esterco. Mas há necessidade da continuação do canteiro, porque normalmente você vai ter o dobro de minhocas do que você teria no início, ou ovos, casulos e mais algumas coisinhas. Então você teria que colocar mais 1,5m ou 2m. Você vai aumentando o seu canteiro. É progressiva a coisa né. Aí você tira

este adubo já, já é um adubo natural, o húmus, e já coloca um outro, mas o outro canteiro já tem que estar acondicionado, porque as próprias minhocas mudam, elas mudam de lugar.

Repórter: Mas antes de se retirar este húmus é preciso coletar todas as minhocas?

Wanderley; Bom, é necessário que dê uma mãozinha. É, a gente ajuda. Tudo é serviço manual da gente aqui. Tirar as minhocas e passar para outro canteiro, mas elas vão também sozinhas, porque aonde tem comida elas estão indo.

Repórter: E sobre a reprodução desta minhocas. É preciso algum cuidado especial?

Wanderley: Bom, a gente tem que ter muito cuidado, porque ela, para se reproduzir, ela tem que estar em contato com uma outra minhoca. Muitas vezes a gente parte elas, vai passar uma enxada, então ela partida assim, elas não morrem, nem um dos dois lados morre, só que elas não se reproduzem mais, elas só trabalham. Ficam operárias do mesmo jeito, só que não reproduzem.

Repórter: Existe uma maneira de se diferenciar uma minhoca que ainda pode se reproduzir de uma não fértil?

Wanderley: É, existe. Ela tem esses anéis aqui de reprodução aonde saem os óvulos.

Repórter: É na parte de baixo dela?

Wanderley: Na parte de baixo dá para se ver os anezinhos de reprodução. São duas garras.

Repórter: São essas bolinhas brancas?

Wanderley: Justo. São essas bolinhas que se diferenciam dela porque ela é vermelha, totalmente vermelha, e aqui em baixo você pode ver que esses anéis são brancos.

Locutor: Bom, se alguém quer mais informações sobre a minhocultura é só ligar para o

Wanderley. O Instituto Penal de Campo Grande tem uma cartilha com todas as explicações. O telefone é 741.1530.

PROGRAMA 384 DE 24.10.94**Beefalo/Cruza**

Locutor: O cruzamento do gado pantaneiro com o Beefalo. Um produtor da região de Nhecolândia foi um dos primeiros criadores a fazer esta experiência no Estado. Na época o investimento com a importação dos animais foi de quinhentos mil dólares.

V.T. Repórter: O animal fora do seu habitat natural confirmou as qualidades de rusticidade, precocidade e se apresenta altamente prolífero. Do plantel inicial de 105 animais, foram feitas transferência de embriões e hoje a fazenda Junqueira já possui 300 animais puros. O programa está agora na segunda fase, a de inseminação do sêmen de Beefalo no gado pantaneiro. Uma forma de acelerar os resultados com o Beefalo para a monta no Pantanal. Já está provado que a capacidade de monta do touro Nelore é de 1 para 15 vacas e a do Beefalo é de 1 para 40 vacas.

Este ano foram inseminadas 800 vacas aneloras com o sêmen do Nelore Mocho, Canxim e Beefalo. Desse total, o índice de prenhez produtiva foi de 65%. Um índice considerado muito bom para o Pantanal, já que o principal objetivo dessa experiência é avaliar o desempenho e as aptidões destes cruzamentos em regime de Pantanal. O Beefalo até agora é o que apresentou melhor resultado do peso médio ao nascer até a desmama. É importante destacar que todos os bezerros estão sendo criados num mesmo regime de pasto.

Nesse período, o Nelore Mocho meio sangue registrou um peso médio de 25,050kg. A cruza Canxim 27 kg e o meio sangue Beefalo, 28 kg. Esse trabalho de avaliação do meio sangue Beefalo é acompanhado de perto por um técnico na fazenda São Paulo. Como é que o meio sangue Beefalo vem se comportando no Pantanal?

Entrevista com Douglas Conegundes, veterinário: Bom, os animais meio sangue Beefalo vêm se adaptando muito bem ao Pantanal em relação ao calor que exige demais do animal, que pro animal europeu. Mas tem tido ótimos resultados aqui.

Repórter: O Beefalo precisa receber algum tratamento diferenciado, algum tratamento especial no Pantanal?

Douglas: Não, negativo. Os animais meio sangue Beefalo, ela recebe o mesmo tratamento que os outros animais cruzados, como o Canxim e o Nelore.

Repórter: Hoje a família Junqueira tem 20.000 doses de sêmen de Beefalo estocadas em Campo Grande e outros produtores de diferentes regiões do País já estão fazendo experiências com a raça. E o sêmen já está sendo vendido a preço de mercado na capital. Para o produtor Rogério Junqueira, o programa Beefalo vem superando todas as expectativas.

Entrevista com Rogério Junqueira, produtor: O Beefalo vai trazer respostas diretas ao produtor. Ele é de muito boa carcaça, muito precoce e bem rústico. E com isso acreditamos que o criador vá se sentir bem satisfeito com o Beefalo.

Temporada/Pesca

Locutor: Faltam poucos dias para terminar a temporada de pesca no Mato Grosso do Sul. Foram praticamente oito meses de muito movimento nos rios do Estado. Nesse final de pescaria, o trabalho da polícia florestal está redobrado.

V.T. Repórter: Quando os primeiros raios do sol refletem nas águas do rio Paraguai, os pescadores dão início a um vagaroso movimento nas trilhas do camalote. De longe eles parecem pequenos riscos nas águas. Há dezenas de anos esse ritual tranqüilo se repete. Um pescador mostra orgulhoso o pintado que certamente será vendido no mercado.

Mas o barulho do barco a motor incomoda até os pássaros. Neste final de temporada de pesca é grande o número de turistas e pescadores amadores nas águas do rio Paraguai. Eles querem aproveitar ao máximo a temporada. A previsão é que mais de 100 mil pessoas tenham vindo ao Mato Grosso do Sul em busca de peixe para o comércio ou por simples lazer.

Esse grupo, por exemplo, é de São Paulo. Desde 1985 eles vêm todos os anos para Corumbá, para a temporada de pesca. E o que mudou neste período todo, todos os anos que você vem para cá?

Entrevista com Jair Medeiros, engenheiro civil: O peixe diminuiu, a estrutura melhorou. Antes era mais difícil achar um piloteiro, mais difícil achar um barco, e hoje se tem mais facilidade.

Repórter: O grupo garante que o pescado este ano quase não apareceu e apesar dos gastos o lazer ainda compensa. Quais os gastos para uma atividade como esta?

Entrevista com João Miguel Garcia, médico: São grandes, posso garantir que são grandes.

Repórter: Quanto você gasta mais ou menos, em média, por dia?

João: Por dia? Tenho a impressão de que por dia não fica por menos de 50 reais por pessoa. No mínimo, né?

Repórter: Mas compensa?

João: Compensa. A gente faz poucas vezes por ano. Alguns fazem apenas uma vez por ano. Então faz uma poupança, né, e garante alguns dias aqui de tranqüilidade, lazer, e tal.

Repórter: No acampamento improvisado só para o almoço, o piloto tem papel fundamental. Há 16 anos trabalhando com isso dá para render um bom dinheiro?

Entrevista com Valdir Nascimento, piloto: Dá sim, Ich, demais.

Repórter: Quanto você ganha numa temporada, mais ou menos?

Valdir: Uma base de 800, depende da gratificação que a gente ganha.

Repórter: Pode chegar a mais?

Valdir: Pode chegar a mais.

Repórter: E fora da temporada, o que você faz?

Valdir: Tem que caçar uma firma, né? Ganhar salário mínimo, né?

Repórter: O salário baixa bem?

Valdir: Viche: 200%. Baixa bem o salário. Demais.

Repórter: Às margens do rio, a quantidade de lanchas ancoradas é um retrato do movimento. Peixe fora do tamanho tem que ser devolvido.. Para pescador profissional, a venda de isca é mais uma fonte de renda. Em barracas improvisadas, eles garantem trabalho durante a temporada. Agora se preparam para arrumar outra atividade. Se um trabalho para uns está no fim, para outros é o início de uma nova temporada. Nesse período do ano, a fiscalização da polícia florestal é mais intensa.

Duzentos homens fazem o patrulhamento dos rios do Estado. Com o fim da temporada da pesca, que está prevista para o início de novembro, a fiscalização fica mais rigorosa. O número de material apreendido praticamente dobra. Muitos pescadores perdem até equipamentos

importados. Mas é aqui a Polícia Florestal que turistas e pescadores deixam pequenas fortunas em material apreendido irregularmente pela Polícia Florestal. Uma rede como esta chega a custar 3.000 reais, dependendo do tamanho. Mas as apreensões não param por aí.

Aquela sala, por exemplo, está lotada de material apreendido. São caixas de isopor, motores, gaiolas, varas e molinetes. Alguns chegam a custar mais de 300 reais. No serviço de pesagem e lacre, o trabalho também aumenta e agora a Polícia Florestal está de olho nos frigoríficos do Estado.

Entrevista com o tenente Cláudio Rosa, da Polícia Florestal: Todos os frigoríficos e peixarias têm o estoque registrado aqui na Polícia Florestal. Certo? E agora com a piracema, nós vamos fazer o estoque, eles vão declarar o estoque deles e a partir disso aí é aquilo que eles têm que ter até a reabertura da pesca.

PROGRAMA 385, DE 31.10.94

Hospital/Fazenda

Locutor: A agropecuária foi a alternativa encontrada por um Hospital de Campo Grande para diminuir os custos com a alimentação. O trabalho ainda está no início e a idéia é ampliar a produção.

V.T. Repórter: Nesta propriedade de quase 200 hectares, a atividade rural é diversificada. Há produção de leite, de carne bovina e suína, piscicultura e agricultura. Pode até não parecer, mas estas imagens que vocês acabaram de ver não são de uma fazenda comum. Na realidade tudo isso fica aqui dentro do complexo do Hospital São Julião, um estabelecimento de saúde auto suficiente na produção de alimentos.

Aqui a natureza foi preservada. O hospital, construído em vários bloco, divide espaço com as árvores. Logo na entrada há um corredor de eucaliptos e pinheiros, com mais de 1 km de extensão. Lá dentro uma das tecnologias mais avançadas do mundo está a serviço do tratamento de hanseníase e de outras doenças da pele. O São Julião é considerado o centro de referência pelo Ministério da Saúde e agora se destaca também na agropecuária.

O gado holandês mestiço ocupa 60 ha da fazenda. São 55 fêmeas produtoras de leite e 25 machos para abate num regime de semi confinamento, com

rodízio de pastagens. São 9 pastos e a suplementação alimentar só é feita no período da seca, quando são usados silagem de milho e grãos.

O trabalho é levado tão a sério que o hospital chegou a se inscrever no Programa do Novilho Precoce.

Entrevista com Denise Mancini, responsável técnica: Nós temos tentado usar todas as tecnologias que conhecemos em prol do hospital. Prá isso nós sabemos que podemos fazer um animal de 15 arrobas num tempo de 2 anos, com os animais que temos. Só que, muitas vezes, na época que eles estão prontos para o abate, o hospital ainda tem estoque de carne no seu freezer. Então para não perdermos estas vantagens técnicas, inscrevemos no Novilho Precoce, que nos possibilitaria a direcionar estes animais num tempo hábil, revertendo algum dinheiro para o hospital.

Repórter: Já vai ser possível, a partir do próximo ano, participar do Programa?

Denise: Acreditamos que sim. Para essa época já teremos animais nessa idade, nesse peso.

Repórter: Na leiteria a previsão para os próximos meses é a de um superávit. A produção diária deve passar de 300 para 450 litros de leite.

O leite produzido aqui não sustenta apenas os pacientes do hospital. Ele mantém em funcionamento o resto da fazenda. É que com esta produção, o hospital não precisa comprar diariamente 300 litros de leite e a economia feita é suficiente para pagar os gastos com mão de obra, insumos e medicamentos dos outros setores da fazenda.

Na suinocultura, a produção ainda muito rústica, é de 20 leitões a cada 2 meses. O plantel é de 50 suínos, da cruz Landrace com Laje White. Este setor será ampliado no próximo ano. Vai ser construído um novo pavilhão, para abrigar 12 matrizes F1 Landrace, que o hospital recebeu como doação.

A existência de algumas minas d'água dentro da propriedade facilitou o projeto da piscicultura. Foram construídos três tanques. O maior ocupa meio hectare do terreno. Na água há 5.000 peixes das espécies pacu e piauçu, que garantem um importante complemento alimentar para os pacientes do hospital.

Todos os dias, quando o seu José Pedro chega com a refeição, os peixes fazem um verdadeiro balé aquático. Que tipo de alimentação os peixes recebem?

Entrevista com Alexandre Ferraz, engenheiro de pesca: Bem, eles recebem uma dieta, vamos dizer assim, variada, uma parte de alimentação é constituída de ração balanceada, metade da alimentação deles é de grãos, ou seja, soja e milho já pré-fermentado para facilitar a ingestão e a digestão, e digamos, o outro $\frac{1}{4}$ de alimentação seria constituído de sobras de hortaliças, sobras do pomar, etc.

Repórter: Qual o objetivo destes jatos d'água permanentes sobre o tanque de piscicultura?

Alexandre: Bom, este ano foi um pouco atípico para a piscicultura. Nós tivemos uma estiagem muito grande, né, e aqui nos tanques do hospital, nós tivemos esse problema de uma queda de oxigenação, de oxigênio nos tanques. Então os peixes estavam começando a sentir problemas, né, na parte da manhã, cedo, eles começaram a ficar na superfície da água, né, sinal de que a água estava com teor de oxigênio mais baixo. Então isso foi a maneira encontrada pelo pessoal do hospital para sanar este problema, esta situação de falta de oxigênio.

Repórter: e tudo isso é suficiente?

Alexandre: Nós estamos, nós cremos que sim porque os peixes estão crescendo bem.

Repórter: Tão bem que depois de um ano foi retirada daqui uma tonelada e meia de peixe. A média de peso foi de 1,300kg por unidade.

Na agricultura, o plantio começa nos próximos dias e a horta fornece todos os legumes e verduras usadas na alimentação de funcionários e internos do hospital.

Nesta outra área de 1 hectare e meio está nascendo um novo projeto: o de um pomar. Mas o plantio só vai começar quando houver dinheiro.

Denise: Não existe um orçamento direcionado para a parte de agropecuária. A gente tenta fabricar, moldar este orçamento dentro do que seria direcionado para a alimentação. Então uma verba pequena a gente tenta desdobrá-la.

Leilão/Modernidade

Locutor: A tecnologia está avançando em todos os setores da produção rural. Aqui em Mato Grosso do Sul, a pecuária é um exemplo dessa modernidade.

Os leilões de gado acontecem diariamente e até pela TV é possível fazer negócio.

V.T. - Repórter: Caminhões que chegam de diversos municípios do Estado. Na carga, uma moeda viva que está valendo peso de ouro. Dia de leilão é assim. O gado se agita no mangueiro, e mesmo antes da entrada na pista os compradores já dão as primeiras olhadas.

À noite, o leiloeiro chama a atenção para os lotes. Na compra e venda, os leilões ainda são a forma mais segura, mais rápida e representam uma boa opção de negócio. Só em Campo Grande acontecem uma média de 10 leilões por semana. São mais de 13.500 cabeças de gado comercializadas num período de 5 dias. Este comércio, depois do real, aumentou em 150%, mesmo com a estiagem prolongada.

Comparado a outros anos, este pode-se considerar o melhor ano de comercialização de gado?

Entrevista com Cláudio Godoy, dono de leiloeira: Sem dúvida alguma, se comprarmos o boi com os anos anteriores, sem dúvida alguma. Este ano o mercado tem se comportado perfeitamente.

Repórter: Mesmo com a nova moeda não teve problema?

Cláudio: Não, a liquidez continua ótima. Não temos tido problema nenhum.

Repórter: Os compradores são de vários estados e até de países vizinhos. Afinal, Mato Grosso do Sul tem hoje o maior rebanho comercial do País. Todas as noites, as leiloarias trazem para o mercado o que há de melhor em gado de corte. Na relação dos lotes, a avaliação das raças agrada aos produtores.

Entrevista com Olímpio Rossetti, produtor rural: Sem dúvida é a forma de comercialização moderna. Na Argentina é a forma utilizada tanto para o magro como para o boi gordo. Eu creio que no Brasil, além de , prá fazer, o leilão, além de ser bom para gado de cria, gado magro, devemos estabelecer, iniciar também, o leilão de gado gordo numa praça como Campo Grande.

Repórter: As inovações do setor não param de acontecer. No mês passado, um leilão em Campo Grande transmitiu o evento via TV a cabo para todo o Brasil.

Nesse entra e sai de gado, a tecnologia acompanha e quem acaba ganhando é o produtor na hora de comprar ou vender. Uma empresa leiloeira investiu

ainda mais na mídia. Os leilões vão acontecer em Campo Grande durante a programação local de TV.

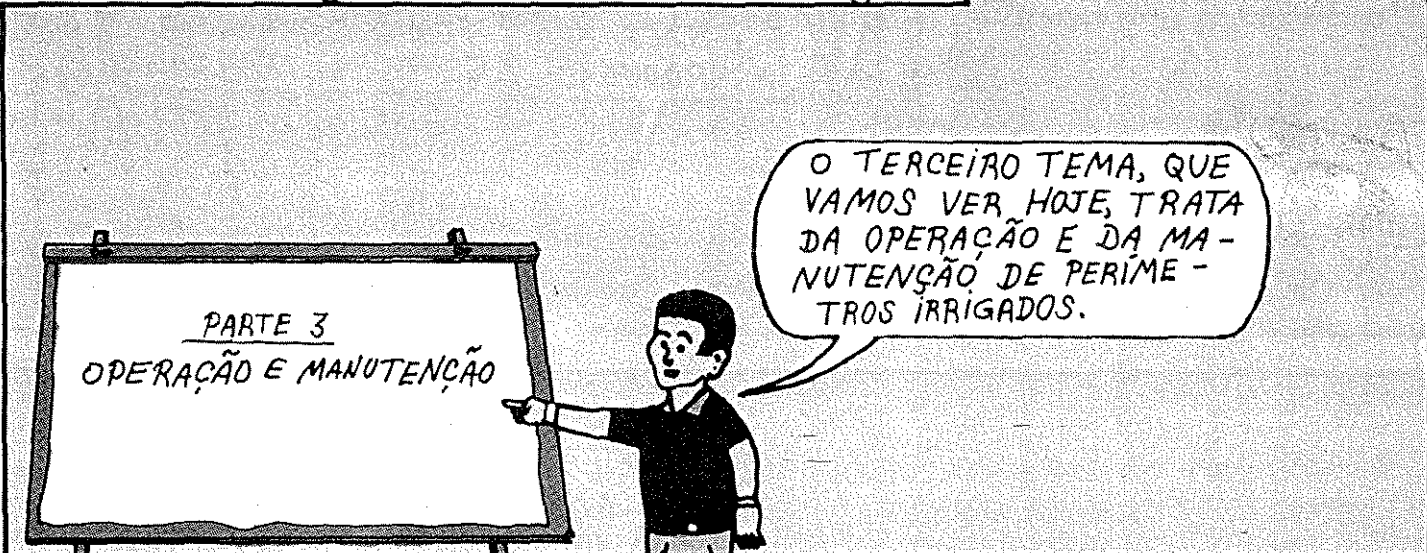
Entrevista com Leonardo de Barros, diretor de leiloeira: Vai ter de um lado o vendedor, que vai ter o seu gado, filmado na fazenda, ele vai ter esta facilidade. Ele não vai ter o gado dele sofrendo um stress de manejo, não vai precisar locomover este gado e ter um gasto que hoje é muito relevante, que é o gasto que o sujeito tem de transporte deste gado, né. E na outra ponta, você tem o comprador, que está sentado na sua poltrona, dentro da sua casa, no seu domingo. E vai ter aquela oferta de bovinos, vindo entrar dentro de sua casa.

Locutor: Pois é pessoal. Não é brincadeira, não né? Quase 5.000 cabeças comercializadas por dia. E agora o pecuarista do nosso Estado, além dos leilões realizados durante a semana, vai ter mais uma opção. A partir de agora vai poder comprar, realizar seus negócios, sem sair de casa. Domingo pela manhã. Parece que vai valer a pena conferir. Por hoje é só. Tenham todos um bom domingo e até a semana que vem.

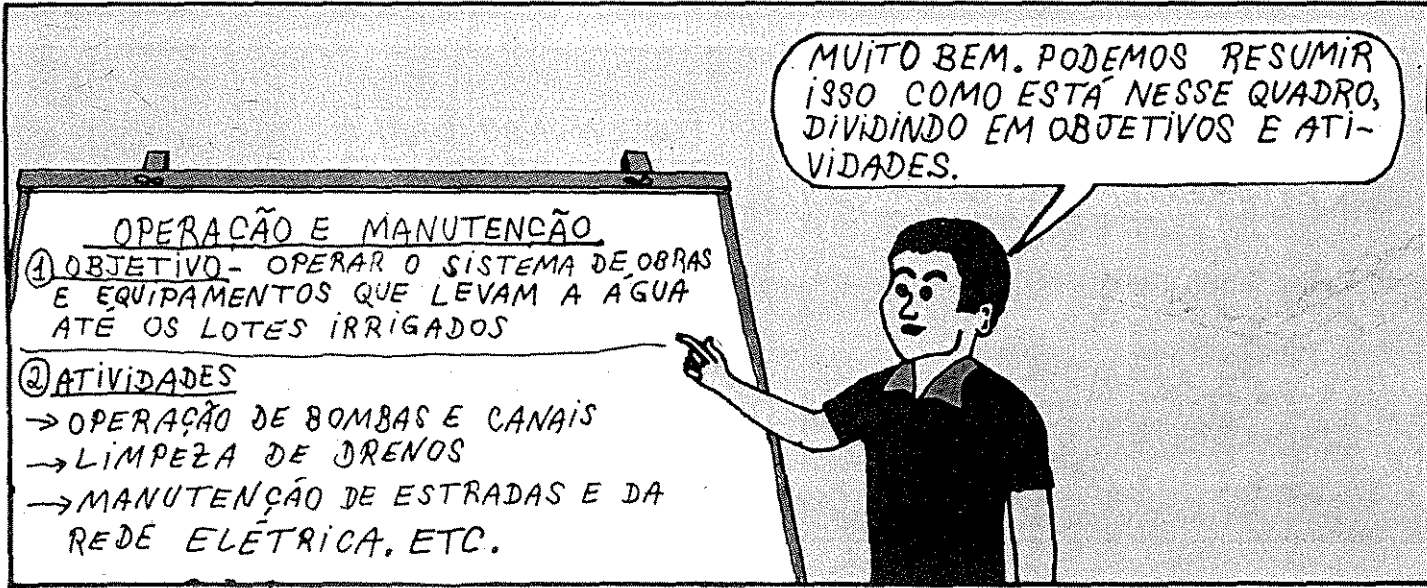
ANEXO 4- CÓPIAS XEROGRÁFICAS DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS.

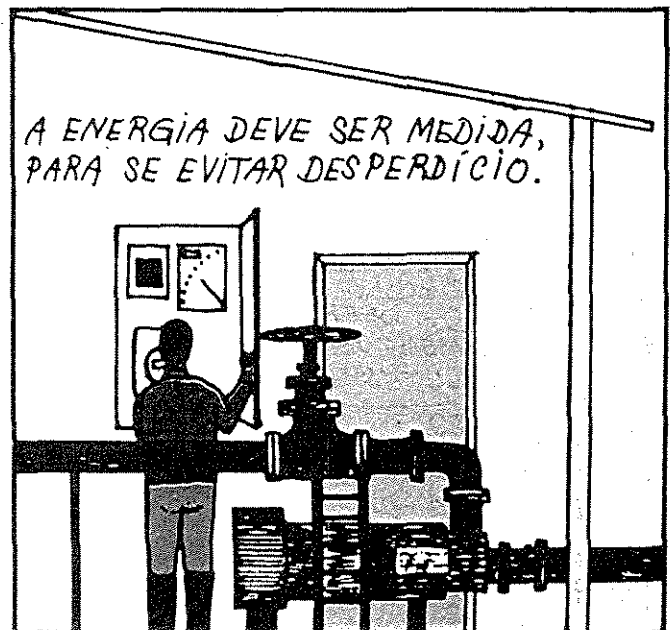
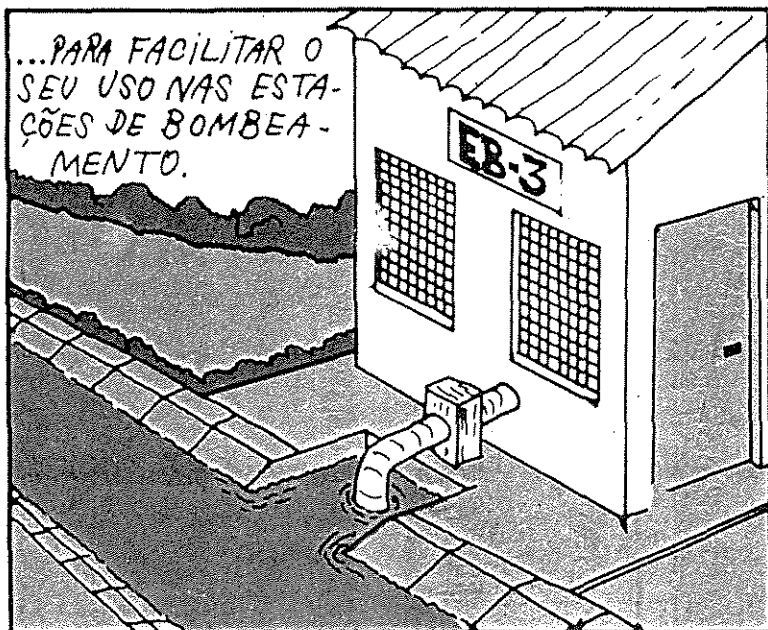
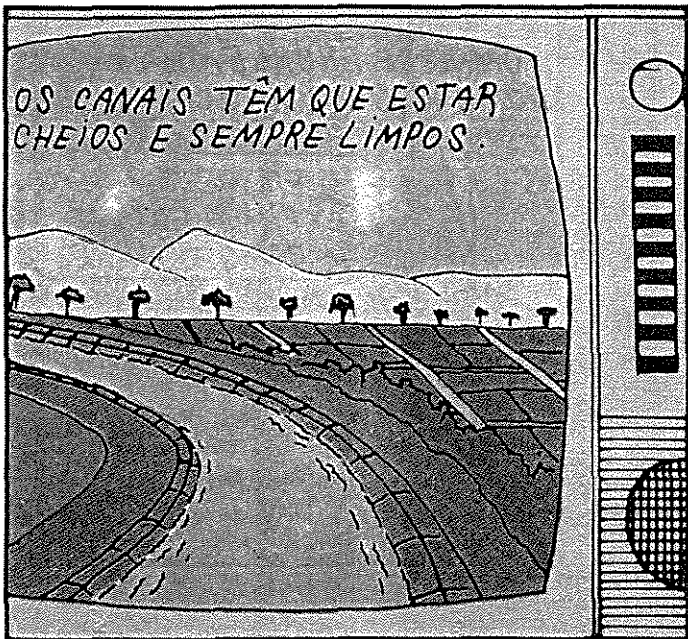
As páginas que se seguem foram xerocopiadas de uma revista de história em quadrinhos, lançada pelo governo da Paraíba, em 1994. Intitulada: Gestão de áreas irrigadas, guia ilustrado para produtores rurais, a revista é produzida pelo Projeto Cooperar - Coordenadoria do Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural - ligada à Secretaria de Planejamento do governo da Paraíba. As páginas copiadas se referem à utilização da TV como suporte para as informações que estão sendo prestadas pelos técnicos aos pequenos produtores rurais. A título de ilustração, colocamos este anexo para enriquecer as reflexões sobre a importância da TV como veículo de informação, serviço e educação do público rural. A observar que, embora o veículo aqui utilizado seja impresso - história em quadrinhos- há a consciência da necessidade do uso da imagem em movimento, da TV, como legitimadora e formadora de opinião.

3. OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO

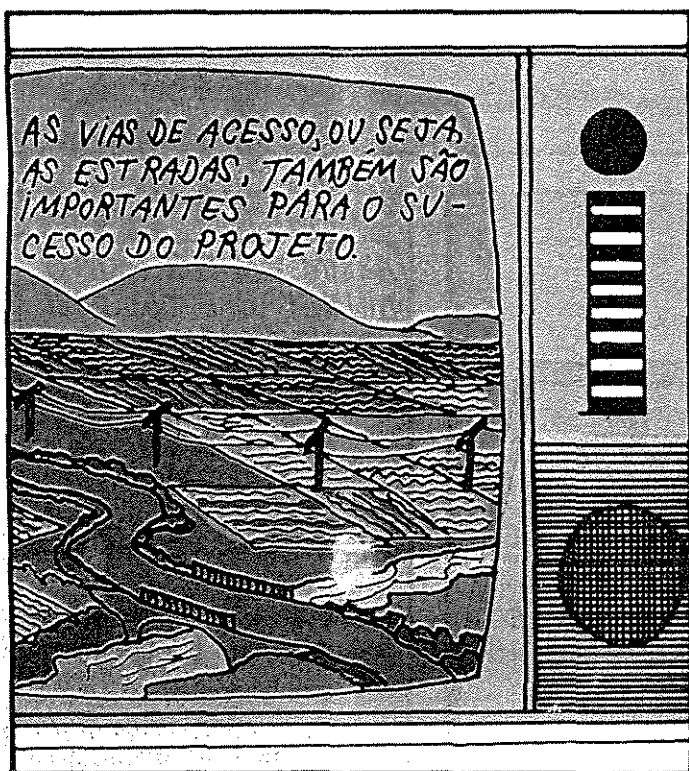


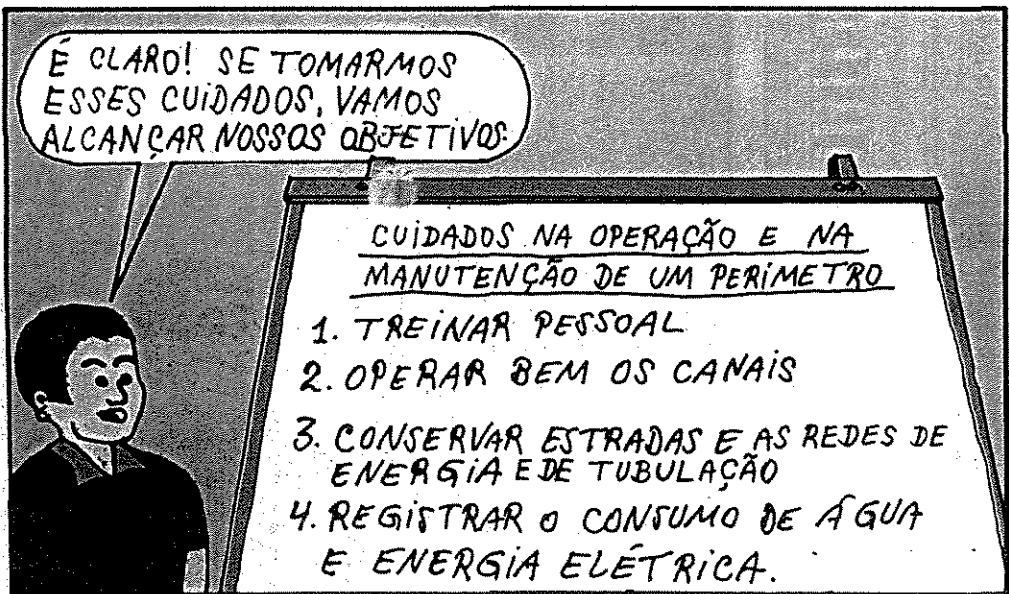
O TERCEIRO TEMA, QUE VAMOS VER HOJE, TRATA DA OPERAÇÃO E DA MANUTENÇÃO DE PERÍMETROS IRRIGADOS.











5. ASSISTÊNCIA TÉCNICA

BOM DIA, COMPANHEIROS. HOJE NÓS VAMOS DISCUTIR O NOSSO QUINTO TEMA, A ASSISTÊNCIA TÉCNICA.



AH, ISSO É MUITO IMPORTANTE!



É IMPORTANTE PORQUE AJUDA A AUMENTAR A PRODUÇÃO.



AQUI ESTÃO O OBJETIVO E AS ATIVIDADES DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

1. OBJETIVO - AUMENTAR A PRODUÇÃO E A PRODUTIVIDADE.
2. ATIVIDADES
 - ESCOLHA DO MÉTODO DE IRRIGAÇÃO
 - PREPARO DO SOLO
 - SEMEADURA / PLANTIO
 - TRATOS CULTURAIS E FITOSSANITÁRIOS
 - COLHEITA, ARMAZENAMENTO E VENDA



SE GARANTIRMOS UMA BOA ASSISTÊNCIA TÉCNICA, A PRODUÇÃO SERÁ MAIOR E DE MELHOR QUALIDADE, O QUE AUMENTA A RENDA.



QUEM DEVE PRESTAR ESSA ASSISTÊNCIA?

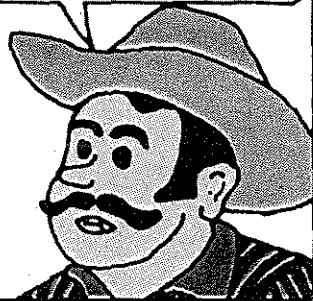
TEMOS QUE VER QUANTO ISSO VAI CUSTAR PRA NÓS!



PRIMEIRO, A ASSOCIAÇÃO DEVE SELECIONAR E CONTRATAR UMA EMPRESA QUE PRESTE ESSE SERVIÇO.



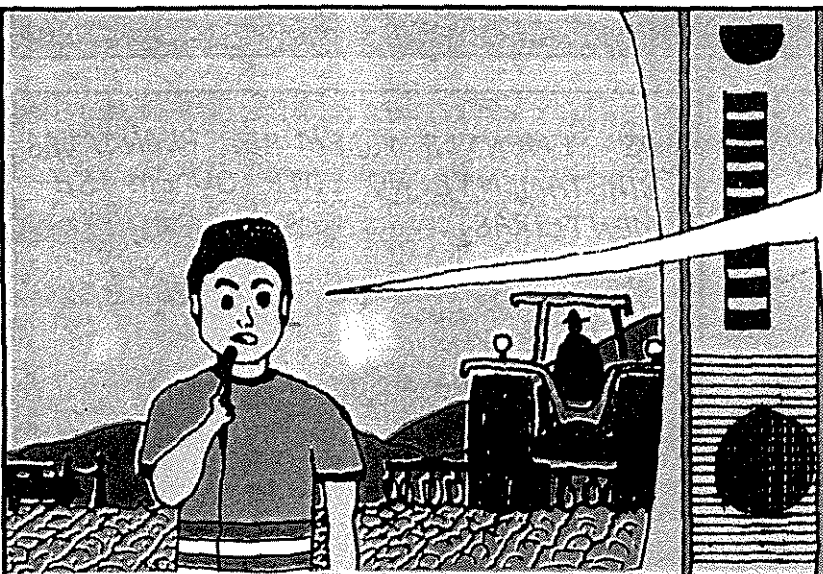
ESSA EMPRESA PODE SER A EMATER, QUE TEM ESCRITÓRIO AQUI?



CLARO! ELA É UMA EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL.



SEM A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO ADEQUADO DE IRRIGAÇÃO, SEM UM BOM PREPARO DO SOLO E SEM O CORRETO USO DE SEMENTES, FERTILIZANTES E DEFENSIVOS, NÃO HÁ COMO TERMOS UMA BOA PRODUÇÃO.



E QUE MÉTODOS DE IRRIGAÇÃO NOS PODEMOS UTILIZAR?



OS MÉTODOS DE IRRIGAÇÃO ATUALMENTE MAIS UTILIZADOS SÃO ESSES INDICADOS NO QUADRO.

MÉTODOS DE IRRIGAÇÃO

- Aspersão convencional
- Sulcos
- Inundação
- Canhão hidráulico
- Gotejamento
- Pivô central



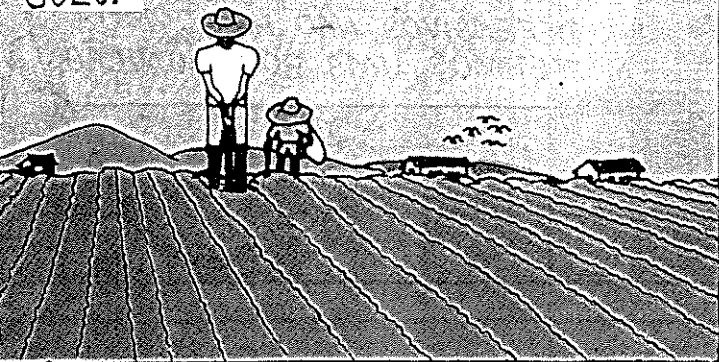
COM RELAÇÃO AO PREPARO DO SOLO, ESTE DEVE SER FEITO COM OS EQUIPAMENTOS MAIS ADEQUADOS.



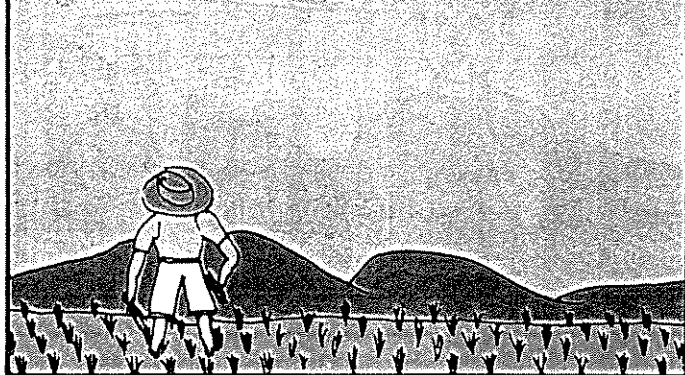
A ORIENTAÇÃO NO PLANTIO TAMBÉM É IMPORTANTE. O CORRETO ESPAÇAMENTO DAS MUDAS CONTRIBUI PARA O BOM DESENVOLVIMENTO DA PLANTA.



A SEMEADURA TAMBÉM DEVE SER CORRETA. ENTRE OUTROS FATORES, DEVE HAVER SUFICIENTE UMIDADE NO SOLO.



AS SEMENTES PODEM SER PLANTADAS DIRETAMENTE NO LOTE OU EM SEMEANTEIRAS.



O ASSISTENTE TÉCNICO DEVE ORIENTAR, TAMBÉM, OS TRATOS CULTURAIS, COMO AS CAPINAS E O DESBASTE.



E ESSES TRATOS FITOSSANITÁRIOS, COMO É ISSO?

TRATA-SE DOS CUIDADOS COM DOENÇAS E PRAGAS QUE ATACAM AS PLANTAS.



A EXEMPLO DO PREPARO DO SOLO, DA SEMEADURA E DOS TRATOS CULTURAIS, É MUITO IMPORTANTE FAZER OS TRATOS FITOSSANITÁRIOS.



TRATA-SE DA APLICAÇÃO DOS DEFENSIVOS, COMO INSETICIDAS E FUNGICIDAS, QUE PROTEGEM AS PLANTAS DE DOENÇAS.



MAS É PRECISO MUITO CUIDADO COM OS AGROTÓXICOS. ELES PODEM CAUSAR DANOS À SAÚDE DO TRABALHADOR, E PREJUDICAR A QUALIDADE DA ÁGUA E DO SOLO.



AGORA SÓ FALTA A COLHEITA E A VENDA DA PRODUÇÃO!

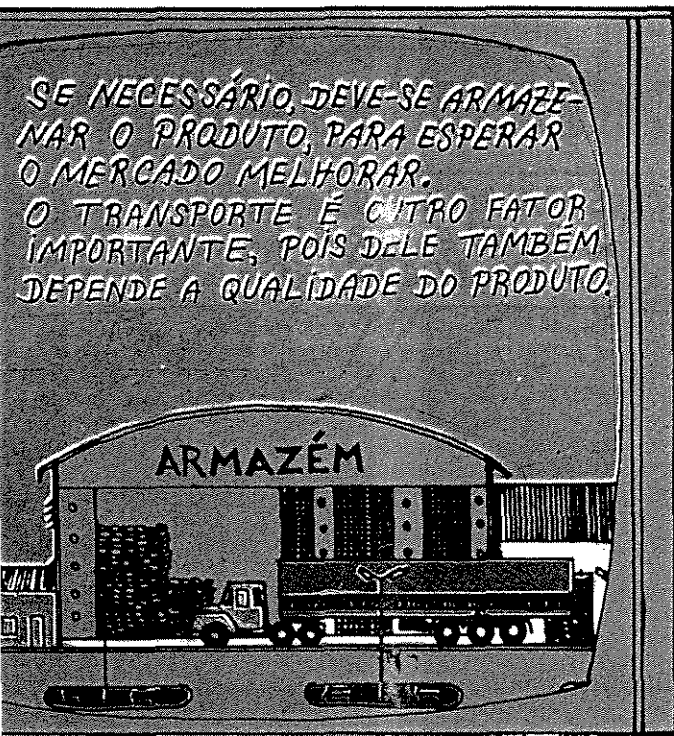


A COLHEITA BEM FEITA É MUITO IMPORTANTE, POIS DELA DEPENDE A QUALIDADE DO PRODUTO.



DEPENDENDO DA CULTURA E DO TAMANHO DO LOTE, A COLHEITA PODE SER MANUAL OU MECÂNICA.



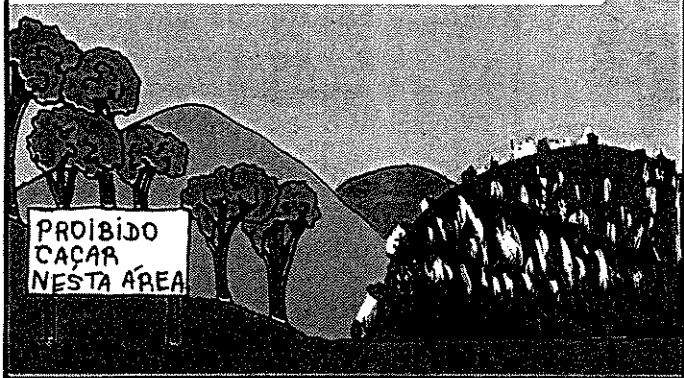


7. A PROTEÇÃO DO MEIO-AMBIENTE





AS QUEIMADAS TAMBÉM DEVEM SER EVITADAS, POIS ELAS ACABAM AS FORMAS DE VIDA QUE FERTILIZAM O SOLO, COMO AS MINHOCAS, OS PÁSSAROS E OS PEQUENOS INSETOS.



SE FOREM TOMADOS ESSES CUIDADOS, A REGIÃO VAI SE DESENVOLVER SEM AGREDIR A NATUREZA.



É NISSO QUE SE FALA TANTO NA TELEVISÃO!



SERÁ A TAL DA ECOLOGIA?



É ISSO MESMO!



EM RESUMO, ESSES SÃO OS CUIDADOS QUE NOS DEVEMOS TOMAR COM O MEIO-AMBIENTE.

IRRIGAÇÃO E PROTEÇÃO AMBIENTAL	
RECOMENDAÇÕES	RESULTADOS
NÃO DERRUBAR AS MATAS	EVITA EROSÃO
MANTER OS DRENOS LIMPOS	EVITA A SALINIZAÇÃO
CONTROLAR OS AGROTÓXICOS	EVITA CONTAMINAÇÃO
MANTER OS CANAIS LIMPOS	ÁGUA DE BOA QUALIDADE
PROIBIR AS QUEIMADAS	PROTEGE SOLOS, FAUNA E FLORA
PROTEGER OS RIOS	CONSERVA ÁGUA E ANIMAIS
ADUBAÇÃO ORGÂNICA	BOA FERTILIDADE DO SOLO
CONTROLE DE PRAGAS	MAIOR PRODUÇÃO E RENDA
REFLORESTAMENTO	EVITA EROSÃO E ENCHENTES

FIM